



“A inabalável convicção de Mitch Albom
de que nossas vidas têm sentido
é reconfortante.” – *People Magazine*

O guardião do tempo

Mitch Albom

Autor de *A última grande lição*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O guardião do tempo



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



O guardião do tempo

Mitch Albom



Título original: *The Time Keeper*

Copyright © 2012 por Mitch Albom, Inc.

Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode
ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Lucia Ribeiro da Silva

preparo de originais: Regina da Veiga Pereira

revisão: Rebeca Bolite e Rosana Alencar

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Laura Klynstra

imagem de capa: Shutterstock

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

produção digital: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

A295g

Albom, Mitch

O guardião do tempo [recurso eletrônico] / Mitch Albom [tradução de Vera
Ribeiro]; São Paulo: Arqueiro, 2013.

recurso digital

Tradução de: The time keeper

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-175-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

13-00323

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Este livro sobre o tempo é dedicado a Janine,
que faz com que cada minuto vivido valha a pena.*

Sumário

PRÓLOGO

Capítulo 1

O COMEÇO

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

CAVERNA

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

INTERVALO

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

A QUEDA

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

TERRA

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

CIDADE

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

DESISTINDO

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

VÉSPERA DE ANO-NOVO

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

QUIETUDE

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

FUTURO

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

EPÍLOGO

Capítulo 80

Capítulo 81

AGRADECIMENTOS

Conheça outro título do autor

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Informações sobre os próximos lançamentos



PRÓLOGO



1

Um homem senta-se sozinho numa caverna.

Seu cabelo é comprido. A barba desce até os joelhos. Ele apoia o queixo nas mãos em concha.

Fecha os olhos.

Está ouvindo algo. Vozes. Vozes incessantes. Que sobem de uma poça no canto da caverna.

São as vozes das pessoas da Terra.

Elas só querem uma coisa.

Tempo.

Sarah Lemon é uma dessas vozes.

Adolescente de nossa época, está esparramada na cama e olha atentamente para uma foto em seu celular: um rapaz bonito, de cabelos cor de café.

Hoje à noite ela se encontrará com ele. Às oito e meia. Repete o horário, empolgada – *Oito e meia, oito e meia!* –, e pensa no que vestir. Os jeans pretos? A blusinha sem manga? Não. Detesta seus braços. A blusinha sem manga não.

– Preciso de mais *tempo* – diz.

Victor Delamonte é uma dessas vozes.

Homem rico, na casa dos oitenta anos, está sentado num consultório médico. Sua mulher senta-se ao seu lado. Um papel branco cobre a mesa de exames.

O médico fala em voz baixa:

– Não há muito o que possamos fazer.

Meses de tratamento não funcionaram. Os tumores. Os rins.

A mulher de Victor tenta falar, mas as palavras ficam presas. Como se compartilhasse a mesma laringe, Victor pigarreia:

– O que a Grace está querendo perguntar é... quanto *tempo* me resta.

As palavras dele – e as palavras de Sarah – vagueiam até a caverna longínqua e até o homem solitário e barbudo no interior dela. Esse homem é o Pai do Tempo.

Talvez você ache que ele é um mito, um desenho em um cartão de Ano-Novo – idoso, extenuado, segurando uma ampulheta, mais velho do que qualquer um no planeta.

Mas o Pai do Tempo é real. E, na verdade, não pode envelhecer. Por baixo da barba desgrenhada e do cabelo comprido – sinais de vida, não de morte –, seu corpo é esguio e a pele não tem rugas, imune àquilo que ele domina. O tempo.

Houve uma época, antes de deixar Deus enraivecido, em que ele era apenas mais um homem fadado a morrer quando seus dias chegassem ao fim.

Agora, seu destino é diferente: banido para essa caverna, tem que ouvir todos os apelos do mundo – por mais minutos, mais horas, mais anos, mais tempo. Faz uma eternidade que está aqui. Perdeu a esperança. Mas para todos nós há um relógio batendo em algum lugar, em silêncio. E até para ele há um que bate.

O Pai do Tempo logo estará livre.

Para regressar à Terra.

E concluir o que começou.



O COMEÇO



2

Esta é uma história sobre o sentido do tempo.

Ela começa no passado remoto, no alvorecer da história do homem, com um garoto descalço que sobe correndo a encosta de um morro. À sua frente vai uma menina descalça que ele tenta alcançar. Isso é comum entre meninas e meninos.

Para esses dois, é como sempre será.

O nome do menino é Dhor. O da menina é Alli.

Na idade deles, são quase do mesmo tamanho. Têm vozes agudas, cabeleiras fartas e escuras e rostos salpicados de lama.

Ao correr, Alli olha para trás e sorri para Dhor. O que está sentindo são as primeiras palpitações do amor. Ela pega uma pedrinha e a joga bem alto na direção do menino.

Enquanto corre, Dhor conta quantas vezes respira.

Ele é a primeira pessoa da Terra a tentar fazer isto – contar, criar números. Começou casando um dedo com outro, dando a cada par um som e um valor. Em pouco tempo, estava contando tudo o que podia.

Dhor é meigo, uma criança obediente, mas seu pensamento se aprofunda mais do que o daqueles que o cercam. Ele é diferente.

E nessa página inicial da história humana, uma criança diferente pode mudar o mundo.

É por essa razão que Deus o observa.

– Dhor! – grita Alli.

Ele levanta a cabeça e sorri – sempre sorri para Alli – e a pedra cai a seus pés. Ele tem uma ideia.

– Jogue outra! – pede.

Alli a joga bem alto. Dhor conta os dedos, um som para um, outro som para dois...

– Aaaaaiii!

Leva um tranco por trás, de uma terceira criança: Nim, um menino muito maior e mais forte. Nim se vangloria por ter acertado o joelho nas costas de Dhor.

– Eu sou o rei!

As três crianças riem.

E recomeçam a correr.

Tente imaginar a vida sem a contagem do tempo.

É provável que você não consiga. Você sabe o mês, o ano, o dia da semana. Há um relógio na sua parede ou no painel do seu carro. Você tem uma agenda, uma folhinha, um horário para jantar ou assistir a um filme.

À sua volta, porém, a contagem do tempo é ignorada. Os pássaros não se atrasam. O cão não consulta o relógio. Os cervos não se inquietam com aniversários.

Só o ser humano mede o tempo.

Só o ser humano repica o som das horas.

E por isso só o ser humano sofre de um medo paralisante que nenhuma outra criatura suporta.

O medo de que o tempo se esgote.

3

Sarah Lemon teme que o tempo esteja acabando.

Sai do chuveiro e faz as contas. Vinte minutos para usar o secador, meia hora para se maquiar, meia hora para se vestir, quinze minutos para chegar lá.
Oito e meia, oito e meia!

A porta do quarto se abre. Sua mãe, Lorraine, diz:

– Querida?

– Bata, mamãe!

– Está bem. Toc-toc.

Lorraine olha para a cama. Vê as opções estendidas: duas calças jeans, três camisetas, um suéter branco.

– Aonde você vai?

– A lugar nenhum.

– Vai se encontrar com alguém?

– Não.

– Você fica bem com o suéter br...

– Mãe!

Lorraine suspira. Pega a toalha molhada no chão e se retira.

Sarah se volta para o espelho. Pensa no rapaz. Belisca a gordura em torno da cintura. Eca.

Oito e meia, oito e meia!

Decididamente, não vai usar o suéter branco.

Victor Delamonte teme que o tempo esteja acabando.

Ele e Grace saem do elevador e entram em seu apartamento na cobertura.

– Me dá seu casaco – diz Grace.

Ela o pendura no armário.

O silêncio impera. Victor usa uma bengala para se deslocar pelo corredor, passando na frente de uma grande tela a óleo de um mestre da pintura francesa. Seu abdômen lateja. Devia tomar um comprimido. Entra em seu escritório, cheio de livros e placas, e onde há uma enorme escrivaninha de mogno.

Pensa no médico. *Não há muito o que possamos fazer.* O que significa isso? Meses? Semanas? *Será que é o meu fim?* Esse não pode ser o seu fim.

Ouve o barulho dos saltos de Grace caminhando pelo piso de lajotas. Ouve-a disar o telefone.

– Ruth, sou eu – diz ela.

Ruth é sua irmã.

Grace baixa a voz:

– Acabamos de chegar do médico...

Sozinho em sua cadeira, Victor faz as contas da vida que definha. Sente um suspiro escapar-lhe do peito, como se alguém o fizesse desengasgar. Seu rosto se crispa. Os olhos ficam úmidos.

4

À medida que crescem, as crianças gravitam para seu destino.

Assim foi com Dhor, Nim e Alli, as três crianças naquela encosta de morro.

Nim ficou alto e espadaúdo.

Carregava tijolos de barro para o pai, um construtor. Gostava de ser mais forte do que os outros meninos. O poder tornou-se a fascinação de Nim.

Alli ficou mais bonita.

Sua mãe a aconselhou a manter o cabelo preto trançado e os olhos baixos, para que sua beleza não estimulasse desejos ruins nos homens. A humildade tornou-se o casulo de Alli.

E Dhor?

Bem, Dhor tornou-se um medidor de coisas. Fazia marcas em pedras, entalhes em pauzinhos, e dispunha gravetos, seixos e qualquer coisa que pudesse contar. Ficava muitas vezes com ar sonhador, pensando em números, e os irmãos mais velhos o deixavam para trás quando iam à caça.

Então, Dhor subia as colinas com Alli, e o pensamento corria à frente dele, fazendo-lhe sinal para que o acompanhasse.

E assim, numa manhã de calor, aconteceu uma coisa estranha.

Dhor, já adolescente pela contagem humana dos anos, sentou-se no chão e fincou uma vareta na terra. O sol estava forte, e o jovem notou a sombra do graveto.

Pôs uma pedra na ponta da sombra. Cantarolou consigo mesmo. Pensou em Alli. Os dois eram amigos desde pequenos, mas agora ele estava mais alto, e ela, *mais suave*. Dhor sentia uma fraqueza quando os olhos baixos da adolescente se levantavam para encontrar os seus. Era como se alguém o derrubasse.

Passou uma mosca voando e interrompeu seu devaneio.

– Sai! – disse ele, enxotando-a.

Ao olhar de novo para a vareta, viu que sua sombra já não chegava à pedra.

Dhor esperou, mas a sombra foi ficando ainda menor, porque o sol moveu-se no céu. Ele resolveu deixar tudo como estava e voltar no outro dia. E, no dia seguinte, quando o sol lançasse uma sombra que chegasse exatamente à pedra, esse momento seria... *o mesmo momento de hoje*.

Na verdade, ele raciocinou, será que todos os dias continham um momento desses? Um momento em que a sombra, a vareta e a pedra se alinhavam?

Ele o chamaria de momento da Alli, e pensaria nela todos os dias quando isso acontecesse.

Deu um tapinha na testa, orgulhoso de si mesmo.

E foi assim que o homem começou a marcar o tempo.

A mosca voltou.

Dhor tornou a espantá-la. Só que, dessa vez, ela se esticou numa sombra comprida e negra, que se abriu num bolsão de trevas.

Delas saiu um ancião, usando uma túnica branca.

Os olhos de Dhor se arregalaram de medo. Ele tentou correr, gritar, mas nada em seu corpo respondeu.

O ancião segurava um cajado de madeira dourada. Tocou a vareta solar de Dhor, e ela se elevou do chão e se transformou numa fileira de vespas. As vespas criaram um novo fio de escuridão, que se abriu como uma cortina descerrada.

O ancião a atravessou.

E desapareceu.

Dhor fugiu correndo.

Nunca falou com ninguém sobre essa visita.

Nem mesmo com Ali.

Não até o final.

5

Sarah encontra o tempo numa gaveta.

Abre-a para procurar seus jeans pretos e, em vez das calças, escondido quase no fundo da gaveta, descobre seu primeiro relógio – um modelo Swatch roxo, com pulseira de plástico. Os pais lhe deram de presente quando fez doze anos.

Dois meses depois, estavam divorciados.

– Sarah! – grita a mãe, do térreo.

– *O que é?* – grita ela de volta.

Depois da separação, Sarah ficou com Lorraine, que culpava Tom, o ex agora ausente, por tudo de errado que sucedia. Quando a mãe falava, Sarah acenava com a cabeça, em solidariedade. De certo modo, porém, as duas continuavam a esperar por ele: Lorraine, para que o marido admitisse estar errado, e Sarah, para que o pai a resgatasse. Nenhuma das duas coisas aconteceu.

– *O que é, mãe?* – Sarah torna a gritar.

– Você precisa do carro?

– Não preciso do carro.

– *O quê?*

– Não preciso do carro!

– Aonde você vai?

– A lugar nenhum!

Sarah verifica o relógio roxo, que ainda funciona: são 18h59.

Oito e meia, oito e meia!

Fecha a gaveta e grita para si mesma:

– Concentre-se!

Onde estão os jeans pretos?

Victor encontra o tempo numa gaveta.

Tira dela a sua agenda. Verifica a programação do dia seguinte, que inclui uma reunião de diretoria às dez horas da manhã, uma conferência telefônica às duas da tarde e um jantar às oito da noite, com um executivo brasileiro cuja empresa Victor está comprando. Do jeito que se sente agora, terá sorte se conseguir levar um desses compromissos até o fim.

Engole um comprimido. Ouve a campainha. Quem será, nesse horário? Escuta Grace caminhar pelo corredor. Vê a foto do casamento sobre a escrivaninha, os dois muito jovens, muito saudáveis, nada de tumores, de insuficiência renal.

– Victor?

Ela está na porta do escritório com um homem de uma empresa de serviços, que empurra uma grande cadeira de rodas.

– O que é isso? – pergunta Victor.

Grace força um sorriso:

– Nós tínhamos decidido, você lembra?

– Ainda não preciso dela.

– Victor.

– *Não preciso dela!*

Grace olha para o teto.

– Deixe a cadeira aí – diz ao homem da firma.

– No corredor – instrui Victor.

– No corredor – repete Grace.

Ela acompanha o homem até a saída.

Victor fecha a agenda e esfrega o abdômen. Pensa no que o médico disse.

Não há muito o que possamos fazer.

Ele tem que fazer *alguma coisa*.

6

Dhor e Alli se casaram.

Subiram ao altar numa noite cálida de outono. Trocaram presentes. Alli usou um véu. Dhor derramou perfume sobre a cabeça dela e declarou: “Alli é minha mulher. Encherei seu colo de prata e ouro.” Era assim que se fazia em sua época.

Dhor teve uma sensação tranquilizadora de calor ao dizer essas palavras, *Alli é minha mulher*, porque, desde pequenos, Alli era como o sol para ele, sempre por perto. Só Alli conseguia desviá-lo de suas contagens. Só Alli sabia levar-lhe água do grande rio, sentar-se a seu lado e cantarolar melodias suaves. Ele bebericava água do copo e nem percebia por quanto tempo a olhava fixamente.

E agora estavam casados, o que o deixava feliz. Nessa noite, ele observou uma lua crescente por entre as nuvens e usou-a para marcar aquele momento, a luz da noite em que os dois se uniram.

Dhor e Alli tiveram três filhos.

Um filho, uma filha, depois outra filha. Moravam com a família de Dhor, na casa de seu pai, perto de outras três casas de pau a pique. As famílias viviam juntas nessa época – pais, filhos e netos –, todos sob o mesmo teto. Somente ao adquirir riqueza é que um filho se mudava para sua própria casa.

Dhor jamais enriqueceria.

Nunca encheria o colo de Alli de prata e ouro. Todas as cabras, ovelhas e bois pertenciam a seus irmãos ou a seu pai, que muitas vezes lhe batia por ele desperdiçar seus dias em medições tolas. A mãe chorava ao vê-lo debruçado sobre seu trabalho. Achava que os deuses o tinham deixado fraco.

“Por que você não pode se parecer mais com Nim?”, ela perguntava.

Nim tinha se tornado um rei poderoso.

Era dono de grande riqueza e muitos escravos. Começara a construir uma torre enorme e, em certas manhãs, Dhor e Alli passavam por ela com os filhos.

– Você brincava com ele quando era pequeno? – perguntou o filho a Dhor.

O pai fez que sim com um aceno da cabeça. Alli segurou o braço do marido e disse:

– Seu pai era um corredor mais veloz e um alpinista melhor.

Dhor sorriu:

– Sua mãe era mais rápida do que todos nós.

As crianças riram e puxaram as pernas dela.

– Se o seu pai está dizendo, deve ser verdade – afirmou a mãe.

Dhor contou os escravos que trabalhavam na torre de Nim; contou-os até esgotar seus números. Pensou em como tinham sido diferentes os rumos da vida de Nim e da sua.

Nesse dia, mais tarde, Dhor fez entalhes numa tabuleta de barro para marcar o caminho do sol pelo céu. Quando as crianças tentaram pegar seus instrumentos para brincar, Alli afastou gentilmente suas mãos e beijou seus dedos.

À medida que ia ficando mais velho,

Dhor foi brincando com todas as formas de medição do tempo que a ciência, posteriormente, atribuiria a outros.

Muito antes dos obeliscos egípcios, Dhor capturava sombras. Muito antes das clepsidras gregas, ele fazia medições com água.

Viria a inventar o primeiro quadrante solar. Criaria o primeiro relógio e até o primeiro calendário.

“À frente de seu tempo” é a expressão que usamos.

Dhor estava à frente de todos.

Consideremos a palavra “tempo”.

Nós a usamos em inúmeras expressões. Passar tempo. Desperdiçar tempo. Matar tempo. Perder tempo.

No devido tempo. Já não é sem tempo. Dá tempo. Poupar tempo.

Muito tempo. Bem a tempo. Sem tempo. Dar tempo ao tempo. No tempo certo. Ganhar tempo. Marcar tempo. Esticar o tempo.

Há tantas expressões com “tempo” quantos são os minutos do dia.

Mas houve época em que não havia nenhuma palavra para isso. Porque não havia ninguém contando.

E então, Dhor começou a contar.

E tudo se modificou.

7

Um dia, quando seus filhos já estavam crescidos o bastante para correr sozinhos, subindo as encostas, Dhor recebeu uma visita do rei Nim, seu amigo de infância.

– O que é isso? – perguntou Nim.

Dhor segurava uma vasilha. Havia um buraquinho perto do fundo.

– É um medidor – respondeu Dhor.

– Não, Dhor. – Nim riu. – É uma vasilha inútil. Olhe para esse buraco. Qualquer água que você puser aí dentro vai escorrer.

Dhor não o questionou. Como poderia? Enquanto ele passava os dias com ossos e pauzinhos, Nim liderava ataques a vilarejos vizinhos, apossava-se dos bens das pessoas e declarava que elas deviam segui-lo.

Essa visita era incomum, a primeira em muitas luas. Nim usava um impressionante manto de lã, tingido de púrpura, a cor da riqueza.

– Está sabendo da torre que construímos? – perguntou Nim.

– Não se assemelha a nada que eu já tenha visto – respondeu Dhor.

– Aquilo é só o começo, meu amigo. Ela vai nos levar ao céu.

– Para quê?

– Para derrotar os deuses.

– Derrotá-los?

– Sim.

– E depois?

Nim estufou o peito:

– Depois, governarei lá do alto.

Dhor desviou os olhos.

– Venha comigo – disse Nim.

– Eu?

– Você é inteligente, eu o conheço desde que éramos crianças. Você não é louco, como os outros dizem. Os seus conhecimentos e essas... coisas... – Apontou para os instrumentos. – Eles poderiam tornar a minha torre mais sólida, não é?

Dhor encolheu os ombros.

– Mostre-me como funcionam – pediu Nim.

Durante o resto da tarde, Dhor explicou suas ideias.

Mostrou a Nim como a sombra da vareta do sol se alinhava com suas marcas, e como os entalhes na vareta dividiam o dia em partes. Expôs sua coleção de pedras que mapeavam as fases da lua.

Nim não compreendeu a maior parte do que Dhor disse. Balançou a cabeça negativamente e insistiu em que o deus do sol e o deus da lua travavam uma batalha constante, o que explicava sua ascensão e queda. O importante era o poder. E era o poder que o esperava, quando a torre estivesse concluída.

Dhor escutou, mas não pôde imaginar Nim tomando as nuvens de assalto. Que probabilidade teria ele?

Terminada a conversa, Nim pegou uma das varetas solares.

– Vou levar isto – disse.

– Espere...

Nim encostou-a no peito:

– Faça outra. Leve-a quando for me ajudar na torre.

Dhor baixou os olhos:

– Não posso ajudá-lo.

Nim rangeu os dentes:

– Por que não?

– Tenho meu trabalho.

Nim riu e perguntou:

– Fazer buracos em tigelas?

– É mais do que isso.

– Não vou perguntar de novo.

Dhor não disse nada.

– Como quiser – falou Nim, soltando a respiração. Dirigiu-se à porta. – Mas você terá que sair da cidade.

– Sair?

– Sim.

– E ir para onde?

– Isso não me diz respeito. – Nim examinou os entalhes na vareta do sol.

– Mas vá para longe. Se não o fizer, meus homens o obrigarão a ir para a torre... assim como farão com os outros.

Passou pelas tigelas, levantou a que tinha o buraquinho, virou-a de boca para baixo e balançou a cabeça:

– Jamais esquecerei a nossa infância – disse. – Mas não voltaremos a nos ver.

8

Sarah Lemon está ficando sem tempo.

São 19h25 e os jeans pretos, que Sarah finalmente encontrou na máquina de lavar, estão rodando dentro da secadora à temperatura máxima, e seu cabelo está tão rebelde que ela tem vontade de cortá-lo. Sua mãe já voltou duas vezes ao seu quarto, na segunda segurando uma taça de vinho, e opinou sobre a maquiagem da filha. (“Tá, mãe, já entendi”, disse a garota, dispensando-a.) Sarah escolheu uma camiseta cor de framboesa, as calças jeans pretas – *se algum dia elas secarem!* – e as botas pretas de salto alto. O salto fará com que pareça mais magra.

Deve encontrar-se com o rapaz na porta de uma loja de conveniência – *Oito e meia, oito e meia!* –, e talvez eles comam alguma coisa, ou vão a algum lugar. Como ele quiser. Até agora, só se encontraram nas manhãs de sábado, num abrigo em que trabalham. Mas Sarah insinuou várias vezes que poderiam sair juntos, até que, na semana anterior, ele finalmente disse: “É, legal, quem sabe na sexta?”

Agora é sexta-feira e ela sente calafrios. Nunca um garoto como aquele – popular, bonito – havia prestado atenção nela. Quando está com ele, Sarah quer que os minutos andem mais devagar, mas, até o momento de encontrá-lo, não vê a hora de passarem.

Olha para o espelho:

– Droga de cabelo!

Victor Delamonte está ficando sem tempo.

São 19h25. Os escritórios da costa leste devem estar fechados, mas não os da costa do Pacífico.

Ele pega o telefone. Disca para um local de fuso horário diferente. Pede o Departamento de Pesquisas. Enquanto espera, corre os olhos pelos livros

nas prateleiras da estante e faz um inventário mental: *Li. Nunca li. Nunca li...*

Se usasse cada um dos minutos que o médico disse que lhe restam, não conseguiria terminar todos aqueles livros. E este é só um cômodo. De uma casa. Inaceitável. Ele é rico. Tem que fazer alguma coisa.

– Departamento de Pesquisa – diz uma voz feminina.

– Aqui é o Victor.

– Sr. Delamonte? – a voz soa nervosa. – Em que posso ajudá-lo?

Ele pensa em Grace e na cadeira de rodas que ela encomendou. Não vai desistir tão facilmente.

– Quero que você cuide imediatamente de uma coisa. E me mande tudo que encontrar.

– Com certeza. – A pesquisadora se prepara para digitar. – Qual é o assunto?

– Imortalidade.

9

Depois da visita de Nim, Dhor e Alli subiram uma encosta para assistir ao pôr do sol.

Faziam isso quase todo anoitecer, lembrando os dias da infância em que corriam um atrás do outro. Dessa vez, porém, Dhor ficou calado. Levou diversas vasilhas e um jarro de água. Quando se sentaram, contou a Alli sobre a visita de Nim. A mulher desatou a chorar.

– Mas para onde nós iremos? – perguntou. – Aqui é nossa casa, aqui está nossa família. Como vamos sobreviver?

Dhor baixou os olhos.

– Você quer que eu seja escravo naquela torre?

– Não.

– Então, não temos alternativa.

Dhor tocou nas lágrimas da mulher e as enxugou.

– Estou com medo – murmurou Alli.

Envolveu o marido nos braços e apoiou a cabeça em seu ombro. Fazia isso todas as noites, e, como a maioria das suas pequenas demonstrações de amor, essa tinha grande impacto. Dhor sentia uma onda de calma sempre que Alli o abraçava, como se fosse embrulhado numa manta, e sabia que nenhuma outra pessoa jamais o amaria ou compreenderia como sua mulher. Aninhou o rosto no cabelo comprido e negro de Alli e respirou como nunca respirava, a não ser quando estava com ela.

– Eu a protegerei – prometeu.

Passaram muito tempo sentados, contemplando o horizonte.

– Olhe – murmurou Alli.

Ela adorava as cores do ocaso, os tons de laranja, rosa-claro, vermelho intenso.

Dhor levantou-se.

– Aonde você vai? – perguntou Alli.

– Preciso fazer uma experiência.

– Fique comigo.

Mas Dhor foi na direção das pedras. Colocou água numa tigela pequena e colocou outra, grande, embaixo. Retirou um pedaço de barro que tapava um buracinho na tigela superior – aquela de que Nim tinha zombado – e a água começou a pingar, uma gota silenciosa após outra.

– Dhor? – murmurou Alli.

Ele não levantou a cabeça.

– Dhor?

Alli abraçou os joelhos. O que aconteceria com eles?, pensou. Para onde iriam? Baixou a cabeça e fechou os olhos com força.

Se houvesse alguém registrando a história, escreveria que, no momento em que um homem inventou o primeiro relógio do mundo, sua mulher estava sozinha, chorando baixinho, enquanto ele era consumido pela contagem.

Dhor e Alli permaneceram na encosta nessa noite.

Ela dormiu. Mas ele lutou contra o cansaço, para estar acordado quando o sol nascesse. Viu o céu passar do negrume da noite para o roxo-escuro e o azul-esmaecido. Então, uma explosão de raios pareceu branquear tudo, quando a cúpula do sol espiou por cima da linha do horizonte, como a pupila dourada de um olho que se abrisse.

Se fosse mais sábio, Dhor teria se deslumbrado com a beleza do alvorecer e dado graças por poder testemunhá-la. Mas ele não estava pensando no milagre do dia, apenas em medir sua duração. Quando o sol apareceu, ele tirou a tigela grande de baixo da que pingava, pegou uma pedra afiada e fez uma marca na linha-d'água.

Isso, ele concluiu – essa quantidade de água –, era a medida entre as trevas e a luz. De agora em diante, ninguém mais precisaria rezar para que o

deus sol retornasse. As pessoas poderiam usar esse relógio de água, ver o nível dela subindo, e saber que se aproximava o amanhecer. Nim estava errado. Não havia batalha divina entre o dia e a noite. Dhor capturara os dois numa tigela.

Jogou fora a água.

Deus também viu isso.

10

Sarah está nervosa.

Ela desce a escada depressa, com seus jeans ainda mornos. Sente uma onda de pânico. Lembra-se de uma noite, dois anos antes – uma das poucas vezes em que saiu com um garoto. Um Baile de Inverno. Um garoto da sua turma de matemática. As mãos dele eram úmidas. O hálito cheirava a pretzel. Ele foi embora com os amigos. Ela teve de telefonar para que a mãe fosse buscá-la.

Esse é diferente, ela diz a si mesma. Aquele era um menino esquisito, este é um rapaz. Tem dezoito anos. É popular. Qualquer garota da escola iria querê-lo. *Olhe só a foto dele!* E o rapaz vai sair com *ela!*

– A que horas você vai voltar? – pergunta Lorraine, levantando a cabeça, sentada no sofá. A taça de vinho está quase vazia.

– Hoje é sexta-feira, mãe.

– É só uma pergunta.

– Não sei, está bem?

Lorraine esfrega as têmporas:

– Não sou sua inimiga, meu bem.

– Eu não disse que *era*.

Sarah consulta o relógio. Não pode se atrasar.

Oito e meia! Oito e meia!

Tira o casaco do armário.

Victor está nervoso.

Tamborila na escrivaninha, aguardando a ligação do Departamento de Pesquisas. A voz de Grace soa pelo interfone.

– Meu bem, você está com fome?

– Um pouco.

– Que tal uma sopa?

Victor olha pela janela. A cobertura em Nova York é uma das cinco residências que eles possuem. As outras quatro ficam na Califórnia, no Havaí, nos Hamptons e na região central de Londres. Depois do diagnóstico de câncer, ele não esteve em qualquer uma delas.

– Sopa está ótimo.

– Vou levá-la para você.

– Obrigado.

Desde que descobriram a doença, Grace tem sido mais gentil, mais meiga e paciente. Eles têm quarenta e quatro anos de casados. Nos últimos dez, viveram mais como colegas de quarto.

Victor pega o telefone, para ver como está indo a pesquisa. Mas, quando Grace entra com a sopa, ele desliga.

11

Dhor e Alli puseram suas poucas posses no lombo de um burro e foram morar no planalto serrano.

Decidiram que os filhos estariam mais seguros com os pais de Dhor. Alli ficou arrasada. Por duas vezes, fez Dhor voltar, só para poder abraçá-los. Quando a filha mais velha perguntou “Agora sou eu a mãe?”, Alli se desfez em prantos.

A nova moradia era pequena, construída com feixes de junco. Era frágil para resistir ao vento e à chuva. Sozinhos, sem família, o casal contava apenas um com o outro. Plantavam o que podiam, pastoreavam ovelhas e uma só cabra, e racionavam a água obtida nas longas viagens ao grande rio.

Dhor continuou a fazer suas medições, usando ossos, varetas, o sol, a lua e as estrelas. Era a única coisa que lhe permitia sentir-se produtivo. Alli tornou-se retraída. Uma noite, Dhor a viu abraçando a manta do filho e olhando fixamente para o chão.

De vez em quando, o pai de Dhor lhes levava comida, por insistência da esposa, e a cada visita falava da torre de Nim, de como estava alta, e contava que a construção era feita com madeira de pinheiro e que o reboco de barro vinha de Shinar.

Certa ocasião, Nim subiu quase até o topo da torre, disparou uma flecha para o céu e afirmou que, quando ela caiu, havia sangue na ponta. O povo se curvou diante dele, acreditando que o rei tinha ferido os deuses. Em breve, ele e seus melhores guerreiros chegariam às nuvens, derrotariam o que quer que os esperasse, e governariam lá de cima.

– Ele é um rei grande e poderoso – disse o pai de Dhor.

Dhor abaixou a cabeça. Nim era a razão de eles estarem vivendo no exílio. A razão pela qual ele não podia abraçar seus filhos todas as manhãs. Pensou em sua vida de menino, ele, Nim e Alli correndo pelas montanhas.

Para ele, Nim era apenas outro homem, na verdade ainda um menino, sempre querendo ser o mais forte.

– Obrigado pela comida, pai – disse Dhor.

12

– Dhor, temos visitas.

Alli levantou-se. Um casal idoso vinha se aproximando a pé. Muitas luas tinham passado desde o banimento de Dhor – mais de três anos, pelo nosso calendário –, e Alli sentia-se grata por qualquer companhia. Saudou o homem e a mulher e lhes ofereceu comida e água, embora houvesse pouquíssimas sobras.

Dhor orgulhou-se da bondade da esposa. Mas ficou preocupado com os visitantes, que não pareciam estar bem. Tinham os olhos vermelhos e lacrimejantes, e havia manchas escuras em sua pele. Quando ficou a sós com Alli, alertou-a:

– Não toque neles. Receio que estejam doentes.

– Eles estão sozinhos e são pobres – protestou a mulher. – Não têm mais ninguém. Demonstre-lhes a misericórdia que gostaríamos de receber.

Alli serviu bolo e creme de cevada às visitas, além do pouco leite de cabra que restava. Ouviu-os contarem sua história. Eles também tinham sido expulsos de sua aldeia, pois o povo temia que as manchas escuras significassem que eles tinham sido amaldiçoados. Agora viviam como nômades, numa tenda feita de pele de cabra. Deslocavam-se em busca de sustento, enquanto esperavam a morte.

A velha senhora chorou ao contar isso. Alli chorou com ela. Sabia o que era perder seu lugar no mundo. Segurou o copo para que a anciã pudesse beber.

– Obrigada – murmurou ela.

– Beba – disse Alli.

– À sua bondade...

Estendeu os braços para abraçar Alli, as mãos enrugadas e trêmulas. Alli inclinou-se e encostou o rosto no dela. Sentiu as lágrimas da anciã se

misturarem com as suas.

– Fique em paz – disse Alli.

Quando os dois se foram, Alli deu discretamente à idosa uma sacola com os últimos pedaços do bolo de cevada que restavam. Dhor verificou a vasilha de seu relógio d'água e viu que ainda faltava a altura de uma unha até o sol desaparecer.

13

Antes de medir os anos, medem-se os dias.

E antes dos dias, mede-se a lua. Dhor tinha feito isso no exílio, mapeando as fases dela – lua cheia, meia lua, quarto de lua, sem lua. Ao contrário do sol, que parecia o mesmo todos os dias, a lua mutável deu a Dhor algo que contar, e ele fez buracos em tabuletas de barro até notar um padrão. O padrão era o que, tempos depois, os gregos chamariam de “meses”.

Ele atribuiu uma pedra a cada lua cheia. Fez marcas em tabuletas para as luas intermediárias. Criou o primeiro calendário.

E agora, todos os seus dias eram contados.

No quinto entalhe da terceira pedra, ele ouviu Alli tossir.

Em pouco tempo, a tosse tornou-se mais forte, uma grande explosão que fazia sua cabeça projetar-se para a frente.

No começo, ela tentou continuar cuidando das tarefas diárias na casa de junco. Mas ficou tão fraca que, um dia, caiu quando preparava uma refeição. Dhor insistiu para que ela se deitasse num cobertor. A transpiração brotava em gotas de suas têmporas. Seus olhos estavam vermelhos e lacrimejantes. Dhor notou uma mancha em seu pescoço.

Por dentro, sentiu-se zangado. Tinha avisado que Alli não devia tocar nas visitas, e agora elas haviam transmitido sua maldição. Dhor desejou que nunca tivessem aparecido.

– O que devemos fazer? – perguntou Alli.

Dhor secou-lhe a testa com a manta. Sabia que eles deviam procurar um Asu, um curandeiro, que poderia dar uma beberagem ou uma pomada, para fazer a doença de Alli ir embora. Mas a cidade era distante demais. Como ele

poderia deixá-la? Os dois estavam sozinhos naquelas terras altas, isolados de qualquer opção.

– Durma – sussurrou Dhor. – Você vai melhorar logo.

Alli assentiu com a cabeça e fechou os olhos. Não viu Dhor pestanejar para afastar as lágrimas.

14

Sarah fala com o tempo. “Ande mais devagar”, ela pede.

Sai de mansinho pela porta e segue pela rua. Imagina o rapaz do cabelo cor de café. Imagina que ele a recebe com um beijo súbito, arrebatador.

Olha para trás e vê uma luz se acender no quarto da mãe. Acelera o passo. Sua mãe seria bem capaz de abrir a janela e gritar para todo o quarteirão ouvir. Como muitas adolescentes, Sarah acha a mãe um enorme constrangimento. Fala demais. Usa maquiagem demais. Vive corrigindo a filha – *Sente direito, Ajeite o cabelo* –, quando não fica se queixando com as amigas sobre o pai de Sarah, que já nem mora mais no mesmo estado. *Tom fez isso. Tom esqueceu aquilo. Tom atrasou de novo o cheque da pensão.* Mãe e filha já foram mais próximas. Nos últimos tempos, porém, compartilham uma incompreensão mútua; cada uma parece perplexa com a outra. Sarah não conversa com Lorraine sobre os rapazes; não que tenha tido muito o que conversar até agora.

Oito e meia, oito e meia!

Ela ouve um bipe. Seu celular.

Tira-o do bolso do casaco.

Victor fala com o tempo. “Ande mais depressa”, ele pede.

Já faz uma hora, e ele está acostumado a respostas rápidas. O fato de tudo à sua volta marcar a passagem do tempo também não ajuda em nada. Na escrivaninha, há um relógio de mesa. A tela do computador marca os segundos. O celular, o telefone de mesa, a impressora, o aparelho de DVD, todos têm relógios com mostruários digitais. Na parede, há uma placa de madeira com três relógios em três fusos horários diferentes – Nova York, Londres, Pequim –, que representam os principais escritórios de outra companhia pertencente a ele.

Ao todo, são nove fontes diferentes de tempo em seu escritório.

O telefone toca. Finalmente. Ele atende:

– Alô.

– Estou enviando um material por fax.

– Ótimo.

Victor desliga. Grace entra.

– Quem era?

Ele mente:

– Uma coisa sobre as reuniões de amanhã.

– Você tem que ir?

– Por que não?

– Eu só achei...

Grace se detém. Balança a cabeça num gesto afirmativo. Leva os pratos para a cozinha.

O aparelho de fax toca e Victor chega mais perto quando o papel começa a deslizar.

15

Dhor deitou-se no chão ao lado da mulher. As estrelas tomaram conta do céu.

Fazia dias que ela não comia. Estava transpirando muito, e ele se preocupava com sua respiração ofegante.

Por favor, não me deixe, pensou. Não poderia suportar o mundo sem Alli. Percebeu quanto dependia dela, desde a manhã até a noite. Ela era sua única conversa. Seu único sorriso. Preparava a comida escassa dos dois e sempre a oferecia ao marido primeiro, apesar de Dhor insistir em que ela comesse antes. Os dois se encostavam um no outro durante o pôr do sol. Dormir abraçado com sua mulher parecia ser a última ligação dele com a humanidade.

Dhor tinha as medições do tempo e tinha Alli. Essa era a sua vida. Desde que se dera por gente foram assim, Dhor e Alli, desde crianças.

– Não quero morrer – murmurou ela.

– Você não vai morrer.

– Quero ficar com você.

– Você está comigo.

Ela tossiu sangue. Dhor o limpou.

– Dhor?

– Sim, meu amor.

– Peça ajuda aos deuses.

Dhor fez o que ela pediu. Passou a noite inteira em claro.

Rezou como nunca tinha rezado. No passado, sua confiança fora depositada em medidas e números. Mas, nesse momento, ele implorou aos deuses altíssimos – os que regiam o sol e a lua – que parassem tudo, que

mantivessem o mundo na escuridão, que deixassem o relógio de água transbordar. Se isso acontecesse, Dhor teria tempo para encontrar um curandeiro capaz de salvar sua amada.

Balançou-se para a frente e para trás. Repetiu um murmúrio – *Por favor, por favor, por favor, por favor...* –, fechando os olhos com força, porque, de algum modo, isso tornava as palavras mais puras. Mas, ao permitir que suas pálpebras se erguessem na mais ínfima abertura, viu o que o apavorava: a primeira mudança de cores no horizonte. Viu que a vasilha estava quase na marca do dia. Viu que suas medições eram exatas, odiou o fato de serem exatas, e maldisse seus conhecimentos e os deuses que o tinham abandonado.

Ajoelhou-se ao lado da mulher, cujo rosto e cabelo estavam encharcados de suor, e inclinou-se na direção dela, encostando a pele em sua pele, a face em sua face, e suas lágrimas misturaram-se às dela, enquanto ele murmurava:

– Vou fazer cessar o seu sofrimento, vou fazer parar tudo.

Quando o sol nasceu, Dhor não conseguiu mais despertá-la.

Massageou-lhe os ombros. Cutucou seu queixo.

– Alli – murmurou. – Alli, minha mulher... abra os olhos.

Ela estava imóvel, a cabeça caída no cobertor, a respiração frágil. Dhor sentiu-se inundar por uma onda de raiva, um uivo primitivo que começou em seus pés e subiu em disparada pelos pulmões.

Seu grito foi levado pelo ar vazio das planícies elevadas.

Dhor levantou-se devagar, como que em transe.

E começou a correr.

Correu durante toda a manhã e sob o sol do meio-dia. Correu com os pulmões em fogo, até finalmente vê-la.

A torre de Nim.

Erguia-se altíssima, o topo escondido por nuvens. Dhor correu para ela, obcecado com uma derradeira esperança. Tinha observado o tempo,

mapeado o tempo, medido o tempo, analisado o tempo, e agora estava decidido a chegar ao único lugar em que o tempo poderia ser modificado.

O céu.

Ele subiria na torre e faria o que os deuses não tinham feito.

Faria o tempo parar.

A torre era uma pirâmide, as escadas eram reservadas para a gloriosa subida de Nim.

Ninguém se atrevia a pôr os pés nelas. Alguns homens até abaixavam os olhos ao passar.

Assim, quando Dhor chegou à base, vários guardas levantaram a cabeça, mas nenhum suspeitou do que ele tentaria fazer. Antes que pudessem reagir, Dhor disparou escada acima pelos degraus especiais do rei. Os escravos ficaram olhando, confusos. “Quem é aquele homem?” “Faz parte do grupo?” Era o que gritavam uns para os outros. Vários largaram as ferramentas e tijolos.

Mais do que depressa, os escravos também começaram a subir, convencidos de que fora iniciada a corrida para o céu. Os guardas os seguiram. Pessoas próximas da base juntaram-se a eles. A ânsia de poder é um sentimento inflamável, e não tardou para que milhares de pessoas escalassem a fachada da torre. Podia-se ouvir o rugido crescente, o berro coletivo de homens violentos, prontos a se apossar do que não era seu.

O que aconteceu em seguida é tema de discussão.

Tal como o episódio é narrado pela história, a Torre de Babel foi destruída ou abandonada. Mas o homem que viria a se tornar o Pai do Tempo pôde testemunhar algo diferente, porque seu destino foi selado nesse mesmo dia.

À medida que as pessoas subiam, a estrutura começou a desmoronar. Os tijolos vermelhos foram derretendo. Ouviu-se um estrondo – e a base da torre se desfez. O topo explodiu em chamas. A parte central ficou pendurada no ar, desafiando tudo o que o homem já tinha visto. Os que procuravam

chegar ao céu foram atirados para longe, como neve sacudida de um galho de árvore.

Em meio a tudo isso, Dhor foi subindo, até ser a única figura que ainda se agarrava aos degraus. Subiu vencendo a tontura, vencendo a dor, vencendo as pernas cansadas e a constrição no peito. Foi subindo de degrau em degrau, enquanto os corpos rodopiavam à sua volta. Vislumbrou braços, cotovelos, pés, cabelos.

Milhares de homens foram lançados da torre naquele dia, com as línguas torcidas numa multiplicidade de idiomas. O plano egoísta de Nim foi destruído antes que ele disparasse outra flecha para o céu.

Apenas um homem teve permissão para subir em meio às brumas, um homem que foi levantado como se o puxassem por baixo dos braços e depositado no chão de um lugar fundo e escuro, um lugar que ninguém sabia existir e que ninguém jamais acharia.

16

Isso logo acontecerá.

Uma onda começa a se formar no mar e um garoto se ergue sobre sua prancha de surfe. Firma os dedos dos pés. Direciona a prancha para a onda.

O mar se imobiliza. Ele também.

Isso logo acontecerá.

Uma cabeleireira puxa para trás uma mecha de cabelo e desliza a tesoura. Aperta. Ouve-se um som discreto de trituração.

O cabelo se desprende e cai em direção ao piso.

Então para em pleno ar.

Isso logo acontecerá.

Num museu da Huttenstrasse, em Düsseldorf, na Alemanha, um segurança olha de relance para um visitante de aparência estranha. É magro. Tem o cabelo comprido. Vai em direção a uma mostra de relógios antigos. Abre uma vitrine.

– *Nein, bi...* – adverte o guarda, agitando o indicador, mas imediatamente ele se sente relaxado, confuso, perdido em pensamentos. Pensa ver o estranho retirar todos os relógios, estudá-los, desmontá-los e remontá-los, num ato que levaria semanas.

Emergindo dos pensamentos, ele termina a palavra:

–... *itte.*

Porém o homem se foi.



CAVERNA



Dhor acordou numa caverna.

Não havia luz, mas, de algum modo, ele enxergava. Havia protuberâncias de pedra sob seus pés e picos irregulares que apontavam para cima.

Ele esfregou as mãos nos joelhos e cotovelos. Estava vivo? Como tinha chegado ali? A dor fora enorme na subida da torre, mas agora desaparecera. Ele não estava ofegante. Na verdade, ao tocar o peito, percebeu que mal respirava.

Perguntou-se por um instante se esse seria o covil dos deuses, e então pensou nos corpos atirados da torre, no desmoronamento da base, na promessa que fizera a Alli – *Vou fazer cessar o seu sofrimento* – e prostrou-se de joelhos. Tinha falhado. Não fizera o tempo retroceder. Por que a deixara? Por que tinha corrido?

Enterrou o rosto nas palmas das mãos. Chorou. As lágrimas escorreram por entre seus dedos e transformaram o chão de pedra num azul iridescente.

É difícil saber por quanto tempo Dhor chorou.

Quando enfim levantou os olhos, viu uma figura sentada à sua frente – o ancião que vira quando menino, cujo queixo agora descansava sobre o topo do cajado de madeira dourada. Ele observava Dhor como um pai velando um filho adormecido.

– Buscas o poder? – indagou o ancião.

Sua voz era diferente de tudo o que Dhor já ouvira: suave, leve, como se nunca tivesse sido usada.

– O que busco – murmurou Dhor – é apenas deter o sol e a lua.

– Ah – disse o ancião. – E isso não é poder?

Tocou nas sandálias de Dhor, e elas se desintegraram, deixando seus pés descalços.

– O senhor é o deus supremo? – perguntou Dhor.

– Sou apenas um servo d’Ele.

– Isto é a morte?

– Foste poupado da morte.

– Para morrer aqui?

– Não. Nesta caverna, não envelhecerás um só instante.

Dhor desviou os olhos, envergonhado.

– Não mereço essa dádiva.

– Não é uma dádiva – retrucou o ancião.

O ancião levantou-se e segurou o cajado à sua frente.

– Iniciaste algo em teus dias na Terra. Algo que modificará todos os que vierem depois de ti.

Dhor balançou a cabeça:

– O senhor está enganado. Sou uma pessoa pequena e tímida.

– O ser humano raras vezes conhece o seu poder – retrucou o ancião.

Bateu com o cajado no chão. Dhor pestanejou. Ali estavam, diante dele, todos os seus utensílios e instrumentos: seus copos, varetas, pedras e tabuletas.

– Deste um desses a alguém?

Dhor pensou na vareta do sol.

– Um deles foi levado.

– Agora existem muitos mais. Uma vez iniciado, esse desejo não tem fim. Crescerá mais do que tudo que tiveres imaginado. O homem logo estará contando todos os seus dias e, depois, segmentos menores do dia e então outros ainda menores, até que a contagem o consumirá e o assombro do mundo que ele recebeu estará perdido.

Tornou a bater com o cajado. Os instrumentos de Dhor transformaram-se em pó.

O velho estreitou os olhos e disse:

– Por que mediste os dias e as noites?

Dhor desviou o olhar.

– Para saber – respondeu.

– Para saber?

– Sim.

– E o que *sabes* do tempo? – indagou o ancião.

– Tempo?

Dhor balançou a cabeça. Nunca tinha ouvido essa palavra. Que resposta bastaria?

O ancião esticou um dedo ossudo e fez um movimento giratório. As manchas das lágrimas de Dhor se juntaram, formando um conjunto azul no chão pedregoso.

– Aprende o que não sabes – disse. – Compreende as consequências de contar os momentos.

– De que modo? – perguntou Dhor.

– Escutando o sofrimento que isso cria.

Baixou a mão para a mancha de lágrimas. Elas se liquefizeram e começaram a reluzir. Surgiram pequenos fiapos de fumaça na superfície.

Dhor observava, confuso e assombrado. Só queria Alli, mas Alli se fora. Sua voz embargou-se num sussurro:

– Por favor, deixe-me morrer. Não tenho nenhum desejo de prosseguir.

O ancião o fitou:

– A duração dos teus dias não te pertence. Aprenderás isso também.

Juntou as mãos e assumiu o tamanho de um menino, depois, de um bebê, e em seguida ergueu-se no ar como uma abelha alçando voo.

– Espere! – gritou Dhor. – Até quando terei que ficar preso aqui? Quando o senhor voltará?

A forma encolhida do ancião chegou ao teto da caverna. Cortou uma fissura na rocha. Dessa fissura caiu uma solitária gota d'água.

– Quando o Céu se encontrar com a Terra – disse.

E se transformou em nada.

Sarah Lemon era boa mesmo em ciências.

E exatamente em quê isso a ajudava? Era o que se perguntava com frequência. O importante no ensino médio era a popularidade – baseada sobretudo na aparência –, e Sarah, que era capaz de fazer uma prova de biologia de olhos fechados, não gostava nada do que via no espelho: os olhos castanho-claros muito afastados, o cabelo ondulado e seco, os dentes separados e aquela gordurinha extra que ela nunca tinha realmente perdido, depois de engordar na separação dos pais. Era avantajada na parte de cima, porém avantajada demais na de baixo. Certa vez, uma das amigas de sua mãe tinha dito que ela “poderia vir a ser atraente um dia”, o que não lhe soara como um elogio.

No último ano do ensino médio, Sarah Lemon tinha dezessete anos e era considerada pela maioria da turma como inteligente demais, esquisita demais, ou ambas as coisas. As aulas não eram um desafio para ela, que escolhia carteiras junto às janelas para combater o tédio. Muitas vezes, fazia desenhos no caderno, autorretratos com expressão amuada, usando o cotovelo para impedir que os outros vissem.

Almoçava sozinha, voltava para casa sozinha e passava a maioria das noites em casa com a mãe, a não ser que Lorraine tivesse planos com as mulheres tagarelas a quem Sarah se referia como o “clube das divorciadas”. Nessas ocasiões, a garota jantava sozinha na frente do computador.

Suas notas a deixavam em terceiro lugar na turma, e Sarah estava aguardando a resposta para um pedido antecipado de matrícula numa universidade estadual próxima, a única que Lorraine teria condições de bancar.

Esse pedido levava ao encontro com O Garoto.

O nome dele era Ethan.

Alto e ossudo, de olhar sonolento e farta cabeleira cor de café, ele também estava na última série, era popular e vivia cercado de amigos e amigas. Fazia parte da equipe de atletismo como corredor. Tocava numa banda. Na astronomia da vida do ensino médio, Sarah jamais entraria na órbita dele.

Aos sábados, porém, Ethan descarregava caminhões de alimentos num abrigo para os sem-teto – o mesmo abrigo em que Sarah era voluntária, já que a requisição de matrícula da universidade tinha exigido uma redação sobre “uma experiência comunitária influente”. Até aquele momento, ela nunca tivera alguma, e, para fazer a redação com honestidade, tinha oferecido seus serviços, o que o abrigo aceitara de bom grado. É verdade que ela passava a maior parte do tempo na cozinha, servindo mingau de aveia em tigelas de plástico, porque ficava sem jeito perto dos sem-teto (o que uma garota de classe média, usando casaco de pena de ganso e um iPhone, teria para dizer a eles, senão “sinto muito”?).

Mas, então, chegou Ethan. Sarah o notou junto ao caminhão em seu primeiro dia – o tio do rapaz era dono de uma empresa de abastecimento de gêneros alimentícios – e ele também a notou, como a única pessoa de idade próxima a sua. Ao deixar uma caixa na bancada da cozinha, disse: “E aí?”

Sarah agarrou essa frase como se fosse um souvenir. *E aí?* As primeiras palavras que Ethan lhe dirigira. Agora os dois se falavam todas as semanas. Uma vez, ela lhe ofereceu um pacote de biscoitos de pasta de amendoim que estava na prateleira, e ele respondeu “Não, não quero tirar comida dessa gente”, o que Sarah achou encantador, e até nobre.

E começou a ver Ethan como seu destino, como é frequente as garotas fazerem com os garotos. Longe da escola e das regras não escritas sobre quem pode falar com quem, Sarah tinha mais confiança, melhorava a postura, deixava para trás as camisetas com mensagens sociais que às vezes usava, dando preferência a blusas mais decotadas, mais femininas, e enrubescia ao ouvir Ethan dizer “Está bonita hoje, Lemon-ada”.

Com o passar das semanas, Sarah atreveu-se a crer que Ethan sentia a seu respeito o que ela sentia por ele.

Não fora obra do acaso os dois terem se encontrado naquele lugar improvável. Já lera sobre o destino em livros como *Zadig*, de Voltaire, ou até *O alquimista*, e acreditava que o destino também estava em ação no seu caso. Na semana anterior, tinha reunido coragem para perguntar se Ethan gostaria de sair qualquer dia, e ele respondera “É, legal, quem sabe na sexta?”.

Agora era sexta-feira, *oito e meia, oito e meia!* Sarah procurou acalmar-se. Sabia que não devia se alvoroçar tanto por causa de um garoto. Mas Ethan era diferente. Ethan violava as normas das normas dela.

De camiseta framboesa, jeans pretos e salto alto, Sarah estava a dois quarteirões do grande acontecimento quando seu celular fez bipe-bipe, o som de uma mensagem de texto.

Seu coração deu um pulo.

Era dele.

Victor Delamonte era o décimo quarto homem mais rico do mundo, de acordo com uma revista de negócios.

A matéria trazia uma foto antiga, o queixo de Victor apoiado na curva da mão, entre o polegar e o indicador, a papada empurrada para cima, um sorriso pensativo no rosto corado. A reportagem assinalava que “o magnata dos fundos de investimento, discreto e de sobrancelhas grossas” era filho único, nascido na França, mudara-se para os Estados Unidos e fizera fortuna – uma história real de trajetória de imigrante pobre a multimilionário.

Mas, por ele ter se recusado a falar com a revista (Victor fugia da publicidade), alguns detalhes de sua infância tinham sido omitidos, inclusive este: quando Victor estava com nove anos, seu pai, bombeiro hidráulico, fora morto numa briga, numa taberna à beira-mar. Dias depois, sua mãe tinha saído de casa, vestindo apenas uma camisola cor de creme, e se atirara de uma ponte.

Em menos de uma semana, Victor ficou órfão.

Foi posto num navio, para ir ao encontro de um tio nos Estados Unidos. Era melhor, acharam todos, o garoto morar num país com menos fantasmas. Tempos depois, Victor atribuiria sua filosofia financeira a essa viagem marítima, durante a qual sua única sacola de alimentos – três pães, quatro maçãs e seis batatas, embalados por sua avó – tinha sido jogada na água por uns meninos valentões. Naquela noite, ele chorava por todas as suas perdas, mas viria a dizer que aquela experiência lhe ensinara uma lição valiosa: apegar-se a coisas “despedaça o coração”.

Por isso, ele evitava apegos, o que lhe foi muito útil durante sua ascensão financeira. Quando aluno do ensino médio, no Brooklyn, ele comprou duas máquinas de *pinball* com o dinheiro guardado de empregos temporários de verão e colocou-as em bares locais. Vendeu-as oito meses depois, e, com o

lucro, comprou três máquinas de balas e bombons. Vendeu-as também e comprou cinco máquinas de cigarros. Continuou a comprar, vender e reinvestir, até que, ao terminar a faculdade, era dono da companhia de máquinas automáticas. Em pouco tempo, comprou um posto de gasolina, o que o levou ao petróleo, campo em que fez numerosas aquisições oportunas de refinarias, e estas o deixaram mais rico do que qualquer um poderia imaginar.

Victor deu seus primeiros cem mil dólares ao tio que o criara. Reinvestiu todo o resto. Adquiriu revendedoras de automóveis, imóveis e, por fim, bancos – primeiro um pequeno banco de Wisconsin, depois, vários outros. Sua carteira de títulos cresceu rapidamente, e ele criou um fundo de investimentos para quem quisesse seguir sua estratégia de negócios. Com o correr dos anos, este se tornou um dos fundos mais valorizados – e mais procurados – do mundo.

Ele conheceu Grace num elevador, em 1965.

Victor tinha quarenta anos. Grace, trinta e um. Escriturária de sua empresa, ela usava um vestido estampado modesto, casaco branco e colar de pérolas, o cabelo louro-claro preso num penteado bufante. Bonita, mas prática. Victor gostou disso. Fez-lhe um aceno com a cabeça quando a porta do elevador fechou, e ela abaixou os olhos, constrangida por dividir um espaço tão apertado com o patrão.

Ele a convidou para sair pelo correio interno da firma. Foram jantar num clube privado. Passaram horas conversando. Victor soube que Grace já tinha sido casada, logo depois de se formar no ensino médio. O marido morrera na Guerra da Coreia. Ela focara no trabalho. Victor identificou-se com isso.

Foram de limusine até o rio. Caminharam embaixo da ponte. Trocaram o primeiro beijo sentados num banco com vista para o Brooklyn.

Dez meses depois do encontro no elevador, casaram-se diante de quatrocentos convidados, vinte e seis do lado de Grace, os demais, parceiros de negócios de Victor.

No princípio, fizeram inúmeras coisas juntos – jogar tênis, visitar museus, viajar para Palm Beach, Buenos Aires, Roma. No entanto, à medida que se

multiplicavam os negócios de Victor, diminuía as atividades a dois. Ele começou a viajar sozinho. Pararam de jogar tênis. As idas aos museus tornaram-se raras. O casal nunca teve filhos, o que Grace lamentou. Repetiu isso para o marido ao longo dos anos. Foi uma das coisas que os levaram a conversar menos.

Com o tempo, o casamento foi se esvaziando. Grace irritava-se com a impaciência de Victor, com sua tendência para corrigir as pessoas, seu hábito de ler à mesa durante as refeições e sua disposição de interromper qualquer evento social para atender a telefonemas de negócios. Ele desprezava as pequenas repreensões da mulher e a demora dela para se aprontar para qualquer compromisso, o que o fazia consultar constantemente o relógio. O casal compartilhava o café da manhã e um ou outro jantar num restaurante à noite, mas, à medida que os anos foram passando e a fortuna foi se acumulando como pilhas de fichas a seu redor – múltiplas residências, jatos particulares –, a vida conjugal passou a parecer uma obrigação. A mulher desempenhava seu papel, o marido cumpria o dele. Até uma ocasião recente, quando, para Victor, todas as questões tinham empalidecido à sombra de uma só.

A morte.

Como evitá-la.

Quatro dias depois do aniversário de oitenta e quatro anos, Victor consultou um oncologista em Nova York.

O médico confirmou a existência de um tumor do tamanho de uma bola de golfe perto do seu fígado.

Victor investigou todas as opções de tratamento. Sempre temera que a saúde precária pusesse em perigo o seu sucesso, e por isso não poupou despesas na busca de uma cura. Fez viagens aéreas para consultar especialistas. Tinha uma equipe de consultores médicos. Apesar disso tudo, passara-se quase um ano, e os resultados não foram bons. Mais cedo, nesse dia, ele e Grace tinham ido ao consultório do médico principal. Grace tentara fazer uma pergunta, mas as palavras tinham ficado presas na garganta.

– O que a Grace está querendo perguntar – disse Victor – é quanto tempo me resta.

– Com otimismo – respondeu o médico –, uns dois meses.

A morte estava chegando.

Mas ela teria uma surpresa.

A primeira voz disse “Mais”.

– Quem está aí? – gritou Dhor.

Vinha tentando fugir da caverna desde a saída do ancião. Procurou passagens, bateu nas paredes de pedras calcárias. Tentou afundar-se no lago de lágrimas, porém ele o repeliu com ar, como se um milhão de sopros e hálitos o empurrassem de baixo para cima.

E então, uma voz.

Ele via apenas fiapos de fumaça branca na superfície do lago, e um brilho luminoso, turquesa.

– Apareça!

Nada.

– Responda!

E, de repente, lá estava ela de novo. Uma única palavra. Num tom baixo, quase inaudível, uma prece murmurada que chegava à caverna.

– *Mais*.

Mais o quê?, perguntou-se Dhor. Agachou-se no chão, fitando a água, aflito – como fica o ser humano solitário –, para ouvir o som de outra alma.

A segunda voz, finalmente, era de mulher. Disse: “Mais.”

A terceira, de um garotinho, disse a mesma coisa. A quarta – agora as vozes chegavam mais depressa – mencionou o sol. A quinta falou da lua. A sexta foi um murmúrio que repetia “mais, mais”, enquanto a sétima disse “mais um dia”, e a oitava implorou “continue, continue eternamente”.

Dhor coçou a barba que se tornara desgrenhada, assim como o cabelo. Apesar do isolamento, seu corpo funcionava normalmente. Era nutrido sem se alimentar. Recompunha as forças sem dormir. Dhor podia andar pelo

interior da caverna, ou molhar os dedos na água que gotejava lentamente da fissura no teto.

Mas não podia fugir das vozes do lago luminoso – que pediam, viviam pedindo dias, noites, sóis, luas e, de vez em quando, horas, meses e anos. Se ele tapava os ouvidos com as mãos, continuava a ouvi-las no mesmo tom alto.

E assim, sem saber, Dhor começou a cumprir sua pena –

ouvir todos os apelos de todas as almas que desejavam mais daquilo que ele fora o primeiro a identificar, aquela coisa que afastava os homens da simples luz da existência e os faziam aprofundar-se mais nas trevas de suas obsessões.

O tempo.

Que parecia correr depressa demais para todos, menos para ele.

21

Sarah leu o recado de Ethan no celular.

Ficou desolada.

“Pode ficar pra semana q vem? Hoje tenho q fazer 1 coisa. A gente se vê no abrigo, tá?”

Os joelhos se vergaram, como os de uma marionete quando se afrouxam os fios. “Não!”, gritou consigo mesma. “Semana que vem não! Agora! Foi o que combinamos! Eu pus toda essa maquiagem!”

Queria fazê-lo mudar de ideia. Mas a mensagem pedia resposta, e se ela demorasse demais, Ethan poderia achar que estava zangada.

Assim, em vez de dizer *não*, ela digitou: *“Sem problema.”*

Acrescentou: *“Vêjo vc no abrigo.”*

E arrematou: *“Divirta-se.”*

Pressionou com ansiedade o botão de enviar e anotou o horário: 20h22.

Encostou-se num poste com uma placa de trânsito e procurou dizer a si mesma que a culpa não era sua, que Ethan não tinha desistido por ela ser muito desajeitada ou muito gorda, nem por falar demais, nem nada desse tipo. Ele tivera que fazer uma coisa. Isso acontecia, não é?

“E agora?”, perguntou-se. A noite era uma cratera vazia. Ela não podia ir para casa. Não enquanto a mãe ainda estivesse acordada. Não teria como explicar uma saída de cinco minutos de salto alto.

Em vez disso, arrastou-se até uma cafeteria próxima e comprou um *macchiato* e um pãozinho de canela. Sentou-se nos fundos.

“Oito e vinte e dois!”, comentou com seus botões. “Tenha paciência!”

Mas, por dentro, já contava os dias até a semana seguinte.

Victor sempre fora capaz de examinar um problema, descobrir seu ponto fraco e desvendar a solução.

Empresas em declínio. Desregulamentação. Oscilações de mercado. Invariavelmente, havia uma solução oculta; os outros apenas não a viam.

Adotou a mesma postura em relação à morte.

No começo, lutou contra o câncer com os meios convencionais – cirurgia, radiação, a quimioterapia que o deixou fraco e vomitando. Mas, embora esses tratamentos detivessem o tumor, causaram insuficiência renal, e ele foi obrigado a recorrer à diálise três vezes por semana, processo que só tolerava por manter a seu lado, o tempo todo, seu assistente principal, Roger, a quem ditava mensagens e que o atualizava sobre os negócios. Recusava-se a perder um só minuto do dia de trabalho. Consultava o relógio constantemente – “Ande logo, ande logo”, murmurava. Detestava ficar empacado daquele jeito. Preso a uma máquina para retirar toxinas do seu sangue? Que espécie de situação era aquela para um homem como ele?

Victor tolerou-a até não poder tolerar mais. Homens como ele se concentravam no resultado final, e passado um ano, sabia que o resultado final era este:

Ele não podia vencer.

Não da maneira convencional. Gente demais havia tentado. Esperar um milagre era uma aposta ruim.

E Victor não fazia apostas ruins.

Por isso, desviou a atenção da doença e concentrou-a no tempo – o tempo que se esgotava –, que era, para ele, a verdadeira questão.

Como outros homens de muito poder, Victor não conseguia imaginar o mundo sem a própria presença. Sentia-se quase *obrigado* a permanecer vivo.

O câncer era um tropeço. Mas o verdadeiro obstáculo era a mortalidade humana.

Como poderia resolver *isso*?

Achou enfim a solução, quando a pesquisadora do escritório da costa oeste, atendendo a suas solicitações sobre “imortalidade”, enviou por fax uma pilha de material sobre a criônica.

Criônica.

A preservação de seres humanos para reanimação posterior.

Congelar a si mesmo.

Victor leu as páginas e respirou satisfeito, pela primeira vez em meses.

Não poderia derrotar a morte.

Mas poderia perdurar além dela.

O lago de vozes fora formado pelas lágrimas de Dhor.

Ele, porém, tinha sido apenas o primeiro a chorar. À medida que a humanidade obcecou-se com suas horas, a tristeza pelo tempo perdido tornou-se um buraco permanente no coração humano. As pessoas se alvoroçavam por causa de oportunidades desperdiçadas e de dias improdutivos; preocupavam-se constantemente com a duração que teria sua vida, porque contar os momentos da vida levava, como seria inevitável, a fazer sua contagem regressiva.

Logo, em todas as nações e todos os idiomas, o tempo não tardou a se tornar o bem mais precioso. E o desejo por mais tempo tornou-se um coro interminável na caverna de Dhor.

Mais tempo. Uma filha segurando a mão da mãe enferma. Um cavaleiro galopando para chegar antes do pôr do sol. Um agricultor lutando por uma colheita tardia. Um estudante debruçado sobre pilhas de papel.

Mais tempo. Um homem de ressaca, dando um tapa no despertador. Um funcionário exausto, mergulhado em relatórios. Um mecânico debaixo do capô, com clientes impacientes à sua espera.

Mais tempo. Era o que sufocava a vida de Dhor, era tudo o que ele conseguia ouvir, milhões de vozes a cercá-lo feito mosquitos. Embora ele tivesse vivido quando o mundo falava apenas uma língua, agora lhe fora concedido o poder de compreender todas, e pelo simples volume, ele intuía que a Terra tinha se tornado um lugar muito apinhado e que a humanidade fazia bem mais do que caçar ou construir: ela trabalhava, viajava, travava guerras, entrava em desespero.

E nunca tinha tempo suficiente. Implorava aos céus para que as horas fossem esticadas, num apetite interminável. Os pedidos eram incessantes.

Até que, pouco a pouco, bem devagar, Dhor veio a lamentar justamente aquilo que um dia o consumira.

Não compreendia o propósito dessa tortura lenta e maldisse o dia em que tinha contado os dedos, maldisse as tigelas e as varetas de sol, maldisse todos os momentos que passara longe de Alli, quando poderia ter estado com ela, ouvindo sua voz, encostando a cabeça na dela.

Maldisse sobretudo o fato de que, enquanto outros homens morreriam e encontrariam seu destino, ele, ao que tudo indicava, viveria para sempre.



INTERVALO



24

Sarah agiu com naturalidade ao encontrar Ethan na manhã seguinte.

Pelo menos, foi como tentou agir. Ele usava um agasalho com capuz, jeans desfiados e tênis Nike. Largou caixas de macarrão e garrafas de suco de maçã na bancada.

– Quais são as novas, Lemon-ada?

– Sem muitas novidades – respondeu ela, servindo colheradas de mingau.

Enquanto o rapaz abria as caixas, Sarah deu umas olhadelas de esguelha, na esperança de encontrar pistas sobre o que teria causado o cancelamento. Queria que ele mencionasse o assunto – ela não o faria, certamente –, mas Ethan foi desembalando os alimentos no seu ritmo lacônico de praxe, assobiando a melodia de um rock.

– Essa música é linda – comentou Sarah.

– É.

Ele recomeçou a assobiar.

– E aí, o que aconteceu ontem?

Ah, meu Deus. Será que ela tinha mesmo soltado isso assim? *Idiota, idiota!*

– Quer dizer, não tem importância – tentou acrescentar.

– É, desculpe eu não ter podido...

– Deixe para lá...

– Um imprevisto...

– Não, está tudo bem.

– Legal.

Ele amassou as caixas já vazias e colocou-as nas latas de lixo gigantescas.

– Tudo pronto para você ir em frente – anunciou.

– Com certeza.

– Até a semana que vem, Lemon-ada.

Ethan saiu como sempre fazia, enfiando as mãos nos bolsos e com o andar meio saltitante. Era isso?, pensou Sarah. O que ele tinha querido dizer com *semana que vem*? A noite da próxima sexta-feira? Ou a manhã do sábado seguinte? Por que ela não tinha perguntado? Por que era sempre ela quem deveria perguntar?

Um sem-teto, de boné azul, aproximou-se do guichê e pegou seu prato de mingau.

– Mais bananas – pediu.

Sarah encheu a tigela – o sem-teto pedia a mesma coisa, todas as semanas –, o sujeito disse “Obrigado”, ela resmungou “De nada” e, em seguida, pegou uma toalha de papel e enxugou a última garrafa de suco de maçã desembalada por Ethan; a tampa se soltara e o líquido tinha molhado tudo.

25

– Dentro daquilo? – perguntou Victor, apontando.

– Sim – respondeu o homem. Chamava-se Jed. Dirigia o serviço de criônica.

Victor olhou para os enormes cilindros de fibra de vidro. Eram circulares e amplos, com uns três metros e meio de altura, de um branco sujo, feito neve caída na véspera.

– Quantas pessoas ficam em cada um?

– Seis.

– Estão congeladas ali dentro?

– Estão.

– Como ficam... posicionadas?

– De cabeça para baixo.

– Por quê?

– Na eventualidade de acontecer alguma coisa perto da parte superior, o mais importante é proteger a cabeça.

Victor apertou a bengala e tentou disfarçar sua reação. Habitado a saguões elegantes e escritórios na cobertura, estava desconcertado com a aparência do local. Situado num parque industrial, num apagado subúrbio nova-iorquino, era um prédio térreo de tijolos, com uma plataforma de carga e descarga na parte lateral.

O interior era igualmente sem graça. Um pequeno conjunto de cômodos na frente. Um laboratório onde se iniciava o processo de congelamento dos corpos. Um amplo depósito sem divisórias, onde os cilindros ficavam dispostos lado a lado, com seis pessoas por unidade, como um cemitério em recinto fechado, com piso de linóleo.

Victor insistira em fazer uma visita no dia seguinte ao recebimento das informações. Passara a noite inteira em claro, deixando de lado os soníferos e

ignorando a dor na barriga e nas costas. Tinha lido tudo duas vezes. Embora se tratasse de uma ciência relativamente nova (a primeira pessoa a passar pelo congelamento criogênico recebera o tratamento em 1972), o raciocínio que fundamentava a criônica não era ilógico. Congelar o cadáver. Aguardar o avanço da ciência. Descongelar o cadáver. Trazê-lo de volta à vida e curá-lo.

Essa última parte, é claro, seria a mais complicada. Mas bastava pensar em quanto a humanidade tinha avançado apenas durante a vida *dele*, calculou Victor. Na sua infância, um primo morrera de febre tifoide e outro de coqueluche. Hoje, teriam sobrevivido. As coisas mudavam. “Não se apegue demais a nada”, recordou a si mesmo, inclusive ao saber estabelecido.

– O que é aquilo? – perguntou.

Perto dos cilindros, uma caixa de madeira branca, com divisórias numeradas, continha diversos buquês de flores.

– É para quando os familiares vêm visitar – explicou Jed. – Cada número corresponde a uma pessoa num cilindro. Os visitantes sentam-se ali.

Apontou para um sofá cor de mostarda, encostado na parede. Victor tentou imaginar Grace sentada numa coisa esfarrapada como aquela. Foi o que o fez se dar conta de que jamais falaria com ela sobre essa ideia.

Grace não a aceitaria. Não havia a menor chance. Era uma frequentadora devota da igreja. Não aprovava que se brincasse com o destino. E Victor não estava disposto a discutir com a mulher.

Não. Esse plano derradeiro ficaria por conta dele. Ao morrermos, somos aquilo que mais fomos na vida, e desde os nove anos, Victor se acostumara a fazer as coisas sozinho.

Fez uma anotação mental. Nada de visitas. Nada de flores. E pagar o que fosse necessário para ter seu próprio cilindro.

Se ia esperar séculos para renascer, ia fazê-lo sozinho.

Todas as cavernas começam com a chuva.

A chuva mistura-se com o gás. Essa água corrói a pedra, e minúsculas fraturas transformam-se em passagens. Com o tempo, após muitos milhares de anos, essas passagens podem criar aberturas suficientemente grandes para comportar um homem.

Portanto, a caverna de Dhor já era produto do tempo. Dentro dela, no entanto, um novo relógio batia. Descendo do teto, onde o ancião tinha cortado uma fenda, a água gotejante formara aos poucos uma estalactite.

E ao pingar no solo da caverna, a estalactite fez subir uma estalagmite.

Ao longo dos séculos, as duas pontas foram crescendo, uma em direção à outra, como que atraídas por ímãs, porém com tal lentidão que Dhor nunca reparou.

Houve época em que ele se orgulhara de marcar o tempo com água. Mas o homem não inventa nada que Deus não tenha criado primeiro.

Dhor estava vivendo no maior de todos os relógios d'água.

Nunca pensara nisso. Ao contrário, tinha parado completamente de pensar.

Parou de se mexer. Não se levantava mais. Apoiava o queixo entre as mãos e ficava imóvel, em meio às vozes ensurdecedoras.

Ao contrário de qualquer homem antes dele, Dhor estava sendo autorizado a viver sem envelhecer, a não usar uma só das respirações contadas de sua vida. Por dentro, contudo, estava arrasado. Não envelhecer não é o mesmo do que viver, e sem o contato humano, sua alma ia murchando.

À medida que as vozes vindas da Terra foram tendo um aumento exponencial, Dhor passou a ouvi-las sem distinção, como quem ouve cáirem gotas de chuva. Sua mente embotou-se por falta de atividade. O cabelo e a

barba ficaram ridiculamente compridos, assim como as unhas das mãos e dos pés. Ele perdeu qualquer noção da própria aparência. Não via sua imagem desde o dia em que fora com Alli ao grande rio, e os dois tinham sorrido para o reflexo na água.

Queria desesperadamente apegar-se a todas as lembranças desse tipo. Fechava os olhos com força, para recordar cada detalhe. Até que, finalmente, num ponto não marcado de seu purgatório, sacudiu a letargia de suas trevas, afiou o gume de uma pedrinha e começou a fazer entalhes nas paredes.

Dhor tinha feito entalhes na Terra,

mas sempre como um modo de marcar o tempo, fazer contas, entalhar luas e sóis, na primeira matemática do mundo.

O que entalhou nessa ocasião foi diferente. Primeiro, desenhou três círculos, para recordar seus filhos. Deu um nome a cada um. Em seguida, entalhou uma lua crescente, para rememorar a noite em que dissera a Alli “Ela é minha mulher”. Fez um desenho em forma de caixa, para relembrar a primeira casa dos dois – a casa de pau a pique de seu pai –, e uma caixa menor para simbolizar a cabana de junco que eles tinham dividido.

Desenhou a forma de um olho, para se lembrar do olhar levantado de Alli, aquele olhar que o fazia sentir-se derrubado. Desenhou linhas onduladas, para sugerir o cabelo comprido e negro de sua mulher e a serenidade que sentia ao afundar o rosto nele.

A cada novo entalhe, dizia algo em voz alta.

Estava fazendo o que faz o ser humano quando não lhe resta mais nada.

Contava para si mesmo a história da própria vida.

Lorraine sabia que havia um garoto envolvido.

Por que outra razão sua filha teria usado salto alto na véspera? Sua única esperança era que Sarah não tivesse escolhido um panaca igual ao pai.

Grace sabia que Victor estava frustrado.

Seu marido detestava perder. E ela ficava triste com o fato de essa última luta, contra uma doença terminal, estar fadada à derrota.

Lorraine ouviu a porta da frente abrir-se, e Sarah, sem dizer palavra, subiu correndo para o seu quarto.

Agora era assim que funcionava a vida entre elas. Vivendo juntas, mas separadas.

Fazia poucos anos, as coisas tinham sido diferentes. Quando Sarah estava no oitavo ano, uma menina na aula de ginástica tinha enfiado uma bola de vôlei dentro da blusa, e sem saber que Sarah estava ouvindo, dissera em tom zombeteiro a um grupo de meninos: “Ei, garotos, eu sou a Sarah Lemon, será que posso comer a batata frita de vocês?” Sarah correria para casa, aos prantos, e enterrara o rosto no colo da mãe. Lorraine lhe afagara o cabelo, dizendo: “Eles deviam ser expulsos, todos eles.”

Sentia pena de não poder mais reconfortá-la. Tinha saudade do tempo em que costumavam apoiar-se uma na outra. Ouviu Sarah movimentando-se no segundo andar e teve vontade de conversar com a filha. Mas a porta estava sempre fechada.

Grace ouviu Victor voltar para casa.

– Ruth, ele chegou – disse ao telefone. – Eu ligo para você mais tarde.

Foi até a porta e pegou o casaco do marido.

– Onde você estava?

– No escritório.

– Você tinha que ir lá num sábado?

– Sim.

Saiu mancando pelo corredor, apoiando-se sobre a bengala. Grace não indagou sobre a pasta de papel pardo que ele levava debaixo do braço. Em vez disso, perguntou:

– Você quer um chá?

– Não, eu estou bem.

– Alguma coisa para comer?

– Não.

Ela se lembrou do tempo em que o marido costumava beijá-la à porta, levantá-la alguns centímetros do chão e mimá-la com perguntas do tipo: “Onde você quer passar este fim de semana? Londres? Paris?” Uma vez, na sacada de uma vila à beira-mar, Grace dissera que gostaria de tê-lo conhecido antes, e Victor respondeu: “Vamos compensar isso. Viveremos juntos por muito tempo.”

Grace se lembrou de momentos como aquele, e pensou que agora precisava ser paciente e mais compassiva. Ela não tinha como saber o que ele sentia por dentro – os dias minguando, a morte iminente. Por mais rabugento ou distante que o marido ficasse, ela estava decidida a tornar o pouco tempo que lhes restava mais parecido com o início de sua vida em comum, e menos semelhante ao período que se seguiu, vasto e sem alegria.

Não sabia, quando Victor desapareceu em seu escritório, que ele estava pensando numa vida completamente diferente.

A humanidade se conecta de maneiras que não compreende – até em sonhos.

Assim como Dhor podia ouvir vozes de almas que não era capaz de ver, um homem ou uma mulher adormecidos, vez por outra, também podiam ver de longe a imagem dele.

No século XVII, um retrato da rainha Elizabeth mostrou um esqueleto olhando por cima de um de seus ombros, e um homem idoso e barbudo olhando por cima do outro. O esqueleto pretendia representar a morte, mas a misteriosa figura barbuda, segundo o pintor, era um símbolo do tempo que lhe tinha aparecido em sonho.

Uma água-forte do século XIX retratou outro homem barbudo, segurando um bebê que simbolizava o Ano-Novo. Ninguém sabe por que o pintor escolheu essa imagem. Ele também disse aos colegas que a tinha visto em sonho.

Em 1898, uma escultura em bronze mostrou um homem mais robusto, ainda barbudo, porém nu e em boa forma, segurando uma foice e uma ampulheta, e postado sobre um relógio gigantesco numa rotunda. O modelo desse homem barbado continua a ser um mistério.

Mas ele era designado pelo nome de “Pai do Tempo”.

E o Pai do Tempo senta-se sozinho numa caverna.

Apoia o queixo nas mãos.

É aqui que começa nossa história. A de três crianças correndo morro acima para esse espaço solitário, um homem barbudo, um lago de vozes e a estalactite, agora a um milímetro da estalagmite.

Sarah está em seu quarto. Victor, em seu escritório.

É esta a hora. Neste instante.

Nossa hora na Terra.
E hora de Dhor ficar livre.



A Q U E D A



– O que sabes do tempo?

Dhor levantou os olhos.

O ancião tinha voltado.

Pelo nosso calendário, seis mil anos tinham se passado. Dhor abriu a boca, incrédulo. Quando tentou falar, não veio som algum; sua mente tinha esquecido o caminho para chegar à voz.

O ancião andou com passos leves pela caverna, examinando as paredes com grande interesse. Nelas viu todos os símbolos imagináveis – círculos, quadrados, elipses, caixas, linhas, nuvens, olhos, lábios –, emblemas de cada momento que Dhor recordara de sua vida. *Aqui é quando Alli atirou a pedra... Aqui é quando andamos até o grande rio... Aqui é o nascimento do nosso filho...*

O último símbolo, no canto inferior direito, tinha a forma de uma lágrima, para lembrar eternamente a Dhor o momento em que Alli agonizara no cobertor.

O fim da história dele.

Pelo menos para ele.

O ancião curvou-se e estendeu a mão.

Tocou a lágrima entalhada, que se transformou numa gota de água de verdade em seu dedo.

Foi até onde a estalactite e a estalagmite tinham se formado, a ponto de ficarem a um fio de distância uma da outra. Pôs a gota de água entre elas, e observou-a transformar-se em pedra, ligando as duas formações. Agora, eram uma só coluna.

O Céu se encontra com a Terra.

Como ele tinha prometido.

No mesmo instante, Dhor sentiu que se elevava do chão, como se fosse içado por cordas.

Todos os seus símbolos entalhados desprenderam-se da parede, deslocaram-se pela caverna como aves migratórias, depois se encolheram num anel minúsculo em torno do gargalo estreito que conectava as duas formas rochosas.

Com isso, a estalactite e a estalagmite cristalizaram-se em superfícies lisas e transparentes, formando uma estrutura superior e outra inferior, no formato de uma gigantesca ampulheta.

Em seu interior, havia a areia mais branca que Dhor jamais vira, extremamente fina, parecendo quase líquida. Ela se derramava de cima para baixo, mas a areia de cada parte não aumentava nem diminuía.

– Aqui estão todos os momentos do universo – disse o ancião. – Quiseste controlar o tempo. Como penitência, teu desejo foi atendido.

Tocou com o cajado na ampulheta e ela formou um tampo e uma base dourados, com dois suportes laterais em forma de trança. Depois, encolheu-a até fazê-la caber nos braços de Dhor. Ele estava segurando o tempo nas mãos.

– Agora vai – disse o ancião. – Regressa ao mundo. Tua jornada ainda não se completou.

Dhor ficou olhando, com uma expressão vazia.

Seus ombros arriaram. Em outros tempos, a simples sugestão o teria feito sair correndo. Mas seu coração estava oco. Ele já não queria nada daquilo. Allí se fora, desaparecida para sempre, uma lágrima numa parede da caverna. Para que poderia a vida – ou uma ampulheta – servir-lhe agora?

Ele tirou um som do peito e, num ténue sussurro, finalmente falou:

– É tarde demais.

O ancião balançou a cabeça e disse:

– Nunca é tarde demais nem cedo demais. É quando deve ser.

Sorriu e acrescentou:

– Existe um plano, Dhor.

Dhor piscou os olhos. O ancião nunca usara seu nome até esse momento.

– Retorna ao mundo. Observa como o homem conta seus momentos.

– Por quê?

– Porque tu o iniciaste. És o pai do tempo terreno. Mas ainda existe algo que não compreendes.

Dhor tocou em sua barba, que descia até a cintura. Decerto sobrevivera mais do que qualquer outro homem. Por que sua vida ainda não tinha acabado?

– Marcaste os minutos – disse o ancião. – Mas será que os usaste com sabedoria? Para manter a serenidade? Para acalantar? Para ser grato? Para elevar e ser elevado?

Dhor baixou os olhos. Sabia que a resposta era não.

– O que devo fazer? – indagou.

– Encontra duas almas na Terra, uma que queira tempo de mais, outra que queira tempo de menos. Ensina-lhes o que aprendeste.

– Como irei encontrá-las?

O ancião apontou para o lago de vozes:

– Escuta o sofrimento delas.

Dhor olhou para a água. Pensou nos bilhões de vozes que tinham subido por ela.

– Que diferença duas pessoas podem fazer?

– Foste uma pessoa – respondeu o ancião. – E modificaste o mundo.

Pegou a pedra que Dhor tinha usado para fazer os entalhes. Amassou-a, transformando-a em pó.

– Só Deus pode escrever o fim da tua história.

– Deus me abandonou – disse Dhor.

O ancião abanou a cabeça.

– Nunca estiveste sozinho.

Tocou o rosto de Dhor, que sentiu um novo espírito preencher seu corpo, como água sendo vertida num copo. O ancião começou a desaparecer.

– Lembra-te sempre disto: há uma razão para Deus limitar os dias do homem.

– Qual é a razão?

– Termina tua viagem e saberás.

Após o cancelamento de Ethan, Sarah poderia ter pensado duas vezes antes de marcar outro encontro.

Mas o coração desesperado seduz a mente. E assim, duas semanas após a decepção da noite dos jeans pretos e da camiseta framboesa, duas semanas de aulas maçantes de ciências e noites jantando diante do computador, Sarah tentou de novo. Levantou-se muito cedo, num sábado de ida ao abrigo, às 6h32, e vestiu-se como se fosse a uma festa. Usou uma blusa decotada e uma saia justa na medida certa. Gastou um tempo extra com o rosto, chegando até a consultar algumas páginas da internet que davam dicas sobre blush e sombras. Ficou sem jeito, pensando em todas as vezes que tinha criticado a maquiagem pesada da mãe (“Você parece estar gritando para chamar atenção”, reclamava), mas justificou seus esforços porque um rapaz como Ethan poderia ter garotas bonitas quando quisesse, garotas com mais maquiagem ainda e com blusas ainda mais decotadas. Se ela o quisesse, teria de mudar alguns hábitos.

De qualquer modo, Lorraine ainda estava dormindo.

Assim, Sarah saiu de mansinho, pegou o carro da mãe e foi para o abrigo, sentindo-se bem com sua decisão, até que alguns sem-teto a viram, assobiaram e disseram “Você está *bonita*, mocinha”, e ela enrubesceu e inventou uma história sobre um compromisso que teria depois, e de repente sentiu-se ridícula. O que tinha na cabeça? Não era de fazer esse tipo de coisa. Por sorte, levava um suéter. Enfiou-o com um puxão.

E aí, Ethan entrou, com uma caixa embaixo de cada braço. Apanhada desprevenida, Sarah se empertigou e passou a mão no cabelo.

– Lemon-ada – disse ele, com um aceno da cabeça.

Será que tinha gostado dessa aparência?

– Oi, Ethan – retrucou Sarah, tentando agir com naturalidade, mas de novo toda alvoroçada.

Victor sentou-se diante da escrivaninha, examinando a pasta de papel pardo. Lembrou-se do que Jed, o homem da criônica, dissera duas semanas antes.

– Pense no congelamento como um bote salva-vidas para o futuro: quando a medicina estiver muito avançada, a cura da sua doença será tão simples quanto marcar um compromisso. Tudo o que o senhor tem a fazer é entrar no bote, dormir e aguardar o resgate.

Victor esfregou a barriga. Livrar-se do câncer. Ficar livre da diálise. Viver de novo. *Tão simples quanto marcar um compromisso.*

Reexaminou o processo que Jed tinha explicado. No momento em que ele fosse declarado morto, seu corpo seria coberto de gelo. Uma bomba manteria seu sangue em movimento, para que não coagulasse. Em seguida, os fluidos corporais seriam substituídos por um crioprotetor – uma substância biológica anticongelante –, para que não se formasse gelo no interior das veias, num processo chamado “vitriificação”. Conforme sua temperatura fosse progressivamente reduzida, o corpo seria colocado num saco plástico protetor, depois, numa câmara de resfriamento controlada por computador, e, em seguida, num cilindro em que o nitrogênio líquido seria introduzido aos poucos.

Após cinco dias, ele seria transferido para seu local final de repouso – um gigantesco tanque de fibra de vidro chamado “criostato”, também cheio de nitrogênio líquido – e nele seria introduzido de cabeça para baixo, a fim de permanecer em suspenso durante, bem, quem saberia dizer?

Até que seu bote salva-vidas encontrasse o futuro.

– Quer dizer que o meu cadáver fica aqui? – perguntara Victor a Jed.

– Não usamos a palavra “cadáver”.

– E que palavra vocês usam?

– “Paciente.”

Paciente.

Era mais fácil pensar no assunto dessa maneira. Victor já era paciente. Esta era apenas outra espécie. Um paciente que tinha paciência. Como quem aguardasse o resultado do investimento num fundo de ações de longo prazo, ou suportasse uma negociação com os chineses, que sempre insistiam em níveis intermináveis de documentação. Paciente. Embora Grace pudesse discordar, Victor sabia ser paciente quando era preciso.

E passar décadas, talvez séculos, congelado, em troca de sair do outro lado pronto para retomar sua vida... bem, isso não parecia um mau negócio.

Seu tempo na Terra estava quase esgotado.

Mas ele poderia agarrar um tempo novo.

Discou um número de telefone.

– Jed, aqui é Victor Delamonte. Quando você pode passar no meu escritório?

Nos incontáveis séculos que passara na caverna, Dhor tentara todas as formas de fuga.

Agora ali estava, com a ampulheta nos braços, esperando à beira do lago. De algum modo, sabia que esse era o seu único caminho de volta.

Seria possível que esse purgatório interminável tivesse acabado?, pensou. Que espécie de mundo o esperaria agora? O Pai do Tempo não fazia ideia da duração do período em que estivera ausente.

Pensou no que tinha dito o ancião. *Escuta o sofrimento deles.* Fitou a superfície brilhante, fechou os olhos e ouviu duas vozes acima da algazarra, a de um homem mais velho e a de uma mulher mais jovem.

“*Outra vida.*”

“*Faça-o parar.*”

Subitamente, uma ventania assobiou pela caverna, e as paredes se iluminaram, como que banhadas pelo sol do meio-dia. Dhor apertou a ampulheta junto ao peito, deu um passo atrás e saltou, murmurando a única palavra que lhe dera um consolo verdadeiro:

– Alli.

Afundou direto no lago.

Dhor desceu em pleno ar.

Suas pernas giraram acima da cabeça, que depois tornou a ficar acima das pernas, e ele despencou rapidamente numa bruma cintilante, cheia de luz e cores. Teve vislumbres fugazes de corpos e rostos, de homens sendo lançados da torre de Nim, só que eles estavam subindo, enquanto Dhor descia. Segurou a ampulheta com mais força e penetrou célere em luzes mais brilhantes e cores mais vivas, com o vento a lhe cortar a pele como os dentes de um ancinho, até que teve certeza de que seria despedaçado pela simples

velocidade. Na queda, atravessou um frio revigorante e um calor escaldante, passou por rajadas de chuva e rodopios de neve, e depois por areia, areia que martelava, areia que fustigava, areia que o fez girar e o amorteceu, e que, por fim, deixou-o cair como caía a areia em sua ampulheta, em linha reta, até parar.

A areia foi soprada para longe.

Dhor sentiu-se pendurado em alguma coisa.

Ao longe, ouviu música e risos.

Tinha voltado à Terra.



TERRA



Lorraine precisava de cigarros.

Entrou num shopping e passou por um salão de manicure, onde levou Sarah uma vez, quando ela estava com onze anos.

- Posso botar esmalte vermelho? – perguntara Sarah.
- É claro – Lorraine concordara. – E nos pés?
- Posso pintar também?
- Por que não?

Lorraine tinha observado a expressão espantada de Sarah, quando uma mulher colocara seus pés numa pequena bacia de água. Dera-se conta de como era raro alguém mimar a filha, pois ela trabalhava fora, e Tom sempre chegava tarde em casa. Quando Sarah se voltara para ela, radiante, dizendo “Quero botar nos pés a cor que você está usando, mamãe”, Lorraine jurara que elas fariam aquilo com mais frequência.

Nunca voltaram a fazê-lo. O divórcio modificara tudo. Lorraine passou pela vitrine do salão e viu muitas cadeiras vazias, mas, agora, sabia que Sarah preferiria ser presa a sentar-se ao lado da mãe para fazer as unhas.

Grace precisava de mantimentos.

Podia ter escrito uma lista e mandado um dos empregados. “Você não precisa fazer tarefas domésticas”, Victor sempre lhe dissera. Com o tempo, entretanto, ela percebera que as tarefas que devoravam os dias de muita gente deixavam apenas um buraco nos dela. E, aos poucos, fora retomando-as.

Empurrou o carrinho pelos corredores do supermercado, pegando aipo, tomate e pepino no setor de hortifrúti. Nos últimos meses, tinha voltado a cozinhar para preparar refeições saudáveis para o marido – nada de produtos industrializados, tudo orgânico –, na esperança de ganhar mais tempo para

ele. Era um pequeno gesto, ela sabia, como brandir um graveto contra o vento. Mas a esperança era tudo a que ela ainda podia se agarrar.

Uma salada saudável hoje à noite, disse para si mesma. Ao passar pelo freezer dos sorvetes, porém, pegou uma lata de sorvete de menta com flocos de chocolate, o favorito de Victor. Se ele quisesse um momento de prazer, Grace o teria à mão.

Era o festival de dezembro numa cidadezinha espanhola.

Havia músicos de rua reunidos na praça, em meio a mesas cobertas de tapas de camarão, anchova e batata. No fundo de uma fonte situada no centro da praça havia moedas jogadas por amantes esperançosos. Os visitantes sentavam-se na beirada e molhavam os pés na água.

Pendurado perto da fonte, sobre uma base de madeira, havia um boneco de papel machê em tamanho natural de um homem barbado segurando uma ampulheta. EL TIEMPO, dizia a placa. Aos pés dele havia um bastão de plástico amarelo.

A intervalos de minutos, passava alguém e dava uma pancada no boneco com o bastão. Era uma tradição. Bata no ano velho, dê boas-vindas ao novo. Os espectadores gritavam “Boa! Aí!”, rindo e brindando.

Um garotinho soltou-se da mão da mãe e correu até o boneco. Levantou o bastão e buscou a aprovação materna.

– Muito bem... muito bem! – gritou ela, acenando com a mão.

Nesse instante, o sol saiu de trás de uma nuvem e uma luz estranha cobriu a cidade. Um vento repentino levantou areia na praça. O menino não prestou atenção. Baixou o bastão com toda força no boneco de papel machê.

Pou!

Os olhos do boneco se abriram.

O menino gritou.

Dhor, que pendia de uma parede de madeira, sentiu uma fisgada de lado.

Seus olhos se abriram.

Um garotinho soltou um grito.

O grito assustou Dhor de tal maneira que ele deu um solavanco para trás, e sua túnica se rasgou, soltando-se dos dois pregos em que estava pendurada. Ele tombou no chão, deixando cair a ampulheta.

O grito do menino cessou de repente. Na verdade, sustentou-se e se extinguiu, como uma nota longa de trompete. Dhor levantou-se, atrapalhado. O mundo ao seu redor tornara-se mais lento, assumindo um estado onírico. O rosto do menino ficou paralisado em meio ao grito. O bastão amarelo permaneceu suspenso no ar. As pessoas na praça apontavam, mas sem se mexerem.

Dhor pegou a ampulheta.

E saiu correndo.

No começo, correu o mais depressa que pôde,

mantendo a cabeça baixa, na esperança de que ninguém o notasse. Mas ele era a única coisa em movimento. O mundo inteiro fizera uma pausa. O vento não soprava. Nenhum galho de árvore balançava. As pessoas vistas por Dhor pareciam quase congeladas – um homem passeando com um cachorro, um grupo de amigos segurando copos de bebida em frente a um bar.

Dhor diminuiu o passo. Olhou em volta. Pelos nossos padrões, estava nos arredores rurais de um pequeno vilarejo espanhol, mas, para ele, havia mais pessoas e construções do que jamais vira em sua vida.

Aqui estão todos os momentos do universo, dissera o ancião. Dhor observou a areia na ampulheta. Também ela tinha reduzido o ritmo até quase parar, deixando cair apenas alguns grãos, como se alguém tivesse bloqueado o fluxo.

Dhor caminhou por quilômetros, segurando a ampulheta. O sol mal se mexeu no céu.

A sombra dele o seguiu, embora todas as outras sombras parecessem pintadas no chão. Quando chegou a uma área mais deserta, Dhor subiu numa encosta de morro e sentou-se. A subida o fez pensar em Alli, e ele sentiu saudade daquele mundo antigo – as planícies desertas, as casas de pau a

pique, até o silêncio. No mundo de agora, ele ouvia um murmúrio constante, como se uma centena de sons se misturasse numa nota só. Dhor ainda não sabia que esse era o som de um único momento em ritmo diminuído.

Lá embaixo, avistou um trecho de estrada, reto e cor de carvão, com uma risca branca no meio. Perguntou-se quantos escravos seriam necessários para construir uma superfície tão lisa.

Quiseste controlar o tempo, dissera o ancião. Como penitência, teu desejo foi atendido.

Dhor pensou em sua chegada à Terra, em como tinha caído e derrubado a ampulheta. Fora naquele momento que tudo tinha mudado.

Talvez...

Virou a ampulheta de lado, com força, e em seguida a repôs de pé.

A areia recomeçou a fluir livremente. O murmúrio cessou. Dhor ouviu um zunido, *vruuum*, depois outro. Olhou para baixo e viu carros passando velozes pela estrada – só que, como não fazia ideia do que eram carros, só pôde imaginar que se tratava de animais de velocidade inimaginável. Tornou a virar depressa a ampulheta.

Os carros pararam onde estavam.

O murmúrio retornou.

Os olhos de Dhor se arregalaram. Teria ele feito aquilo? Teria deixado o mundo quase imóvel? Uma sensação imensa de poder o invadiu, deixando-o arrepiado.

A noite começou meio sem jeito, mas o álcool modificou tudo.

Ethan levou uma garrafa de vodca. Sarah assumiu um ar descontraído. Embora nunca bebesse, foi logo tomando um gole. Até uma garota que é a terceira melhor aluna da turma sabe o suficiente para fingir que já bebeu vodca.

Sentaram-se no armazém do tio dele – ideia de Ethan, já que ele só se comprometera realmente com o encontro às 20h14, mandando a mensagem “*Estou no depósito do meu tio, se vc quiser aparecer*” – e beberam em copos descartáveis, misturando vodca com suco de laranja que Ethan tirou de uma prateleira. Sentados no chão, riram de um programa de televisão idiota a que ambos confessaram assistir. Ethan também gostava de filmes de ação, especialmente da série *Homens de preto*, cujos atores usavam terno, gravata e óculos escuros, e Sarah disse que também gostava desses filmes, embora, na verdade, nunca os tivesse visto.

Ela vestia a mesma blusa decotada que tinha usado de manhã no abrigo, calculando que ele devia ter gostado – e, de fato, o rapaz parecia estar prestando atenção. A certa altura, o celular de Sarah tocou (sua mãe, *pelo amor de Deus!*), e quando ela fez uma careta, Ethan disse:

– Deixa eu dar uma olhada. – Pegou o celular e programou um toque especial, um som escandaloso de música heavy metal, que indicaria quando a chamada fosse da mãe dela. – Você vê que é ela e a ignora.

Sarah riu:

– Puxa, isso é *supergenial*.

Depois disso, as coisas ficaram meio turvas. Ethan se ofereceu para massagear as costas de Sarah, que aceitou de bom grado; as mãos dele em seus ombros primeiro a fizeram estremecer, depois, derreter. Nervosa, ela tentou conversar, dizendo que na verdade não tinha nenhum amigo na

escola, porque todos pareciam muito imaturos, e Ethan respondeu que sim, muitos daqueles garotos eram uns panacas, e ela comentou que andava tensa por causa da entrada na faculdade, e ele massageou seus ombros com mais força e disse que ela era inteligente o bastante para entrar em qualquer universidade, e isso a fez sentir-se bem.

E então veio o beijo. Disso ela nunca se esqueceria. Sentiu a respiração de Ethan na nuca e virou a cabeça para a esquerda, mas ele se aproximou pela direita e, quando ela se virou para esse lado, os rostos dos dois quase se chocaram – e aconteceu. Simplesmente aconteceu. Sarah fechou os olhos e, com toda franqueza, quase desmaiou (sua mãe costumava usar a palavra “êxtase”, e a garota teve uma vaga ideia do que seria isso), e Ethan voltou a beijá-la, agora com mais intensidade, e a virou para si e a puxou para mais perto, e Sarah se lembrou de ter pensado *Puxa, ele está me beijando, ele me deseja!* Mas o que havia começado com suavidade tornou-se meio bruto, as mãos dele deslizaram depressa por todo o corpo dela, e por fim, nervosa, Sarah se afastou e, envergonhada, tentou rir da coisa toda.

Ethan encheu o copo de Sarah com mais vodca e suco de laranja, e ela engoliu mais depressa do que deveria. No resto da noite, lembrou-se de ter rido e empurrado Ethan, e de ele tê-la puxado, e de os dois terem se beijado, e de o rapaz ficar mais agressivo e ela se afastar, e tornar a beber e repetir o padrão.

– Ora, vamos – dizia ele.

– Eu sei – murmurava ela. – Eu quero, mas...

No fim, Ethan recuou e bebeu mais vodca, até quase pegar no sono, encostado na parede. Não muito depois, cada um foi para a sua casa.

Mas agora, na segunda-feira de manhã, às 7h23,

enquanto mastigava a torrada de trigo integral, ela se perguntou se tinha feito a coisa certa ou a coisa errada, ou se fizera a coisa errada ao fazer a certa. Compreendia que Ethan era mais bonito como rapaz do que ela como garota, e imaginou quanta “gratidão” deveria demonstrar-lhe por isso. Os dois tinham se beijado – muito – e ele a desejara. *Alguém a desejava.* Isso é que era importante. Sarah ficou revendo o rosto dele. Pensou na próxima

ocasião em que estariam juntos. Finalmente havia algo por que ansiar em sua vida monótona e banal.

Pôs o prato na pia e abriu o laptop. Chegaria atrasada à escola – nunca se atrasava para a escola –, mas o Natal estava chegando, e ela sentiu uma súbita ânsia de comprar um presente para Ethan. Ele tinha comentado que os atores de *Homens de preto* usavam aqueles relógios especiais, com um formato bacana. Talvez ela pudesse comprar-lhe um desses. Ethan gostaria, não é? De ganhar uma coisa em que só ela pensaria?

Disse a si mesma que estava apenas sendo atenciosa. Natal era Natal. No fundo, porém, a equação era simples.

Ela compraria um presente para o garoto a quem amava.

E ele retribuiria o seu amor.

Já imaginou ter um tempo infinito para aprender?

Já pensou, se você pudesse congelar um carro em movimento e estudá-lo durante horas? Perambular por um museu, tocando em todos os artefatos, sem que os seguranças soubessem que você estava lá?

Foi assim que Dhor explorou nosso mundo. Usando o poder da ampulheta, ele reduzia a progressão do tempo conforme suas necessidades. Embora nunca pudesse detê-lo por completo – talvez um trem avançasse uma polegada, durante as horas que ele gastava para investigá-lo –, era fácil manter as pessoas no lugar, enquanto circulava entre elas, tocando em seus casacos ou seus sapatos, experimentando seus óculos, alisando os rostos barbeados dos homens, tão diferentes dos de sua época, quando as barbas compridas eram comuns. Essas pessoas não teriam qualquer lembrança da presença dele, apenas de um lampejo rapidíssimo em seu campo visual.

Dhor vagou assim pela zona rural espanhola, vivendo dias em um momento, explorando bairros, cafés, lojas. Encontrou roupas que lhe serviam (preferiu as que só precisavam ser enfiadas, já que os botões e zíperes o deixavam perplexo) e, a certa altura, entrou numa construção baixa de tijolos com uma tabuleta que dizia PELUQUERÍA, um salão de cabeleireiros. Olhou para um espelho comprido e soltou um grito.

Só então se deu conta de estar vendo seu reflexo.

Fazia seis mil anos que Dhor não se via.

Chegou mais perto do espelho, passando ao lado de um homem de negócios, sentado numa cadeira giratória alta, e de uma cabeleireira com as mãos numa gaveta. Observou o reflexo do homem – terno azul, gravata marrom, cabelo curto, preto e molhado – e, em seguida, olhou para a

própria imagem desgrenhada. Apesar da barba enorme e do cabelo esvoaçante, ele parecia mais moço do que o sujeito a seu lado.

Nesta caverna, não envelhecerás um só instante.

Não mereço essa dádiva.

Não é uma dádiva.

Recuou um passo, agachou-se atrás de um balcão e inclinou a ampulheta.

A vida recomeçou. A cabeleireira tirou a tesoura da gaveta e disse alguma coisa que fez o negociante rir. A moça levantou-lhe o cabelo e começou a cortar.

Dhor espiou por cima do balcão, fascinado. Ela se movia com grande destreza, a tesoura cortando, as mechas de cabelo caindo. De repente, alguém ligou um aparelho de som e a música berrou, com uma batida forte. Dhor tampou os ouvidos com as mãos. Nunca tinha ouvido nada tão alto.

Levantou a cabeça e viu uma mulher gorda, de meia-idade, com o cabelo preso em rolos de plástico, parada junto dele, olhando.

– ¿*Qué quiere?* – gritou ela.

Dhor agarrou sua ampulheta e a mulher – como todas as outras pessoas – cristalizou-se, quase imóvel.

Ele se levantou, girou em volta dela (ainda boquiaberta) e foi até a cabeleireira. Tirou-lhe a tesoura da mão, aproximou as lâminas da ponta da barba e começou a cortar seis mil anos de fios de cabelo.

– Eu o chamei aqui porque quero mudar as regras.

Victor serviu um copo de água a Jed. Sentaram-se em lados opostos de uma mesa comprida. Victor agora usava a cadeira de rodas (seu andar se tornara instável demais), e a mobília do escritório fora rearrumada a fim de abrir espaço.

– Por lei, tenho que estar oficialmente morto antes que possa ter início o processo de congelamento, certo?

– Isso mesmo – respondeu Jed.

– Mas o senhor concorda... a ciência concorda que, se o congelamento pudesse começar antes de o coração e o cérebro pararem de funcionar, as chances de preservação melhorariam muito.

– Em tese... sim.

Jed segurou o copo. Parecia desconfiado.

– Quero testar essa teoria – disse Victor.

– Sr. Delamonte...

– Ouça-me até o fim.

Victor explicou o plano. A diálise era a única coisa que o mantinha vivo. O grande aparelho que filtrava seu sangue e retirava as toxinas. Se ele suspendesse o tratamento, morreria em pouco tempo. Dias, talvez. Uma ou duas semanas, no máximo.

– No momento em que eu morresse, um médico confirmaria a falência dos órgãos, um legista confirmaria a morte, e o congelamento teria início, certo?

– Sim – disse Jed –, mas...

– Eu sei. Todos teríamos que estar nas suas instalações quando isso acontecesse.

– Exato.

– Ou *antes* que acontecesse.

– Não estou entendendo.

– *Antes* que acontecesse... – Deixou que as palavras fossem absorvidas. – Quero dizer, antes que *já tivesse* acontecido.

Jed ficou imóvel. Victor balançou o queixo. Achou que o homem estava começando a compreender.

– Quando se tem muito dinheiro – disse –, é possível conseguir que as pessoas façam coisas. – Cruzou as mãos. – Ninguém precisa saber.

Jed se manteve calado.

– Vi as suas instalações. São bem... não me entenda mal... rudimentares, não é?

Jed encolheu os ombros.

– Alguns milhões de dólares lhe seriam úteis, não? Uma doação de um cliente satisfeito?

Jed engoliu em seco.

– Olhe – disse Victor, baixando a voz para um tom mais amistoso –, já estarei perto da morte. Que diferença podem fazer algumas horas? E, sejamos francos – acrescentou, inclinando-se para mais perto –, o senhor não gostaria de ver suas chances de êxito aumentarem?

Jed assentiu com a cabeça.

– Pois eu também.

Victor guiou a cadeira de rodas até sua escrivaninha. Abriu uma gaveta.

– Mandei meu pessoal do jurídico redigir isso aqui – disse, levantando um envelope. – Espero que o ajude a tomar sua decisão.

Com o cabelo aparado e a roupa moderna, agora Dhor parecia pertencer a este século.

Ao estudar o mundo, foi manuseando a ampulheta para permitir pequenos períodos de interação em tempo real. Usou-os sobretudo nos pontos de apoio essenciais – como aprender o alfabeto, o que ele conseguiu nos fundos de uma sala de aula para alfabetização de adultos. O alfabeto levou à ortografia, a ortografia, às palavras, e, como o Pai do Tempo já compreendia todas as línguas da Terra, sua mente fez o resto.

Tendo aprendido a ler, todos os conhecimentos ficaram ao seu alcance.

Ele mergulhou numa biblioteca em Madri e leu mais de um terço dos volumes. Leu história e literatura, estudou mapas e gigantescos livros de fotografias. Com a ampulheta virada, isso levou meros minutos, embora devesse significar décadas, em tempo real.

Ao sair da biblioteca, desvirou novamente a ampulheta, para ver o cair da noite. Observou, assombrado, como a eletricidade – sobre a qual tinha lido – alongava as horas de vigília humana. Dhor só tinha conhecido a iluminação de lamparinas a óleo, ou a do fogo. Agora, os postes de rua mantinham as cidades banhadas de claridade, e Dhor caminhou sob a luz deles, em suas projeções amareladas. Passou uma noite inteira em claro, olhando para as lâmpadas completamente fascinado.

De manhã, fez o sol parar mais uma vez

e vagou pelas planícies espanholas, ao longo do rio mais largo da França, e através das florestas da Bélgica e da Alemanha. Viu antigas ruínas e estádios

modernos, e explorou arranha-céus, igrejas e centros comerciais.

Em todos os lugares a que foi, procurou relógios. O ancião estava certo. Dhor podia ter sido o primeiro guardião mundial do tempo, mas a humanidade pegara seus conceitos simples da vareta e da tigela e os transformara num conjunto interminável de aparelhos.

Familiarizou-se com todos. Num museu de Düsseldorf, na Hutterstrasse, desmontou todos os relógios antigos em exposição, estudando as molas e bobinas, com o segurança immobilizado a poucos metros. Num mercado das pulgas em Frankfurt, encontrou um radiorelógio que, ao ter os botões pressionados, permitia que o tempo avançasse ou retrocedesse. Dhor apertou o botão de retrocesso e viu o tempo recuar, quarta-feira, terça-feira, segunda-feira, e pensou que bom seria se pudesse apenas manter o botão pressionado até chegar de novo em sua casa.

És o pai do tempo terreno.

Será que ele podia mesmo ser responsável por tudo isso? Pensou nos séculos que fora obrigado a suportar na caverna, e ficou se perguntando se todo observador de relógios pagava algum tipo de preço.

Por fim, Dhor chegou ao litoral.

Topou com um farol em Westerhever, na Alemanha. Tinha lido sobre faróis e o majestoso mar do Norte. Virou a ampulheta para contemplar as ondas se quebrando. Depois, desvirou-a.

Sua educação sobre o mundo moderno estava completa. Ele passara cem anos observando um único dia.

Escutou o vento. Ouviu o que precisava ouvir.

– *Outra vida.*

– *Faça-o parar.*

Entrou patinando nas águas calmas.

E começou a nadar.

Dhor cruzou o oceano Atlântico a nado. E o fez em um minuto.

Ao sair da Alemanha, eram 19h02. Ao chegar a Manhattan, 13h03. Tecnicamente, por nossos relógios, ele nadara para trás no tempo.

Enquanto dava braçadas na água – sem ser afetado pelo frio nem pelo cansaço –, ele deixara sua mente vagar por tudo o que tinha visto e pelas pessoas de sua vida a quem nunca dissera adeus, pessoas desaparecidas havia milhares de anos. Seu pai. Sua mãe. Seus filhos. Sua amada mulher.

Termina tua viagem e saberás.

Pensou em quando isso aconteceria. Pensou no que teria de aprender. Mais que tudo, enquanto cruzava o oceano, uma braçada de cada vez, perguntou-se quando viria a morrer, como todo mundo.

Ao chegar à costa, Dhor subiu pela lateral de um cais de carga e descarga.

Um estivador de boné e barba por fazer o avistou:

– Ei, cara, que diabo...

Não pôde ir adiante.

Dhor virou a ampulheta. Ergueu os olhos para a imensa silhueta das construções na linha do horizonte e percebeu que estava no lugar mais estranho que já vira até aquele momento.

A cidade de Nova York assomou como uma metrópole inimaginável,

mesmo depois de tudo que Dhor tinha visto em seus cem anos de estudos na Europa. Os prédios eram mais altos e, entre eles, mal havia espaço para respirar. E o povo. Que *número* incrível! Gente amontoada nas esquinas.

Saindo aos borbotões das lojas. Mesmo com toda a cidade num ritmo mais lento, submetido ao seu poder, ele teve dificuldade de se deslocar por entre os corpos.

Precisava de roupas, e por isso tirou um par de calças e um suéter preto de gola alta de uma loja chamada Bravo. Achou um paletó que lhe serviu no cabide de um restaurante japonês.

Enquanto andava por entre os gigantescos arranha-céus, lembrou-se da torre de Nim. E se perguntou se não haveria fim para as ambições do homem.



CIDADE



Os ponteiros do relógio sempre encontram o caminho de casa.

Isso se mostrara verdadeiro no momento em que Dhor tinha marcado pela primeira vez a sombra do sol.

Quando menino, sentado na areia, ele previra que o amanhã conteria um momento igual ao de hoje, e o dia seguinte, um momento igual ao de amanhã. Todas as gerações depois de Dhor mostraram-se decididas a aprimorar seu conceito, medindo a vida com precisão cada vez maior.

Instalaram-se relógios de sol em portas de entrada. Construíram-se clepsidras gigantescas nas praças das cidades. A passagem para aparelhos mecânicos – modelos movidos a pesos, com escapamento de fuso ou vareta – levou a relógios de torres, a carrilhões e, por fim, a relógios que cabiam numa prateleira.

E então, um matemático francês amarrou um barbante num relógio, prendeu-o no pulso, e o homem começou a usar o tempo no corpo.

A precisão aumentou numa velocidade espantosa. Embora tenha sido preciso chegar ao século XVI para que se inventasse o ponteiro dos minutos, já no século XVII o relógio de pêndulo tinha uma precisão com margem de erro de um minuto por dia. Menos de cem anos depois, essa margem de erro havia baixado para menos de um segundo.

O tempo tornou-se uma indústria. O homem dividiu o mundo em zonas, para que os horários dos transportes pudessem ser marcados com exatidão. Trens partiam em momentos precisos, navios forçavam os motores para garantir a chegada na hora prevista.

As pessoas acordavam ao som de despertadores estridentes. As empresas aderiam aos “horários de funcionamento”. Toda fábrica tinha um apito. Toda sala de aula tinha um relógio.

“Que horas são?” tornou-se uma das perguntas mais comuns do mundo, encontrada na primeira página de todos os manuais de língua estrangeira. *What time is it? Qué hora es? Skol’ko syejchas vryemyeni?*

Assim, não admira que Dhor, o primeiro homem a fazer realmente essa pergunta, ao chegar à sua cidade de destino – onde as vozes por trás de “*Outra vida*” e “*Faça-o parar*” flutuavam no vento –, tenha usado seus conhecimentos para arranjar emprego no lugar em que o tempo estaria sempre ao seu redor.

Uma relojoaria.

E esperou os dois ponteiros chegarem em casa.

A limusine de Victor foi deslizando pela baixa Manhattan.

Entrou numa rua de paralelepípedos, onde, encaixada numa curva, havia uma loja estreita. Um toldo cor de morango exibia o endereço, mas o lugar não tinha nome, apenas um sol e uma lua entalhados na porta de entrada.

– Orchard, número 143 – anunciou o motorista.

Dois de seus empregados saltaram primeiro e levantaram Victor em sua cadeira de rodas. Um deles manteve a porta da loja aberta, enquanto o outro o empurrava para dentro. Ele ouviu as dobradiças rangerem.

No interior, o ar parecia viciado e inalterado, como se viesse de outra era. Atrás do balcão, havia um homem pálido e idoso, de cabelos brancos, colete quadriculado e camisa azul, com um par de óculos de aro de metal arriados até a metade do nariz. Victor calculou que seria alemão. Tinha bom olho para nacionalidades, depois de todas as viagens que fizera.

– *Guten Tag* – cumprimentou.

O homem sorriu:

– O senhor é da Alemanha?

– Não, apenas achei que o senhor fosse.

– Ah. – O velho ergueu as sobrancelhas. – O que podemos oferecer-lhe?

Victor chegou mais perto, observando o estoque. Viu toda espécie de relógios – carrilhões, relógios de mesa, relógios de cozinha com portas vaivém envidraçadas, relógios em pés de abajures, relógios escolares, relógios com sinetas e alarmes, relógios no formato de bolas de beisebol e violões, até um relógio em forma de gato, com uma cauda por pêndulo. E os pêndulos! Na parede, no teto, atrás das vitrines, gingando de um lado para outro, tique-taque, tique-taque, como se cada segundo do local se movesse para a esquerda ou a direita. Um cuco surgiu, com alavancas rangentes anunciando

sua chegada, seguido por onze cucos acima de onze sinos. Victor observou o pássaro voltar para trás de sua porta, deslizando.

– Quero o relógio de bolso mais antigo que o senhor tiver – disse.

O proprietário estalou os lábios.

– Preço?

– Não vem ao caso.

– Muito bem... Um momento.

Foi até os fundos e resmungou alguma coisa para alguém.

Victor aguardou. Era dezembro, poucas semanas antes de seu último Natal, e ele tinha decidido comprar um relógio. Mandaria o pessoal da criônica pará-lo no momento em que fosse congelado. Quando chegasse ao novo mundo, ele o recolocaria em funcionamento. Gostava desse tipo de gesto simbólico. E, de qualquer modo, seria um bom investimento. Uma antiguidade atual valeria muito mais dali a séculos.

– Meu aprendiz pode ajudá-lo – disse o proprietário.

Dos fundos da loja veio um homem que Victor calculou ter trinta e poucos anos, esguio e musculoso, cabelo preto desigual e desarrumado. Usava um suéter preto de gola alta. Victor tentou adivinhar sua nacionalidade. Ossos malares fortes. Nariz levemente achatado. Seria do Oriente Médio? Grego, talvez?

– Estou procurando o relógio de bolso mais antigo que você tiver.

O homem fechou os olhos. Pareceu pensar. Victor, que nunca fora paciente, olhou de relance para o dono da loja, que encolheu os ombros.

– Ele é muito entendido – murmurou o proprietário.

– Bem, não vamos levar uma vida inteira – disse Victor. Deu um risinho consigo mesmo. – Ou outra vida.

Outra vida.

Os olhos do homem se arregalaram.

Ethan não pareceu tão atencioso na semana seguinte, no abrigo.

Sarah disse a si mesma que podia ser qualquer coisa. Talvez ele estivesse cansado. De brincadeira, ela amarrou um pacote de biscoitos de creme de amendoim com um lacinho de fita vermelha. Secretamente, tinha esperança de ganhar um beijo. Mas, ao ver o presente, Ethan deu um risinho e disse:

– Tudo bem, obrigado.

Ela não tinha mencionado a noite dos dois, porque não sabia o que dizer. Envergonhava-se de admitir que, graças ao álcool, não se lembrava de todos os detalhes (ela, Sarah Lemon, que um dia tinha decorado estrofes inteiras dos *Contos de Cantuária* para a aula de literatura), e, além disso, achava que quanto menos falasse daquela noite, melhor.

Em vez disso, procurou iniciar uma conversa mais corriqueira, falando de tudo que achava que os dois tinham em comum, tal como fizera antes de as coisas tomarem um rumo mais físico. No entanto, havia algo errado. Qualquer assunto que ela puxava era encerrado por Ethan com uma resposta seca.

– O que houve? – ela acabou perguntando.

– Nada.

– Tem certeza?

– Só estou cansado.

Ficaram em silêncio, e desembalaram a mercadoria das caixas. Sarah soltou um “Aquela vodca estava boa”, mas a frase soou tão falsa quanto a sensação que lhe deu. Ethan riu e disse:

– Biritá sempre dá certo.

Sarah riu, mas não muito alto.

Ao sair, Ethan ergueu uma das mãos e disse:

– Até a semana que vem.

Ela torceu para que o rapaz acrescentasse “Lemon-ada”. Só queria ouvi-lo dizer isso, mas, quando ele não o fez, ouviu a si mesma dizendo “Lemon-ada”, e então pensou: *Ah, meu Deus!*, será que eu falei em voz alta?

– É. Lemon-ada – repetiu Ethan. E saiu porta afora.

Naquela tarde, sem dizer uma palavra à mãe, Sarah sacou dinheiro de sua conta bancária e andou uma hora de metrô até a cidade de Nova York, para comprar o relógio especial.

Às vezes, quando a pessoa não consegue o amor que quer, dar algo a faz achar que conseguirá.

Victor teve de admitir que o aprendiz sabia o que estava fazendo.

Tinha localizado um relógio feito em 1784, um cebolão com acabamento em ouro de dezoito quilates, com a tampa pintada retratando três pessoas sob as estrelas – pai, mãe e filho. O mostrador era de esmalte branco e tinha algarismos romanos em relevo. Os ponteiros eram de prata. O mecanismo era o antiquado sistema de vareta e caracol. Chegava até a fazer um sonzinho de sino ao marcar cada hora. Considerando-se a idade, o relógio estava em excelente estado.

Por coincidência, tinha sido fabricado na França.

– Eu nasci lá – disse Victor.

– Eu sei – retrucou o aprendiz.

– Como pode saber?

O aprendiz deu de ombros:

– A sua voz.

A voz dele? Victor não tinha qualquer sotaque. Pensou no assunto, mas deixou de lado. Estava mais interessado no relógio, que cabia perfeitamente na palma de sua mão.

– Posso levá-lo comigo?

O aprendiz olhou para o proprietário, que balançou a cabeça, negando:

– Precisaremos de uns dias para garantir o funcionamento dele. Lembre-se, é uma peça muito antiga.

Já sentado no banco traseiro da limusine, Victor se deu conta de que não lhe tinham dito o preço do relógio.

Não que isso tivesse importância. Fazia muito tempo que ele não perguntava o preço das coisas.

Engoliu vários comprimidos e tomou um gole de refrigerante. A dor no estômago e nos rins latejava, como acontecia havia meses. Mas o pavor que ele sentia de o seu tempo estar se esgotando era tratado da maneira como ele sempre lidava com as coisas: com uma ação metódica.

Verificou que horas eram. Nessa tarde, faria uma consulta à sua equipe jurídica. Depois, reexaminaria os documentos da criônica. E, por fim, voltaria para casa e para Grace, que o estaria esperando com outra de suas refeições “saudáveis” – legumes sem tempero nem sabor, com certeza. Isso era típico do abismo entre os dois, pensou. Lá estava ela, tentando esticar os magros dias do marido, enquanto ele fazia planos para outro século.

Tornou a pensar no relógio de bolso, na perfeição com que se ajustara à palma de sua mão. Ficou admirado com a animação que essa compra lhe causava, apesar de ser mais uma coisa sobre a qual não poderia falar com Grace.

O âncora do noticiário estava falando do fim do mundo.

Sarah aproximou-se mais do televisor da estação de metrô. O homem estava dizendo que, de acordo com o calendário dos maias, o mundo deveria acabar na semana seguinte. Alguns previam um despertar espiritual. Outros viam a colisão da Terra com um buraco negro. Em várias partes do mundo, havia pessoas se reunindo em igrejas, praças, campos ou à beira-mar, aguardando o fim da existência.

Ela pensou em falar disso com Ethan. Pensava em falar a respeito de tudo com Ethan. Pegou o celular e teclou uma mensagem para ele:

Vc sabia q terça será o fim do mundo?

Apertou a tecla “enviar” e esperou. Nenhuma resposta. Provavelmente, ele estava com o celular desligado. Ou no bolso.

Chegou o trem e ela embarcou. Levava quase todas as suas economias na bolsa – setecentos e cinquenta e cinco dólares – e se perguntou quanto custaria um relógio daqueles usados no filme.

Apesar de ser fim de semana, o escritório de Victor fervilhava de atividade.

Um provérbio de sua empresa dizia: “Se você não vier trabalhar no sábado, não se dê o trabalho de vir no domingo.”

Victor acenou com a cabeça para vários funcionários, enquanto Roger empurrava sua cadeira pelos corredores. Roger, alto e pálido, com as bochechas caídas como as de um buldogue, estava quase sempre ao lado do patrão. Era de uma lealdade infalível, jamais questionava uma ordem, e Victor o recompensava com generosidade.

– Boa tarde – murmurou, quando Roger o empurrou para a sala de reuniões, onde cinco advogados se agrupavam em torno de uma mesa retangular e comprida. O sol de inverno infiltrava-se pelas persianas das janelas.

– E então, como estamos?

Um dos advogados inclinou-se para a frente, empurrando uma pilha de papéis.

– É de uma complicação incrível, Victor – disse. – Só podemos redigir documentos com base na legislação atual.

– Decisões futuras poderão torná-los obsoletos – acrescentou outro.

– Não há como garantir proteção contra tudo – disse um terceiro.

– Depende do prazo de que estivermos falando – afirmou o primeiro.

– Em condições normais, os seus bens passariam para a Grace – disse o quarto advogado.

Victor tornou a pensar na mulher, no fato de ela desconhecer totalmente esse plano. Sentiu uma fisgada de culpa.

– Continue – disse.

– Mas, se fizermos isso, ela passará a controlar tudo. E quando ela falecer, devolverá tudo a você... bem, a lei é obscura quanto a legar novamente uma herança a alguém que já está, tecnicamente...

Todos se entreolharam.

– Morto? – disse Victor.

O advogado encolheu os ombros.

– É melhor criarmos logo uns fundos patrimoniais, uns seguros, um fundo especial de custódia...

–... um fundo de dinastia – interpôs o primeiro advogado.

– Certo. Do tipo que se usa para garantir a educação de um bisneto. Desse modo, o dinheiro poderá voltar para você quando você for... qual é a palavra certa?

– Reanimado?

– Sim, reanimado.

Victor assentiu com a cabeça. Ainda estava pensando em Grace, na quantia que deixaria reservada para cuidar dela. A mulher sempre dissera que não se casara com ele pelo dinheiro. No entanto, que impressão causaria se não deixasse mais do que o suficiente para cobrir todas as suas necessidades?

– Sr. Delamonte – perguntou o terceiro advogado –, para quando o senhor planeja a sua... ahn...

Victor bufou. Todos tinham enorme dificuldade com a palavra.

– Devo ter partido até o fim do ano. Isso não nos favorece?

Os advogados se entreolharam.

– Facilitaria mais com a papelada – respondeu um deles.

– Pois, então, na véspera do Ano-Novo – anunciou Victor.

– Isso não nos dá muito tempo – protestou um advogado.

Victor levou a cadeira até a janela e olhou por cima dos telhados.

– Isso mesmo – disse. – Eu não tenho muito tempo.

Inclinou-se para a frente e ficou olhando fixo, incrédulo. Ali, num arranha-céu bem do outro lado da rua, havia um homem sentado num parapeito, com os pés balançando. Aninhava alguma coisa nos braços.

– O que foi? – indagou um dos advogados.

– Um maluco com desejo de morrer – disse Victor.

Mesmo assim, não conseguiu desviar os olhos. Não estava preocupado com a queda do homem. Era porque ele parecia olhar diretamente para a janela de Victor.

– Muito bem. Devemos começar pela carteira de commodities? – perguntou um advogado.

– Hã?... Ah. Sim.

Victor baixou a persiana e voltou à questão de quanto poderia levar consigo ao morrer.

Sarah parou em frente à relojoaria, olhando para o sol e a lua entalhados na porta.

Calculou que o lugar devia ser aquele, apesar de não haver nome algum na fachada.

Quando entrou, teve a sensação de ter entrado num museu. *Ah, meu Deus, eles não vão ter o relógio*, pensou. *Olhe só para essa velharia.*

– Em que posso ajudá-la?

O dono da loja a fez lembrar de um professor de química que ela tivera no segundo ano, com o cabelo branco e os óculos estreitos. O professor também usava colete.

– O senhor tem... é provável que não tenha... mas existe um relógio, eu acho, nem sei direito se eles ainda fabricam, mas...

O velho ergueu uma das mãos:

– Deixe-me chamar alguém que saberá.

Voltou dos fundos da loja com um sujeito de ar sério, cabelo castanho desgrenhado, suéter preto de gola alta. Até que era bonito, pensou Sarah.

– Oi – saudou ela.

O homem balançou a cabeça, sem pronunciar palavra.

– É o relógio de um filme. Provavelmente vocês não têm...

Dez minutos depois, ela ainda estava explicando.

Não tanto sobre o relógio, mas sobre Ethan, e por que achava que esse seria um bom presente. Era fácil falar com o sujeito atrás do balcão; ele escutava com a paciência de quem dispunha de toda a eternidade (o patrão devia ser muito tolerante, pensou Sarah), e já que ela não conversava com a mãe sobre Ethan e não podia confiar em ninguém da escola (o rapaz não

tinha contado a ninguém, de modo que ela seguia o seu exemplo), foi um alívio, quase uma diversão, deixar alguém saber do relacionamento.

– Ele é meio calado, às vezes – disse –, e nem sempre responde às minhas mensagens.

O homem meneou a cabeça.

– Mas sei que ele gosta desse filme. E o relógio era assim, feito um triângulo, sabe? Eu quero fazer uma surpresa.

O homem tornou a menear a cabeça. Um relógio cuco tocou. Como eram cinco horas, o cuco cantou cinco vezes.

– Aaaaah, chega! – disse Sarah, pondo as mãos nos ouvidos. – Faça-o parar.

O homem a olhou como se ela estivesse em perigo.

– O que foi? – perguntou Sarah.

O cuco terminou.

Faça-o parar.

Fez-se um silêncio constrangedor.

– É... – sugeriu Sarah – se o senhor me mostrar uns relógios, talvez eu possa lhe dizer se um deles é o certo, não é?

– Boa ideia – interpôs o proprietário.

O homem foi até os fundos. Sarah tamborilou no balcão. Viu um porta-joias aberto perto da caixa registradora, com um velho relógio de bolso que tinha uma pintura na parte externa. Parecia caro.

O homem reapareceu, segurando uma caixa. Na tampa havia uma foto do filme *MIB: Homens de preto*.

– Ah, meu Deus, vocês têm o relógio?! – exclamou Sarah, empolgada.

Ele lhe entregou a caixa, que a adolescente abriu. No interior, havia um elegante relógio preto em forma de triângulo.

– Isso! Puxa, fico muito contente!

O homem inclinou a cabeça:

– Então, por que está tão triste?

– Hã? – Sarah espremeu os olhos. – Como assim?

Olhou para o proprietário, que pareceu sem jeito:

– Ele é muito bom no que faz – murmurou, em tom de desculpa.

Sarah tentou rebater a pergunta. Quem disse que ela estava triste? E o que sentia não era da conta dele.

Baixou os olhos e viu o preço na caixa. Duzentos e quarenta e nove dólares. De repente, sentiu-se constrangida, com vontade de sair dali.

– Está bem, vou levar – disse.

O homem a olhou com simpatia.

– O Ethan – disse.

– O que é que tem?

– Ele é seu marido?

– O *quê?* – Sarah guinchou. E se apanhou sorrindo. – Não! Nossa, eu estou no último ano do *ensino médio*.

Afastou o cabelo para trás. Seu humor melhorou de repente.

– Quer dizer, pode ser que a gente se case, um dia. Eu acho. Mas agora, ele é só... meu namorado.

Sarah nunca tinha usado essa palavra, e sentiu um certo embaraço, como se sáísse de um provador de roupas com uma saia curta. Mas o homem também sorriu, e ela o perdoou por aquele comentário esquisito sobre sua tristeza, porque a palavra “namorado” caía muito bem, e ela queria dizê-la de novo.

Toda noite, quando o sol se punha em Nova York, Dhor subia até o alto dos arranha-céus e se sentava num parapeito.

Virava a ampulheta e detinha a metrópole por um momento vagaroso, silenciando o barulho do trânsito num único zumbido forte. Com o céu escurecendo atrás dos inúmeros prédios altos, ele imaginava Alli a seu lado, os dois sentados juntos, vendo o dia chegar ao fim. Dhor não precisava de sono nem de alimento. Parecia viver num registro temporal totalmente diverso. Mas seus pensamentos eram como sempre tinham sido, e quando enfim ele deixava a escuridão cair, tornava a imaginar Alli usando seu véu, e a lua crescente da noite de seu casamento.

Ela é minha mulher.

Sentia uma saudade terrível, mesmo depois de todo esse tempo, e queria poder conversar com Alli sobre essa viagem misteriosa, e perguntar-lhe que destino o esperaria no final. Fora enviado à Terra para encontrar duas pessoas e as encontrara – ou elas o acharam –, mas ainda não entendia por que um homem numa cadeira de rodas e uma adolescente apaixonada tinham que ser destacados da massa.

Segurou a ampulheta junto ao rosto, para ver os símbolos que entalhara durante seu purgatório,

os símbolos que tinham se desprendido das paredes e ficado gravados no anel entre os bulbos superior e inferior. Com seu poder sobre o tempo, poderia pegar tudo o que desejasse nesse novo mundo. Mas o homem que pode pegar qualquer coisa acha a maioria delas insatisfatória. E um homem sem lembranças não passa de uma casca.

E assim, ali, sozinho, bem alto acima da cidade, o Pai do Tempo segurava o único bem com que se importava: a ampulheta que guardava sua história.

E mais uma vez, em voz alta, recitava sua vida:

– Isso foi quando subimos correndo a encosta da montanha... Esta é a pedra que a Alli jogou... Esse foi o dia em que nos casamos...

Victor olhou para as duas agulhas. Suspirou.

Havia quase um ano que fazia diálise. Detestava cada vez mais. Desde o dia em que tinham posto um cateter em seu braço, ele tinha se sentido preso como um animal numa rede. Três sessões por semana. Quatro horas por sessão. A mesma rotina maçante. Ver o sangue sair e voltar.

Ele tinha batalhado contra a ideia e se recusado a ficar com outros pacientes durante as sessões de tratamento, apesar de Grace ter concordado com o médico que dissera “É bom conversar com outras pessoas que enfrentam o mesmo desafio”. Para Victor, elas não enfrentavam o mesmo desafio. Aquelas pessoas iam continuar vivas por mais um mês, ou um ano. Ele estava planejando uma vida inteiramente nova.

Pagava por um quarto exclusivo, equipado com computadores e tinha enfermeiras particulares. Com Roger a poucos passos de distância, Victor usava essas quatro horas para trabalhar, mantendo um teclado apoiado sobre o cobertor, o BlackBerry em cima da mesa e o celular ligado a seu ouvido por um dispositivo especial.

Entrou uma enfermeira com sua prancheta.

– Como estamos indo hoje? – perguntou a Victor.

Era ruiva, estava acima do peso e tinha a roupa repuxada no busto e na cintura.

– Tudo formidável – resmungou ele.

– Que ótimo.

Victor desviou os olhos da enfermeira, cansado, e resvalou para um estado de devaneio. Mais uma semana disto, pensou, e depois se desvincularia e embarcaria naquela nau para o novo mundo, na véspera do Ano-Novo.

Piscou e viu uma sombra num canto, do tamanho de um homem. Quando tornou a piscar, porém, ela tinha desaparecido.

A sombra era Dhor.

Ele andara explorando o edifício, perambulando por entre os aparelhos e a equipe, tentando compreender o processo que ainda o intrigava. De alguma forma, esse lugar curava os enfermos. Isso ele compreendia. E sentiu a conhecida fisgada de tristeza que experimentava toda vez que observava a medicina moderna: Alli morrera sozinha, deitada sobre uma manta. Se fizesse parte da geração atual, não teria tido uma vida longa?

Ele se perguntou se era justo que a morte dependesse tanto da época em que se tinha nascido.

Estudou a máquina grande na suíte particular, viu como o sangue entrava e saía do corpo. Aproximou-se de Victor, sentado na poltrona grande com um aparelho no ouvido – Victor, em cujo destino Dhor teria de tocar para chegar ao próprio destino.

Que idade tinha esse Victor que, tal como Nim, parecia mais bem tratado do que os outros? A julgar pela pele enrugada, o cabelo ralo e as manchas senis nos braços, parecia já ter sido abençoado com longos anos de vida. No entanto, Dhor notou o cenho franzido, os cantos dos lábios repuxados para baixo.

Embora um homem doente pudesse sentir-se assustado – ou até agradecido – esse parecia estar... *com raiva.*

Ou uma palavra melhor.

Impaciente.

Agora que Sarah tinha o presente de Ethan, só precisava de hora e lugar para entregá-lo.

Continuou a enviar-lhe mensagens, mas ele não respondeu. Talvez seu celular estivesse quebrado. Mas, como entrar em contato com ele? Só faltavam alguns dias de aula antes das férias de Natal. Encontrá-lo nos corredores movimentados era incerto. Além disso, na escola, ela seguia o exemplo do rapaz, e nunca falava com ele. O relacionamento era o segredinho dos dois.

Sabia que, depois das aulas, Ethan treinava corrida na pista coberta. Assim, resolveu esperar do lado de fora do ginásio e esbarrar “acidentalmente” nele. Parada no corredor, segurando o embrulho do presente, desviou os olhos à passagem da turma – as garotas “gostasas”, com suas roupas de grife; os atletas idiotas de corpo escultural; os moderninhos, de óculos de aro preto e chapéus estapafúrdios; os tipos altamente emotivos, de cara emburrada, camiseta preta esfarrapada e brincos. Ela tinha visto algumas dessas pessoas durante os últimos anos, sem que trocassem uma palavra. Mas era assim que funcionava o ensino médio: ele ditava um estereótipo e você se portava de acordo com ele. O estereótipo referente a Sarah Lemon era: inteligente demais, gorda demais, esquisita demais – e assim, pouca gente se dava o trabalho de falar com ela. Sarah estivera contando os meses que faltavam para a formatura, até Ethan aparecer. Ethan, o incrível Ethan que se atrevera a desafiar o estereótipo dela. Que a desejava. *Alguém a desejava.* Agora ela se sentia muito adulta, tendo-o por namorado. Tinha vontade de se gabar disso.

Avistou duas garotas que conhecia desde o ano anterior – Eva e Ashley – vindo em sua direção, com blusas justas de listras e o tipo de jeans justos em que ela jamais conseguiria se espremer. As garotas a olharam, e Sarah baixou os olhos, pensativa. Por dentro, gritava: *Adivinhem quem eu estou esperando!*

Mas, nesse momento, seu telefone tocou – a melodia áspera de uma guitarra heavy metal, toque que indicava as ligações de sua mãe – e, enquanto silenciava rapidamente o celular, ela ouviu Eva e Ashley rirem.

De repente, ficou constrangida por estar ali, pôs o presente de Ethan no bolso do casaco e partiu. De qualquer modo, ele nunca acreditaria que tinha sido um acaso, e Sarah não teria outra explicação a não ser a verdade: que agora ela o estava perseguindo.

Ao chegar do lado de fora, mandou-lhe outro torpedo.

Victor guiou a cadeira para o escritório e fechou a porta ao entrar. Só então viu o aprendiz da relojoaria, de pé, encostado na parede.

– Como entrou aqui? – perguntou-lhe.

– Seu relógio ficou pronto.

– Minha secretária o deixou entrar?

– Eu quis trazê-lo para o senhor.

Victor fez uma pausa. Coçou a cabeça e pediu:

– Deixe-me ver.

O aprendiz enfiou a mão em sua sacola. Que sujeito estranho, pensou Victor. Se trabalhasse para mim, estaria no laboratório, como um daqueles técnicos tímidos e meio cdf que um belo dia inventam um produto que transforma a companhia numa mina de ouro.

– Onde você aprendeu tanta coisa sobre relógios? – perguntou-lhe.

– Foi um interesse meu, em certa época.

– E não é mais?

– Não.

Ele abriu uma caixa e entregou o relógio de bolso, cuja tampa decorada reluzia de tão polida.

Victor sorriu:

– Você poliu isso para valer.

– Por que o senhor quer esse aparelho?

– Por quê? – Victor deu um suspiro. – Bem, estou prestes a fazer uma viagem, e gostaria de levar um relógio resistente comigo.

– Para onde o senhor vai?

– É só um pouco de R&R.

O aprendiz fez um ar perdido.

– Repouso e relaxamento, sabe? Você sai daquela sua salinha dos fundos de vez em quando, não sai?

– Estive em outros lugares, se é o que o senhor quer dizer.

– Sim. Foi o que eu quis dizer.

Victor examinou o visitante. Havia algo esquisito nele. Não era propriamente a roupa, mas a linguagem. Ele dizia as palavras certas, mas elas não tinham um encaixe natural, como se o homem as tomasse emprestadas de um livro.

– No outro dia, na loja, como você soube que eu era da França?

O homem encolheu os ombros.

– Você leu isso em algum lugar?

Ele abanou a cabeça.

– Na internet?

Nenhuma resposta.

– Estou falando sério. Diga-me. Como você soube que eu era da França?

O homem passou vários segundos olhando para baixo. Depois, olhou diretamente para Victor:

– Eu o ouvi pedir uma coisa quando o senhor era pequeno. Naquela ocasião, como agora, o senhor queria tempo.

Sarah tirou a ideia, quem diria, de sua mãe.

Num jantar à base de empadão de frango, Lorraine falou de uma pulseira que ela e as amigas estavam comprando para uma mulher que ia fazer cinquenta anos. Iam mandar gravar uma mensagem na joia.

Mal Lorraine acabou de falar, Sarah pensou em Ethan. Uma mensagem no verso do relógio? Por que ela não tinha pensado nisso?

– Sarah! Você está ouvindo?

– O quê? Sim.

No dia seguinte, a adolescente matou as duas últimas aulas (de novo, o que era atípico, mas agora Sarah tinha Ethan, e ele também exigia tempo) e pegou novamente o metrô para a cidade. Era fim de tarde quando entrou na relojoaria, e, mais uma vez, ela era a única cliente. Sentiu pena do lugar, porque, se não estava movimentado no Natal, quando estaria?

– Ah! – exclamou o velho proprietário, ao reconhecê-la. – Olá, de novo.

– O senhor sabe aquele relógio que comprei aqui? – perguntou Sarah. – Pode fazer uma gravação nele? Vocês fazem isso?

O proprietário confirmou com um aceno da cabeça.

– Ótimo.

Ela tirou a caixa da bolsa e a colocou no balcão. Olhou pela porta que dava para o cômodo dos fundos.

– Aquele outro homem está?

O proprietário sorriu:

– Quer que ele faça a gravação?

Sarah enrubesceu.

– Ah, não. Quer dizer, eu não sabia se ele fazia isso ou não. Qualquer um serve. Quer dizer... Sim. Se ele puder. Claro. Mas qualquer um pode fazer.

Pessoalmente, ela torcia para que o homem *estivesse* na loja. Afinal, era a única pessoa com quem ela falara sobre Ethan.

– Vou chamá-lo – disse o proprietário.

Um momento depois, Dhor veio lá dos fundos, usando o conhecido suéter preto de gola alta, com o cabelo ainda bagunçado.

– Oi – cumprimentou Sarah.

Ele a olhou com a cabeça ligeiramente inclinada. Tinha a mais gentil das expressões, pensou a jovem.

O homem pegou o relógio.

– Qual é a mensagem? – perguntou.

Sarah escolhera uma mensagem simples.

Pigarreou e perguntou:

– O senhor pode escrever... – Baixou a voz quase num sussurro, embora não houvesse mais ninguém na loja. – “Com você o tempo voa”?

Dhor a fitou, intrigado.

– O que isso quer dizer?

Sarah arqueou as sobrancelhas:

– É sério demais? Sinceramente, eu acho... parece idiotice, não é? Acho que ele é, tipo assim, é o homem certo para mim. Mas não quero exagerar.

Dhor abanou a cabeça:

– A frase. O que ela significa?

Sarah se perguntou se ele estaria brincando.

– O tempo voa? Sabe, assim, quando o tempo passa muito depressa, e logo a gente está se despedindo, e é como se não tivesse passado tempo algum?

Os olhos dele vagaram. Gostou da ideia.

– O tempo voa.

– Com você – acrescentou Sarah.

Mesmo depois do funeral, o pequeno Victor se perguntou se um dia seu pai voltaria, magicamente, como se

aquilo tudo – o padre, a família chorando, o caixão de madeira – fosse só uma fase que a pessoa atravessava quando os adultos sofriam acidentes.

Perguntou à mãe. Ela respondeu que eles deviam rezar. Talvez Deus conhecesse um jeito de todos poderem se reunir. Ajoelharam-se diante de uma pequena lareira, e a mãe colocou um xale sobre os ombros dos dois. Fechou os olhos, resmungou alguma coisa, e Victor fez o mesmo. O que ele disse foi: “Por favor, faça ser ontem, na hora que o papai chegou em casa.”

Numa caverna muito distante, as palavras do menino subiram por um laguinho reluzente. Havia milhões de outras vozes, mas os apelos das crianças têm um som diferente para nossos ouvidos, e Dhor emocionou-se com aquele pedido simples. É muito raro as crianças pedirem para o tempo retroceder. Em geral, elas têm pressa. Querem que toque a sineta da escola. Que chegue o aniversário.

Por favor, faça ser ontem.

Dhor se lembrava da voz de Victor. E, embora se tornem mais graves com o tempo, as vozes, para quem está predestinado a ouvi-las por toda a eternidade, são tão singulares quanto uma impressão digital. Dhor soube que era ele no momento em que Victor falou na loja.

Não sabia que o menino que tinha pedido pelo ontem buscava agora possuir o amanhã.

Victor nunca mais rezou.

Depois que sua mãe pulou daquela ponte, ele desistiu das orações, desistiu do passado. Foi para os Estados Unidos e aprendeu que os que

melhor aproveitavam seu tempo prosperavam. Assim, trabalhou. Acelerou a vida. Treinou-se a não pensar nos dias da meninice.

E agora, em seu escritório do último andar, um homem que era praticamente um estranho vinha lembrá-los.

– Eu o ouvi pedir uma coisa quando o senhor era pequeno – disse o aprendiz. – Naquela ocasião, como agora, o senhor queria tempo.

– Do que você está falando?

O aprendiz apontou para o relógio de algibeira.

– Todos sentimos saudade do que perdemos. Mas, às vezes, esquecemos o que possuímos agora.

Victor olhou para o relógio, para a pintura da família.

Ao levantar os olhos, o homem tinha sumido.

Victor gritou “Ei!”, achando que era um truque.

– Ei! Volte aqui!

Guiou a cadeira de rodas até a porta. Roger já vinha andando em sua direção, assim como Charlene, sua assistente executiva.

– Está tudo bem, Sr. D.? – indagou Charlene.

– Vocês viram o sujeito que acabou de sair correndo daqui?

– O sujeito?

Victor notou a expressão apreensiva no rosto dela.

– Esqueça – disse, sem jeito. – Eu me enganei.

Fechou a porta. Seu coração tinha disparado. Será que ele estava perdendo o juízo? Sentiu-se estranhamente descontrolado.

O telefone tocou, causando-lhe um sobressalto. Linha particular. Era Grace, perguntando a que horas ele ia para casa. Estava cozinhando.

Ele suspirou.

– Não sei se posso comer essas coisas, Grace.

– Só venha para casa, e vamos ver.

– Está bem.

– Há alguma coisa errada?

Victor olhou para o relógio. Descobriu-se pensando nos pais, vendo o rosto deles, coisa que não fizera durante anos. Aquilo o aborreceu. Precisava repor as coisas nos trilhos.

– Vou suspender a diálise, Grace.

– O quê?

– Ela é inútil.

– Você não pode.

Houve uma longa pausa.

– Se você fizer isso...

– Eu sei.

– Por quê? – disse Grace, com a voz trêmula.

Victor percebeu que ela estava chorando.

– Isso não é jeito de viver. Estou preso a uma droga de uma máquina.

Você ouviu o que os médicos disseram.

A respiração dela estava acelerada.

– Grace?

– Venha para casa para podermos conversar, está bem?

– Minha decisão está tomada.

– Podemos conversar sobre esse assunto.

– Está bem, mas não faça oposição a isso.

Ele teria preferido usar essa frase a respeito do seu plano real – o de congelar seu trajeto para outra vida. Mas já sabia que Grace se recusaria a participar disso. E assim, disse a frase naquele momento, uma frase verdadeira por uma razão falsa.

– Não quero brigar – murmurou ela. – Só quero que venha para casa.

Estava combinado. Ethan se encontraria com ela na noite de Natal.

O encontro seria na Dunkin' Donuts, porque Sarah sabia que estaria aberta. O plano fora montado por acaso – embora ela optasse por vê-lo como destino.

Não tivera sorte nas tentativas de entrar em contato com ele através dos torpedos. Mas, ao sair da relojoaria, esbarrara em mais uma aglomeração do “Fim do Mundo”, e como qualquer acontecimento acionava a ideia de ligar para Ethan, ela teclou o número num impulso, embora ele quase nunca atendesse o celular.

Ao ouvi-lo dizer alô, ficou com o coração entalado na garganta. Às pressas, soltou a frase:

– Você não vai adivinhar o que eu estou vendo.

– Quem é?

– É a Sarah.

Pausa.

– Oi, Sarah. Achei que eu tinha ligado... esse celular está maluco.

– Adivinhe de onde estou telefonando.

– Não sei.

– Da mesa do “Fim do Mundo”, no Washington Square Park.

– Que maluquice.

– Eu sei, não é? Mas, enfim, eles dizem que o mundo vai acabar na semana que vem, e eu tenho uma coisa para você, então, é melhor fazer isso depressa.

– Espere aí. Que negócio é esse de fim do mundo?

– Não sei, é uma coisa dos maias, ou um treco religioso, sei lá. Uma dessas doideiras.

Sarah tinha lido mais sobre o assunto, mas não queria parecer muito inteligente. Quando foi que ser inteligente tivera algum efeito positivo com os garotos?

– E então, quando podemos nos encontrar? Quero lhe dar essa coisa.

– Você não precisa me dar nada, Sarah.

– Não é nada de especial. Mas é Natal, não é?

– É. Não sei...

Houve uma pausa incômoda, e Sarah sentiu o estômago se contrair.

– Não vai demorar.

– Está bem – concordou ele.

– Não pode demorar, se o mundo vai acabar, não é?

– Estou escutando – disse Ethan como se não tivesse ouvido o que ela falou.

Marcaram o encontro para a noite de Natal, na Dunkin' Donuts – ele ia a uma festa lá perto, de qualquer modo –, e Sarah desligou, feliz por ter alguma coisa marcada. Tentou ignorar o tom distraído de Ethan, dizendo-se que o telefone não era uma boa forma de identificar coisa alguma. E depois, quando ele visse o relógio, ficaria feliz. Ninguém lhe daria um presente tão especial.

Pensou em quando ele a beijara. Ethan a desejava. *Alguém a desejava.* Desta vez, disse a si mesma, seria mais relaxada com toda aquela parte física. Deixaria Ethan fazer mais coisas. Ele também ficaria feliz com isso. Era divertido pensar em fazê-lo feliz.

Deu uma olhada nas pessoas aglomeradas por causa do fim do mundo, umas segurando cartazes, outras com roupas religiosas. Na mesa, um conjunto de pequenos alto-falantes tocava uma música que captou sua atenção:

Por que o sol continua a brilhar?

Por que o mar ainda corre para a areia?

Então não sabem que é o fim do mundo,

Porque você já não me ama?

Deprimente, pensou. E meio cínico para aquele evento. Ainda assim, a voz da cantora era tão triste e melancólica, que ela se descobriu prestando atenção:

Por que os pássaros continuam a cantar?

Por que brilham as estrelas lá no alto?

Então não sabem que é o fim do mundo...?

Sarah pegou um panfleto na mesa. A frente dizia: “O Fim está chegando. O que você fará com o tempo que lhe resta?”

Bem, ainda era só quarta-feira. Até lá, ela perderia meio quilo, talvez até um.

Grace esperou Victor chegar em casa.

Enxugou os olhos. Picou os legumes.

Lorraine esperou Sarah chegar em casa.

Passou o aspirador de pó. Fumou um cigarro.

Isto acontecerá logo.

Todas as pessoas do planeta – inclusive Grace, Lorraine, Victor e Sarah –
vão parar instantaneamente de envelhecer.

E uma pessoa começará a ficar velha.



DESISTINDO



Victor tinha feito o dever de casa. Sabia o que a morte implicaria.

Quando suspendeu a diálise, sua pressão sanguínea disparou, ele ficou inchado, a dor nas costas voltou e o apetite desapareceu. Ele tinha previsto esses sintomas, e se obrigou a comer pão, sopa e suplementos alimentares, porque não queria se debilitar depressa demais.

No Natal, foi transportado da cadeira de rodas para uma cama na sala. Grace passou a noite inteira com ele, dormindo numa espreguiçadeira. Tinha aceitado o falso plano do marido, exatamente pelas razões que a faziam rejeitar seu plano verdadeiro – resignar-se era natural, era acolher a vontade de Deus. Se ele se sentia em paz com a suspensão da diálise, ela poderia sentir o mesmo.

Ainda assim, escondeu uma lágrima na manhã seguinte, quando Victor pediu a Roger para trazer um conjunto de pastas de arquivo. *Não fique aborrecida*, disse a si mesma nesse momento, enquanto vergava um canudinho para o marido num copo d'água. *É assim que ele se apega à vida, com seus papéis, seu trabalho, essa é a pessoa que ele é.* Não sabia que Roger estava trazendo documentos para proteger o futuro império de Victor.

Grace ofereceu-lhe o copo, que ele segurou sozinho, em vez de deixar que ela o segurasse. Victor bebeu uns goles e baixou o copo. Viu a preocupação no rosto da mulher.

– Está tudo bem, Grace. É assim que deve ser.

Pelos desígnios do mundo, não era para ser assim.

Não desse jeito. Não congelando-se para uma segunda rodada. Mas Victor estava decidido a controlar sua morte, tal como tinha controlado sua vida. Aquela dormência que lhe subia pelos pés e pelas mãos? O tom acinzentado e doentio que a pele ia assumindo? Ambos seriam identificados

como sinais terminais de falência renal. A morte seria previsível. Ninguém desconfiaria de um plano alternativo – o de Victor ser congelado *antes* de morrer. Quando isso acontecesse, apenas Roger e Jed, além de um médico e um legista cuidadosamente escolhidos, estariam presentes, e todos seriam bem pagos pelo silêncio.

No papel, a morte viria no momento em que eles escrevessem que tinha chegado.

Mas a morte jamais tocaria Victor.

Ele a driblaria. E pularia num barco para o futuro.

– Escute, Grace – disse, com voz áspera –, sei como isso tem sido difícil. Mas, quando eu me for, já estará tudo providenciado. Quer dizer, toda a papelada. Roger poderá examinar tudo com você. O importante é...

Pensou no que iria dizer a seguir. Queria que fosse verdadeiro.

– O importante é que você nunca terá com que se preocupar.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Eu nunca me preocupei – retrucou.

Pegou a mão do marido. Afagou seus dedos.

– Vou sentir saudade, você sabe.

Ele acenou com a cabeça.

– Uma saudade terrível – acrescentou ela.

Ambos apertaram os lábios com força, e Victor engoliu em seco. Por pouco não contou tudo à mulher, nesse exato momento. Mas momento é coisa que se pega ou se deixa passar.

Ele deixou que esse passasse.

– Eu também – replicou.

Ethan, na cabeça de Sarah, era o único rapaz que ela amaria. Mas ele não retribuía seu amor.

Isso ficou claro na noite de Natal, no estacionamento da Dunkin' Donuts, quando, às 21h16, ao lhe oferecer uma caixa embrulhada num papel de cores vivas, que continha um relógio gravado do seu filme favorito, Sarah finalmente lhe disse, num impulso, o que sentia por ele, algo que viera guardando dentro de si como a explosão de uma estrela, algo que só tinha dito ao homem da relojoaria e ao espelho do seu quarto. Antes que terminasse, porém, antes que chegasse às últimas palavras do “é só que, de verdade – eu sei que é maluquice –, eu simplesmente *amo* você, sabe?”, Ethan começou a revirar os olhos, como se procurasse algum amigo a quem dizer “Dá para acreditar num troço desses?”.

Naquele momento, Sarah teve vontade de derreter no chão, feito cera quente formando uma poça, e sumir por uma grade de bueiro. Os olhos dele. Aquela expressão. Nenhum interesse. Humilhação total. Os minutos de conversa constrangida, desse ponto em diante, até Ethan dizer “Olhe, Sarah, eu tenho que ir”, pareceram anos. Ela queria explicar melhor, apagar as palavras. Podia esperar, poderia esperar para sempre. *Só não estrague isto, não acabe com tudo!* Mas ele lhe devolveu o presente, ainda embrulhado, saiu andando, enfiou as mãos nos bolsos, e em seguida, meio quarteirão adiante, pegou o celular para telefonar – para quem: outra garota? Um amigo, para rirem do que essa idiota acabara de lhe dizer (ela dissera mesmo isso?), que ele era o seu “ideal”? *Caramba, Sarah, qual é o seu problema?* Depois disso, a adolescente virou-se para um novo companheiro no estacionamento, alguém invisível para todos, menos para ela: um demônio, uma fera miserável que a afagou com a pata ossuda e lhe disse: “De agora em diante, você vai viver comigo.”

Sarah Lemon tinha apenas dezessete anos, mas, nesse momento, começou a se desligar da vida. Sentiu-se sozinha, abandonada. E era tudo culpa sua. Como podia ter estragado uma coisa tão rara, um garoto como Ethan, que nunca tinha olhado para ela e nunca mais voltaria a olhar? Os dois tinham se beijado e ele a desejara, mas Sarah o repelira, e é óbvio que o sujeito tinha concluído que ela não valia a pena – o que ela sempre soubera –, e por que não tinha calado a boca e feito tudo o que ele queria? Estava se guardando para quem? Ora, francamente, como se fosse aparecer alguém melhor.

Zonza, com um bolo no estômago, Sarah tornou a colocar o presente no bolso do casaco. Sentiu uma vontade desesperada de ligar para Ethan, mas, de repente, entendeu – não podia telefonar, não podia vê-lo; estava acabado, completamente acabado, e ela arriou no chão feito um saco de arroz largado. Chorou de joelhos até o peito doer, de tanto arfar. Sentiu o cascalho nas palmas das mãos, por pressionar o asfalto. Continuou de quatro, até um homem da Dunkin’ Donuts abrir a porta e gritar: “Ei, o que você está fazendo aí? Vá para outro lugar!” Ela se levantou, trôpega. Saiu cambaleando. O coração pesa mais quando se parte em dois; espatifa-se no peito feito um avião acidentado. Sarah arrastou seus destroços para casa, para seu quarto e para um buraco profundo e escuro.

Dhor sentou-se num arranha-céu, os pés pendurados. Lá embaixo, a cidade era um imenso conjunto de telhados, torres e luzes nas janelas.

Segurou a ampulheta. Não a virou. Deixou o tempo passar no seu ritmo normal, pensando na instrução que o ancião lhe dera.

Ele encontrara as duas pessoas. Estivera seguindo ambas nos últimos dias. Parara o mundo muitas vezes, em volta de Sarah e Victor, tentando compreender a vida deles. Tinha percebido que Victor, apesar de toda a riqueza, pouco podia fazer para deter a doença. E, pelo modo como Sarah desabara no estacionamento, ela se importava mais com o rapaz alto do que ele com ela.

Mas a complexidade do mundo deles era de estarrecer. Dhor vinha de uma época anterior à palavra escrita, uma época em que, quando se queria falar com alguém, ia-se até a pessoa. A época atual era diferente. Os instrumentos desta época – telefones, computadores – habilitavam as pessoas a se moverem numa velocidade atordoante. No entanto, apesar de tudo que o que realizavam, elas nunca estavam sossegadas. Checavam constantemente seus aparelhos para saber que horas eram – exatamente aquilo que Dhor tinha tentado determinar, um dia, com uma vareta, uma pedra e uma sombra.

Por que mediste os dias e as noites?

Para saber.

Sentado ali, acima da cidade, o Pai do Tempo percebeu que saber e compreender algo não eram a mesma coisa.

Morfina não. Ainda não. Victor precisava manter o controle.

Sua respiração tinha se acelerado, à medida que seu corpo tentava exalar o monóxido de carbono depressa o bastante para combater a acidez crescente.

Agora não ia demorar.

Um pequeno número de pessoas – colegas de trabalho, na maioria – foi fazer-lhe uma última visita. Outras quiseram ir, mas Victor disse a Grace que não estava disposto a escutar o adeus delas; era verdade, mas o principal era que não sentia que estava indo a parte alguma. As semanas finais das outras pessoas eram cheias de medo ou despedidas; as de Victor tinham sido consumidas pelo planejamento. Ele tinha sua estratégia de saída. E agora, ela incluía mais um detalhe: Todo ano, tradicionalmente, na noite de réveillon, Victor e Grace compareciam a uma recepção de gala, na qual faziam um grande donativo à sua fundação de caridade. A quantia refletia o sucesso do fundo de investimentos de Victor naquele ano.

– Grace, você deve ir – disse ele na véspera.

– Não.

– Você precisa entregar o cheque.

– Não vou deixar você.

– Isso significa muito para todos.

– Outra pessoa pode ir.

Ele mentiu mais uma vez:

– Significaria muito para mim.

Grace ficou surpresa:

– Por quê?

– Porque quero que a tradição continue. Quero que você faça isso este ano, no ano que vem e em muitos outros, espero.

Ela hesitou. O baile de gala tinha sido ideia dela. Victor nunca fora louco pelo evento – tinha até brigado com ela para não ir, nos anos anteriores. Grace perguntou a si mesma se, de alguma forma, esse era o modo de seu marido pedir desculpas.

– Está bem. Eu vou – disse-lhe.

Ele acenou com a cabeça, como que aliviado:

– Será bom para todos.

Sarah acordou às duas horas da tarde, com Lorraine esmurrando a porta.

- Sarah!
- O quê?...
- *Sarah!*
- Estou acordada!
- Eu estou batendo há cinco minutos!
- Eu estava com os fones de ouvido!
- O que está acontecendo?
- Nada!
- Sarah!
- Ah, me deixe em paz!

Ouviu a mãe afastar-se, tornou a desabar no travesseiro e gemeu. Sua cabeça doía. A boca parecia cheia de algodão. Por sorte, Lorraine tinha saído quando ela voltara para casa, à noite, e Sarah roubou dois comprimidos do sonífero da mãe antes de trancar a porta do quarto. Agora, com a cabeça latejando, virou de lado e reviveu tudo mentalmente – o que dissera na noite anterior, o que Ethan tinha dito. Começou a chorar ao ver o embrulho do presente na cadeira. Apanhou-o, atirou-o na parede e chorou ainda mais.

Pensou em Ethan se afastando. Tinha se sentido completamente desamparada. Aquilo não podia ser o fim. Não podia ser a última vez em que estariam juntos. Tinha de haver alguma coisa que ela pudesse fazer...

Espere. Talvez escrever para ele. Desdizer tudo. Inventar uma desculpa. O presente tinha sido uma brincadeira. Ela estava bêbada. Problemas em casa. Qualquer coisa. Poderia controlar melhor as coisas por escrito, não é? Não cometer os mesmos erros, não soltar num impulso todas aquelas palavras que o assustaram.

Enxugou os olhos.

Sentou-se à escrivaninha.

O bom senso lhe diria para ficar longe das águas de Ethan. Mas o bom senso não tem nem nunca teve qualquer lugar no primeiro amor.

Ela não mandaria um torpedo.

Não queria que aquilo aparecesse na tela do celular dele. Mas podia mandar uma mensagem privada pelo Facebook. Segurou com força a borda da escrivaninha, pensando no que dizer.

Começaria por “Olhe, sinto muito...”, e continuaria escrevendo que entendia por que ele tinha ficado contrariado, e que às vezes ela ia muito fundo nas coisas, e como, bem, qualquer coisa que dissesse, desde que não se levasse muito a sério, talvez ele também não levasse.

Ligou o computador.

A tela se acendeu.

Houve uma época em que as pessoas apaixonadas em terras distantes sentavam-se à luz de velas e levavam a pena ao pergaminho, escrevendo palavras que não podiam ser apagadas.

Levavam uma noite para compor seus pensamentos, talvez a noite seguinte também. Ao remeterem a carta, escreviam um nome, uma rua, uma cidade e um país, e derretiam cera e selavam o envelope com um anel de sinete.

Sarah não conhecera um mundo assim. Agora, a velocidade superava a qualidade das palavras. O mais importante era o envio rápido. Se ela vivesse num mundo mais antigo, mais lento, o que aconteceu a seguir não teria acontecido. Mas ela vivia no mundo atual.

E aconteceu.

Ela entrou na página de Ethan no Facebook.

Lá estava a foto dele, toda aquela cabeleira cor de café, os olhos sonolentos, o sorriso que denunciava achar algo “meio divertido”. Mas,

antes que Sarah pudesse dar um clique para lhe enviar uma mensagem, seus olhos encontraram a última postagem dele no mural. Pestanejaram. Encheram-se de lágrimas. Uma sensação de náusea começou a invadi-la. Ela leu o texto duas vezes. Três. Quatro.

A Sarah Lemon me deu uma cantada. Peraí! Nem vem. É nisso que dá ser bonzinho.

De repente, ela não conseguiu engolir. Não conseguiu respirar. Se o quarto pegasse fogo, ela morreria torrada, porque não poderia levantar o corpo da cadeira. O estômago parecia ter se enroscado num poste e estar sendo puxado para dois lados opostos.

A Sarah Lemon me deu uma cantada.

Seu nome estava na página dele.

Peraí! Nem vem.

Um gato indesejado, tentando se enroscar no colo dele.

É nisso que dá ser bonzinho.

Era isso? Ele tinha sido *bonzinho*?

Sarah estremeceu. Entrou em hiperventilação. Abaixo da notícia postada por ele havia uma longa fileira de rostos, gente tecendo comentários – às dezenas.

Jura?, dizia um.

Vc + Sarah = q nojo.

Filme de quinta: ele não tá na sua.

Aquele traseiro é muito grande, cara.

Eu sabia q ela era piranha.

Se manda, cara!

Parecia um daqueles sonhos em que a pessoa está nua num palco, com todo mundo apontando. Ethan tinha contado ao mundo inteiro, o mundo se solidarizara, e Sarah Lemon era, agora e para sempre (acaso o ciberespaço não era instantaneamente eterno?), uma pessoa com quem era preciso ser *bonzinho*, uma garota patética que não sacava nada, o flagelo da geração dela, o patamar mais baixo da escada, um fracasso.

A Sarah Lemon me deu uma cantada.

Nele? Mas ele não a andara beijando?

Perá! Nem vem.

Ela era tão repulsiva assim?

É nisso que dá ser bonzinho.

Então, tinha sido caridade? O bonito com pena da feiosa?

Ela não é aquela cdf de biologia?

Nunca seja bonzinho com malucos.

Ela está delirando.

Q horror, Ethan.

Sarah desligou o computador com um safanão. Ouviu o ar ser expulso dos pulmões – exalar, exalar, exalar. Depois desceu correndo e saiu porta afora num rompante, as imagens dos rostos orbitando em seu cérebro, rindo da sua desgraça, folheando rejeições anteriores como as páginas gastas de um livro conhecido. Ela era de novo a Sarah gorda, correndo da escola para casa depois de uma garota zombar dela. Era de novo a Sarah indigna de amor, com quem o pai não quisera ficar depois do divórcio. Era de novo a Sarah cdf, num canto do refeitório com um livro de ciências. Agora era também a Sara delirante, a Sarah perseguidora louca, uma notícia postada na página de Ethan no Facebook, uma piada sendo jogada de computador para computador, feito aquelas bolas de praia jogadas nos shows, que nunca tocam o chão.

Ela correu, tiritando sob a neve fina que caía, as lágrimas rolando pelo rosto e endurecendo no frio. Não havia ninguém com quem falar. Ninguém para consolá-la. Havia negrume e solidão, e ela nunca, nunca mais voltaria àquela escola. *O que devia fazer? O que devia fazer?*

Pensou pela primeira vez em se matar, pensou em quando e em como.

O porquê ela já tinha.



VÉSPERA DE ANO-NOVO



Eram oito horas da noite. Grace vestiu-se diante do espelho.

Não queria ir. Diria olá a algumas pessoas, entregaria o cheque e voltaria depressa. A maquiagem estava feita. O cabelo, penteado. Faltava fechar o zíper do vestido, o que Victor sempre fizera para ela. Grace procurou alcançar o fecho, sem jeito, e se atrapalhou duas vezes. Mas, na terceira tentativa, os dedos o encontraram e ela o puxou para cima, com sucesso. E desatou a chorar.

Foi à cozinha, serviu um chá de gengibre gelado, enxugou os olhos e levou o copo para Victor. Ele parecia estar dormindo.

– Meu bem? – murmurou Grace.

Victor abriu os olhos. Pestanejou. O vestido dela era de cetim, com um babado de tule e cristais engastados no tecido.

– Olhe só para você... Está linda.

Ela mordeu o lábio inferior. Quanto tempo fazia desde a última vez em que o marido a elogiara? Nos primeiros anos, isso era comum, ele murmurando no ouvido dela durante os bailes no clube de golfe: “Como é ser a mulher mais bonita da festa?”

– Não quero ir. Escute só a sua voz...

–Vá. Não vai acontecer nada numa noite.

–Você jura?

–Vá e volte.

– Eu lhe trouxe um chá.

– Obrigado.

– Trate de fazê-lo beber – disse ela a Roger, obedientemente sentado no canto da sala. Roger assentiu com a cabeça. Grace virou-se de novo para o marido:

– Gosta desses brincos? Foi você quem me deu, no nosso trigésimo aniversário de casamento, lembra?

– Sim.

– Eu sempre os adorei.

– São lindos.

– Vejo você daqui a algumas horas.

– Está bem.

– Voltarei o mais rápido que puder.

– Eu estarei...

– O quê, meu bem?

– Aqui. Estarei aqui.

– Ótimo.

Grace deu-lhe um beijo na testa e um tapinha no peito. Depois, levantou-se depressa, escondendo as lágrimas, e se afastou. Seus saltos foram batendo nas lajotas do corredor até o som se extinguir.

Victor sentiu-se dilacerado e culpado.

Sua última frase para Grace fora uma mentira. Ele não estaria ali quando sua mulher voltasse. Sairia enquanto ela estava fora e tomaria o rumo do centro de criônica. Esse era o plano, a razão de ele a ter incentivado a comparecer ao baile de gala.

Por pouco não a chamou de volta. Mas foi tomado por uma onda de vertigem, a cabeça pendeu e ele virou para o lado. Tudo o que tinha planejado, todas essas semanas e meses, a rigor, toda a sua vida adulta, viriam a culminar nas próximas horas. Não havia tempo para desvios. Era aderir ao plano.

Ainda assim...

Chamou Roger, e quando ele se aproximou, murmurou-lhe algo no ouvido.

– Está entendendo? – perguntou, com um arquejo. – Sem hesitação, se isso acontecer?

– Entendi – respondeu Roger.

Victor respirou fundo.

– Então, vamos.

Eram oito horas da noite. Lorraine vestiu-se diante do espelho.

Detestava as festas de Nova York. Mas ia a uma delas todo ano. Suas amigas divorciadas tinham feito um pacto de não ficarem sozinhas nas noites em que a solidão tinha uma força extra.

Borriefou laquê no cabelo. Deu uma espiada no corredor para ver se Sarah tinha aparecido. Andava preocupada com a filha, que mal saíra do quarto nos últimos cinco dias, sempre com a mesma calça de malha preta e a camiseta verde velha. Teve vontade de perguntar para quem tinham sido os sapatos de salto alto, mas nunca chegava a lugar nenhum nesses assuntos. Sarah simplesmente a barrava.

Lorraine recordou os tempos em que a véspera de Ano-Novo ainda era um evento de família, e aquele dezembro em que os três tinham ido à cidade e parado na Times Square, tiritando de frio, vendo a bola descer. Sarah tinha sete anos, ainda pequena o bastante para se sentar nos ombros de Tom. Ela comera nozes-pecãs assadas com mel, compradas numa carrocinha de rua, e tinha começado a nevar pouco antes da meia-noite. Sarah gritara “Três... dois... um... Feliz Ano-Novo!”, com um milhão de outras pessoas.

Lorraine tinha se sentido feliz naquela noite. Tirara uma porção de fotografias. Mas, ao entrarem no carro, Tom tinha sacudido a neve do cabelo e dito: “Bem, *isso* nós nunca mais precisaremos fazer.”

Ela caminhou pelo corredor e bateu à porta de Sarah.

Ouviu uma música lenta. Uma cantora.

– Benzinho?

Demorou um minuto.

– Que é? – veio a resposta monocórdia.

– Só para dizer tchau.

- Tchau.
- Feliz Ano-Novo.
- Tá.
- Não vou voltar tarde.
- Tchau.

Lorraine ouviu um carro buzinando lá fora. Suas amigas.

– Você tem alguém com quem sair hoje?

Detestou o simples fato de fazer a pergunta.

– Não quero sair, mamãe.

– O.K. – Ela balançou a cabeça. – Amanhã nós tomamos café juntas, está bem?

Silêncio.

– Sarah?

– Não muito cedo.

– Não muito cedo – concordou Lorraine.

De novo a buzina.

– Ligo para você mais tarde, benzinho.

Desceu a escada. Suspirou ao chegar à porta. Ficou contente por não ser a escolhida para dirigir naquele ano. Queria muito uma bebida.

Sarah já estivera bebendo. Uma garrafa de vodca tirada do armário da sala de jantar.

Acabaria com sua vida esta noite. Era o que mais fazia sentido. Sua mãe teria saído. A casa estaria sossegada. Não havia chance de alguém descobri-la. As pessoas não diziam que a véspera de Ano-Novo era a noite mais solitária do calendário? Consolou-se ao pensar que, em algum lugar do planeta, devia haver alguém tão infeliz quanto ela.

Então não sabem que é o fim do mundo?

Ele acabou quando perdi seu amor.

Sarah tinha baixado a música pela internet, depois de descobrir o nome da cantora, e a tocara por dias seguidos no celular. Mal tinha saído do quarto. Não tomara banho. Mal comera. Ao vê-la sair do banheiro na véspera, com a mesma calça de malha preta e a mesma camiseta verde velha, a mãe tinha perguntado: “O que está acontecendo com você, meu bem?” E Sarah mentira, dizendo que estava fazendo trabalhos do colégio e se deixando ficar suja.

Bebeu um gole direto da garrafa, e sentiu a vodca queimar-lhe a garganta. Talvez façam perguntas ao Ethan sobre a vodca quando eu morrer, pensou, talvez o façam admitir que a garota em quem ele *estava tão pouco interessado* andara bebendo com ele, duas semanas antes. Ela sabia que não suportaria vê-lo de novo, nem rever alguém que o conhecesse, nem alguém que soubesse deles dois, e agora isso equivalia a todo mundo, não é? Não havia disfarce. Não havia abrigo. Não havia como se esconder na sala de aula, atrás da cabeça baixa e do cotovelo esticado. Ela sabia como eram essas coisas. Todo mundo falando de você. Dando risadinhas pelas suas costas. Postando mais e mais comentários. “*Jura?*” “*Se manda, cara!*” “*Eu sabia q ela era piranha.*” Nossa! A *alegria* deles ao estraçalhá-la, juntando-se à incredulidade de Ethan diante da ideia de que aquela panaca da Sarah Lemon sequer tentasse sair da toca. Ela se sentiu oca e sem valor. Não havia qualquer esperança de conserto.

E quando a esperança se vai, o tempo é um castigo.

– Acabe já com isso – murmurou Sarah.

Pegou a garrafa de vodca e o celular e desceu aos tropeços para a garagem.

O Pai do Tempo estivera observando os dois.

Primeiro, ficou ao lado do corpo agonizante de Victor. Viu Roger colocá-lo numa caminhonete. Seguiu-a até as instalações do centro de criônica, onde uma porta de garagem de um depósito abriu-se com um rangido.

Viu o décimo quarto homem mais rico do mundo ser descarregado como uma mercadoria, e levado para dentro.

Faltava uma hora para a meia-noite na última noite do ano. Roger e Jed baixaram a grade lateral da cama de Victor. Um médico e um legista cochicharam entre si. Tinham documentos nas mãos. Havia uma enorme banheira ali perto, maior do que um corpo humano, e cheia de gelo.

Victor mal estava consciente, a respiração vindo em sopros curtos. O médico lhe perguntou se queria um sedativo, mas ele negou com um aceno de cabeça.

– A papelada está certa? – resmungou.

O legista disse que sim, e Victor respirou fundo e cerrou os olhos. A última coisa de que teve consciência foi de Jed, o homem da criônica, tirando da mão dele um relógio de algibeira e dizendo:

– Prometo que eu cuido disto.

Quatro mãos deslizaram por baixo do seu corpo, para levantá-lo.

Mas Dhor estava parado num canto.

E virou a ampulheta.

Enquanto isso, numa garagem de um subúrbio residencial, Sarah Lemon tinha girado a chave na ignição do Ford Taurus azul.

Agora, era só esperar. Os vapores cuidariam do resto. Muito fácil. Ela merecia uma coisa fácil. Tomou um gole de vodca da garrafa e deixou derramar um pouco no queixo e na blusa. No celular, a música triste tocava sem parar, e mal se podia escutar por causa do barulho do motor:

*Acordo de manhã e me pergunto
Por que tudo continua como antes.
Não consigo entender, não, não consigo entender
Por que a vida segue em frente desse jeito.*

– Ah, me deixe em paz – murmurou, visualizando Ethan, sua postura arrogante, sua cabeleira farta e seu jeito de andar. Ele ia se arrepender, disse a si mesma. Ia se sentir culpado.

Por que meu coração continua a bater?

Ela estava com uma tonteira horrível.

Por que estes meus olhos choram?

Desabou para trás.

Então eles não sabem

Tossiu.

que é o fim do mundo?

Tornou a tossir.

Ele acabou quando você disse adeus.

Seus olhos começaram a se fechar. Então, tudo pareceu ficar imóvel. Pelo para-brisa, Sarah pensou ver um homem aproximar-se. Achou que o tinha ouvido gritar.

Dhor gritou de frustração.

Depois de virar a ampulheta, o que mais devia fazer? Ele podia desacelerar o tempo, mas nunca pará-lo por completo. Os carros que examinara continuavam a se mover, só que a uma velocidade infinitesimal. As pessoas que observara ainda respiravam, só que tão devagar que jamais tomariam conhecimento da presença dele.

O poder da ampulheta o deixara dobrar e espremer os momentos ao seu redor – um poder incompreensível, ao ser concedido –, mas Dhor percebeu que não era suficiente. No final, o tempo passaria. No final, Victor seria coberto de gelo e aberto com um bisturi. No final, o monóxido de carbono se espalharia pela corrente sanguínea de Sarah, causaria hipóxia, envenenamento do sistema nervoso, colapso cardíaco.

Não podia ter sido para isso que ele fora enviado à Terra – para vê-los morrer. Eles eram a missão de Dhor, seu destino. No entanto, os dois tinham optado por medidas extremas, antes que ele pudesse intervir no que quer que fosse. Ele fracassara. Era tarde demais.

A não ser...

Nunca é tarde demais nem cedo demais, tinha dito o ancião. É quando deve ser.

Dhor agachou-se em frente a duas latas de lixo. Juntou e pressionou as mãos contra os lábios, e fechou os olhos, como costumava fazer na caverna, tentando isolar a voz interior dos milhões de vozes do lado de fora.

É quando deve ser.

Seria este o momento? Mas, nesse caso, o que ele faria para *permanecer* naquele momento? Repensou em tudo o que tinha compreendido sobre o tempo.

Qual era a constante?

O *movimento*. Sim. No tempo havia sempre *movimento*. O sol poente. A água pingando. Os pêndulos. A areia que escorria. Para que ele cumprisse seu destino, esse movimento tinha que cessar. Ele precisava deter *completamente* o fluxo do tempo...

Seus olhos se abriram. Ele se levantou depressa. Estendeu as mãos para dentro do carro e levantou Sarah por baixo dos joelhos e dos ombros.

O ano velho estava quase encerrado. Um novo ano estava a minutos de distância. O Pai do Tempo carregou a jovem agonizante pela neve; podia-se contar os flocos que pendiam ao luar.

Ele atravessou uma paisagem hibernal de trânsito e luzes de festas.

Andou com a cabeça de Sarah encostada em seu peito, os olhos da garota semicerrados, a fitá-lo. Sentiu pena dela. *Uma alma que quer muito pouco tempo*. Era assim que o ancião a descrevera.

Dhor pensou em seus próprios filhos. Perguntou-se se algum dia eles teriam ficado tão infelizes assim, querendo desistir do mundo. Esperou que não. Mas, por outro lado, ele mesmo não tinha desejado muitas vezes que sua vida acabasse?

Caminhou por uma via expressa, cruzou um túnel e passou pelo estacionamento lotado de um estádio, cuja placa dizia COMEMORAÇÃO HIP-HOP DE ANO-NOVO A NOITE INTEIRA. Andou por dois dias, contados por seu relógio, que mal completaram um segundo no nosso, até chegar a um parque industrial escuro e ao prédio do centro de criônica.

Tinha que juntar Sarah e Victor. Se este momento era *quando devia ser*, Dhor não podia mais atravessar duas existências.

Levou Sarah para o depósito onde ficavam os enormes cilindros de armazenagem. Encostou-a numa parede. Em seguida, foi à sala onde Victor estava sendo preparado. Levantou seu corpo da cama cercada pelos outros e também levou-o para o armazém, colocando-o junto de Sarah. Pressionou o pulso de cada um com o polegar, e acabou sentindo o bater lentíssimo de uma pulsação. Estavam em suspenso, mas ainda vivos.

Isso queria dizer que a ideia de Dhor tinha uma chance.

Agachou-se entre os dois e puxou as mãos de ambos para a ampulheta.

Enroscou os dedos deles nos suportes laterais trançados, torcendo para que isso os ligasse à fonte do poder da ampulheta. Em seguida, levou a mão ao tampo, apertou com força e girou.

O tampo soltou-se. Dhor o retirou. Ele flutuou no ar, lançando uma luz azulada sobre os três. Olhando para a estrutura superior, Dhor viu a areia branca à mostra, tão cintilante e fina que refratava a luz, como se fosse feita de diamantes.

Aqui estão todos os momentos do universo.

Dhor hesitou. Ou estava certo, e sua história ainda teria um fim não narrado, ou estava errado, e sua história tinha acabado.

Juntou bem o polegar e o indicador e, murmurando a palavra “Alli” – se viesse a perecer, queria que esta fosse a última coisa dita por ele –, introduziu a mão na areia, em direção ao funil estreito que separava a areia já caída da que ainda não caía.

No mesmo instante, sua mente ficou zozza, com um bilhão de imagens. Os dedos formigaram, à medida que a carne se desmanchava nos ossos, e se alongaram em forma de gravetos, e foram afinando como alfinetes, até deslizarem pelo gargalo da ampulheta. Todos os instantes do universo foram passando pela consciência de Dhor. Sua mente também viajou por aquele vidro, atravessando o que já se passara e o que ainda viria.

Finalmente, com um poder que não partia do ser humano, ele juntou as pontas dos dedos que pareciam alfinetes. Foi como se seus olhos explodissem em cores. Sua cabeça foi jogada para trás.

Ele tinha segurado um único grão de areia cadente, no instante em que ele ia tocar no fundo.

E então, foi isso que aconteceu...

Nas praias, de Los Angeles até Trípoli, as ondas do mar se imobilizaram em meio à sua elevação.

As nuvens pararam de se mexer. O clima travou-se. Gotas de chuva no México ficaram suspensas no ar, e uma tempestade de areia na Tunísia tornou-se um vagalhão granuloso permanente.

Não havia um único som na Terra. Os aviões pairaram em silêncio acima das pistas. Baforadas de cigarros permaneceram sólidas em volta dos fumantes. Os telefones emudeceram. As telas ficaram brancas. A luz solar e a escuridão dividiram o planeta, e os fogos de artifício do Ano-Novo permaneceram espalhados nos céus noturnos, em borrifos roxos e verdes, como se um bando de crianças tivesse rabiscado o firmamento e fugido.

Ninguém nasceu. Ninguém morreu. Nada se aproximou. Nada foi embora. A proverbial marcha do tempo se prostrara de joelhos.

Um homem.

Um grão de areia.

O Pai do Tempo paralisara o mundo.



QUIETUDE



Victor havia esperado mais dor.

Além do câncer, além do fígado apodrecido, ele imaginara que o choque de um congelamento súbito do corpo seria traumático. Certa vez, derrubaram um balde de água gelada em sua cabeça, num evento esportivo – parte de uma comemoração –, e suas terminações nervosas tinham causado a sensação de uma porção de facas espetando. Não era difícil imaginar o efeito da imersão completa no gelo. Ao fechar os olhos no centro de criônica, ele se preparara para isso.

No entanto, sentira uma súbita leveza e uma liberdade de movimento que há muito tinha esquecido. Agarrou com força uma lateral da cama – e só então viu que não era a cama que estava apertando, mas... uma espécie de *ampulheta*, e ele estava no depósito com os enormes cilindros de fibra de vidro e... o que tinha acontecido?

Levantou-se.

Nenhuma dor.

Nada de cadeira de rodas.

– Quem é você? – perguntou uma voz de garota.

Sarah tinha pensado que estava segurando o volante.

Mas, à medida que a vista clareou, viu que sua mão estava no suporte de uma ampulheta de aparência estranha. Era um sonho, supôs. Tinha que ser. Um cômodo que ela nunca vira? Um velho de roupão de banho, dormindo no chão? Ela se sentia bem, nem estava tonta por causa do álcool, e por isso se levantou e deu uma olhada em volta, livre e leve, tal como a gente se sente nos sonhos, quando os pés não tocam o chão.

Espera...

Bateu com os pés. Não sentiu o chão.

Espera aí...

Onde estava a garagem? E o carro? De repente, lembrou-se da escuridão que a tinha estrangulado, a tal ponto que ela sentira vontade de morrer. Mas tinha morrido? Onde *estava*?

Saiu do depósito e andou por um corredor até um aposento menor. Olhou para dentro e recuou. Pensou ter visto quatro homens em volta de uma grande banheira – só que não se mexiam. Não havia nenhum som. Súbito, a coisa pareceu um daqueles filmes de zumbis, e ela voltou correndo para o cômodo grande em que tinha acordado, e deu com o velhote de pé e se movimentando.

– Quem é *você*? – gritou.

Ele a fuzilou com os olhos.

– Quem é *você*? – rebateu. – Como entrou aqui?

Ela não tinha esperado uma resposta – e muito menos uma bronca. Ficou subitamente apavorada. E se não fosse um sonho? *O que ela fizera?* Viu uma única porta aberta, perto da área de carga e descarga, e saiu por ela para a noite nevoenta. Na rua, um carro tinha os faróis acesos, mas não se mexia. Um posto de gasolina parecia aberto, mas um freguês segurava a mangueira,

como uma sentinela de serviço. E o mais estranho de tudo era que os flocos de neve estavam presos no ar. Quando Sarah bateu neles, sua mão os atravessou.

Ela caiu no chão e se encolheu feito uma bola, tapou os olhos e os espremeu, tentando compreender se estava viva ou morta.

Victor se perguntou se estava entre dois mundos.

Ouvira histórias de pessoas que tinham flutuado em experiências de quase morte. Talvez isso acontecesse quando se era congelado vivo. O corpo parava, mas a alma ficava vagando. Nada de cadeira de rodas? Nem bengala? Não era a pior coisa do mundo ficar livre da carne e dos ossos, até a ciência convocá-lo para o segundo ato.

Só duas coisas o incomodavam.

Ele continuava dentro do seu corpo.

E aquela garota?

Ela estava de camiseta verde e calças de malha preta, e ele nunca a vira. Seria uma ideia solta, ao acaso? Um desses rostos que aparecem em sonho, mas não se consegue identificar?

De qualquer modo, agora ela se fora. Victor passou pelos gigantescos tanques de armazenamento, abarrotados de nitrogênio líquido, e se perguntou se, numa outra dimensão, já teria sido colocado num deles. Talvez fosse isso. O corpo lá dentro, a alma do lado de fora, quem sabe? Como o tempo podia estar correndo em outros lugares, quando ali não se mexia?

Ele tentou tocar nos cilindros, mas não conseguiu. Tentou pegar uma escada, mas suas mãos não puderam segurar as laterais. Na verdade, ele não conseguia ter a sensação tátil de nada do que via. Era como tentar apalpar o próprio reflexo no espelho.

– Que lugar é este?

Victor virou-se. A garota tinha voltado. Segurava os dois cotovelos, como se estivesse com frio.

– Por que estou aqui? – Ela tremia. – *Quem é você?*

Nessa hora, Victor sentiu-se perdido. Se sua alma estivesse sendo projetada, não haveria explicação para outra pessoa igualmente consciente e no mesmo espaço, fazendo perguntas.

A não ser...

Será que o corpo dela estava num dos tanques? Ela também estaria congelada?

– Que lugar é este? – repetiu a garota.

– Você não sabe?

– Nunca o vi.

– É um laboratório.

– De quê?

– Para armazenar pessoas.

– Armazenar...?

– Congelá-las.

Os olhos da jovem se arregalaram e ela deu um passo atrás:

– Eu não quero... não quero...

– Você não – concluiu Victor.

Foi até um cilindro e de novo tentou tocá-lo. Nada. Viu as flores nas caixas brancas numeradas e tentou chutá-las, mas não conseguiu deslocar uma só pétala.

Agora aquilo não fazia sentido. O corpo dele. Essa garota. E todos os seus planos cuidadosamente controlados? Virou de costas e se deixou escorregar, sentando no chão, mas sem sentir o chão sob o corpo.

– Tem gente *dentro* dessas coisas? – perguntou ela.

– Sim.

– E era para você estar lá?

Victor desviou o rosto.

Ela também se sentou, a uma distância respeitosa.

– Nossa... – murmurou. – Por quê?

Ao longo dos anos, raras vezes Victor falara de sua vida com estranhos.

Quase nunca dava entrevistas, por acreditar que nas finanças o sigilo era um aliado. Podia ser que o sujeito desse informações sem querer, e, no dia seguinte, um rival lhe passaria a perna. Os rápidos e os mortos. Essa era a piada sobre as formas de vida do mundo dos negócios. *Só existem dois tipos. Os rápidos e os mortos.*

Agora, Victor Delamonte não era uma coisa nem outra.

Esse ambiente – esse nada nas dependências do centro de criônica – era o purgatório, ou era uma alucinação. De uma forma ou de outra, os segredos já não tinham serventia para Victor. Assim, ele contou a uma garota de calças de malha o que não dissera a praticamente mais ninguém. Falou abertamente sobre o câncer, a doença renal e a diálise, e explicou seu plano de driblar a morte com uma segunda vida, num futuro distante.

Disse-lhe que não devia estar ali naquele depósito. Disse-lhe que deveria acordar dali a muitos anos, como um milagre perfeitamente vivo da medicina, não como um fantasma.

Ela escutou sua história. Chegou até a menear a cabeça, ao ouvir certas referências científicas, o que o surpreendeu. Essa garota era mais esperta do que parecia – considerando-se que dava a impressão de ter dormido num banco de praça. Victor parou antes de admitir que estivera a segundos da imersão, no outro cômodo. Isso lhe pareceu demais.

A certa altura, a garota perguntou o que a mulher dele achava de ele se congelar.

Victor hesitou.

– Ah – soltou a menina. – Você não lhe contou.

Mais esperta do que parecia.

Sarah Lemon costumava conversar com os pais.

Escutar Victor a fez lembrar disso. Quando pequena, ela se sentava no chão do quarto dos pais, torcendo as franjas de uma almofada e respondendo às perguntas deles sobre a escola. Era uma aluna nota dez em tudo, com talento para matemática e ciências, e seu pai, Tom, que era técnico de laboratório, parava diante do espelho, passava a mão pelo cabelo louro e meio ralo, e lhe dizia para continuar assim. Se ela queria ser médica, ele não esperaria nada menos do que isso. Lorraine, que vendia espaço publicitário a anunciantes numa estação de rádio, dava tragadas no cigarro e dizia:

– Eu fico orgulhosa de você, benzinho. Vá depressa buscar um daqueles sorvetes para mim, está bem?

– Você não precisa de outro picolé – dizia Tom.

Os dois se divorciaram quando Sarah tinha doze anos. Lorraine ficara com a casa, a mobília, todos os sorvetes que quisesse e a guarda integral da única filha. Tom fizera um transplante de cabelo, tinha arranjado um barco e uma namorada jovem, chamada Melissa, que não tinha o menor interesse em gastar tempo com a filha dos outros. Os dois se casaram e se mudaram para Ohio.

Em público, Sarah tomava o partido da mãe, dizia-se feliz por ter ficado com “a metade boa dos pais”, aquela que não tinha estragado tudo. No fundo, porém, como muitos filhos, sentia falta do pai ausente e se perguntava até que ponto seria culpada pelo fracasso do casamento. Quanto menos o pai telefonava, mais sentia saudade dele; quanto mais a mãe a abraçava, menos queria os carinhos dela. Sarah era parecida com a mãe e falava como ela; no oitavo ano, começara a se sentir como a mãe – mal-amada, ou talvez impossível de ser amada. Comia demais e engordou, distanciou-se das outras crianças e passou a ficar estudando dentro de casa, porque o pai a admirava

pelo sucesso nos estudos, e talvez no fundo ela achasse que isso os aproximaria. Mandava-lhe suas notas todos os semestres. Às vezes ele respondia com um bilhete: “*Muito bem, Sarah. Continue assim.*” Às vezes, não respondia.

No ensino médio, seus amigos eram poucos e sua rotina era previsível: experimentos em laboratórios, rondas por livrarias, fins de semana em casa, diante do computador. Quanto às festas, ela só ouvia falar – no pretérito – durante a chamada matinal das segundas-feiras, enquanto o resto da turma se gabava. Alguns garotos das aulas de matemática tinham se aproximado dela, e Sarah saía com uns dois deles para ir ao cinema, a um baile na escola, a fliperamas. Tinha até trocado uns amassos algumas vezes, para ver o que era isso de que todo mundo falava, mas os tais garotos acabaram parando de telefonar, e no fundo ela ficara aliviada. Nunca sentira a menor centelha de amor, e achava que nunca a sentiria.

Ethan tinha alterado tudo isso. Pusera fim à sua entediante perambulação a esmo. A imagem do rosto dele substituíra todos os seus outros pensamentos. Sarah seria capaz de abandonar o mundo por Ethan. Tinha abandonado.

Mas ele nunca a quisera de verdade. E, no fim, acabara por expô-la da forma que ela sempre temera ser: ridícula. Depois disso, o poço ficou sem fundo.

Sarah contou a maioria dessas coisas a Victor, o velho de roupão de banho, depois de ele lhe contar a história daquele negócio de congelamento e de sua mulher. Estavam os dois sozinhos naquele depósito sinistro, e Sarah sentia-se muito abatida e confusa, e achou que talvez ele soubesse mais do que estava revelando. No entanto, quanto mais entrava na história de Ethan, mais se sentia deprimida. Parou pouco antes dos instantes finais na garagem, com a vodca, a música triste e o motor ligado. Não ia admitir que tinha tentado suicídio. Não a um completo estranho.

Quando ele lhe perguntou como tinha chegado àquele lugar, Sarah disse que não sabia – e não sabia mesmo –, e que apenas acordara segurando uma ampulheta.

– Tenho uma certa lembrança de ter sido carregada.

– Carregada?

– Por um cara.

– Que cara?

– Ele trabalha numa relojoaria.

Victor olhou-a como se ela tivesse acabado de ser pintada de cor-de-rosa.

Atrás de um cilindro, ouviram um barulho.

Dhor tossiu.

Seus olhos se abriram, como se despertasse, embora fizesse milhares de anos que não dormia. Estava deitado no chão, e pestanejou até perceber que Victor e Sarah tinham parado ao seu lado.

Eles o crivaram imediatamente de perguntas – Quem é você? Onde estamos? –, enquanto Dhor tentava desanuviar a cabeça. Só se lembrava das cores berrantes e de tudo enegrecendo, da sensação de cair pelo ar e da ampulheta – *onde estava a ampulheta?* –, e então a viu na mão de Sarah, com o tampo recolocado, e se deu conta de que, se estavam vivos, ele tivera o palpite certo. Agora poderia...

Espere. Ele tinha tossido?

– O que você tem a ver com isso tudo? – perguntou Victor.

– Como eu cheguei aqui? – indagou Sarah.

– Eu fui drogado?

– Onde está a minha casa?

– Por que eu me sinto saudável?

– Cadê o carro?

Dhor não conseguia se concentrar. Tinha *tossido*. Em sua eternidade na caverna, nunca tinha tossido, espirrado ou sequer respirado com esforço.

– Fale conosco – disse Victor.

– Fale conosco – disse Sarah.

Dhor baixou os olhos para a mão direita. A carne tinha voltado a seus dedos. O punho estava cerrado. Ele o abriu.

Um único grão de areia.

Certa vez, na parede da caverna, Dhor entalhara a forma de um rolo de massa.

Ele simbolizava o nascimento do seu primeiro filho. O parto difícil, na época de Dhor, exigia que as parteiras massageassem a barriga da gestante com óleos ou com um rolo de massa especial. Dhor tinha visto fazerem isso no ventre de Alli, que gritara, e todos tinham rezado por ela. O bebê nascera saudável, e Dhor muitas vezes se tinha perguntado como uma coisa tão simples – um rolo de massa, encontrado até nas moradias mais pobres – podia afetar um evento tão monumental.

A resposta, como mais tarde lhe dissera um Asu, era que só um rolo de massa mágico era capaz de fazer isso. A magia vinha dos deuses. E, quando os deuses tocavam alguma coisa, o normal se tornava sobrenatural, o simples tornava-se miraculoso.

Um rolo de massa para trazer um bebê à luz.

Um grão de areia para fazer o mundo parar.

Agora, ao olhar para uma mocinha de calças de malha e um ancião de roupão de banho, Dhor percebeu que a magia dos elementos o levava até ali.

O que faltava ficaria a seu critério.

– Só nos diga – pediu Sarah, com a voz começando a tremer. – Nós estamos... mortos?

Dhor levantou-se com esforço.

– Não – respondeu.

Pela primeira vez em seis mil anos, sentiu-se cansado.

– Vocês não morreram – começou. – Estão no meio de um momento.

Mostrou o grão de areia:

– Este momento.

– Do que você está falando? – perguntou Victor.

– O mundo foi parado. A vida de vocês está parada nele, embora sua alma esteja aqui, agora. O que vocês fizeram até agora não pode ser desfeito. O que farão depois...

Hesitou.

– O quê? – disse Victor. – *O quê?*

– Ainda não está escrito.

Sarah olhou para Victor, que retribuiu o olhar. Ambos visualizaram o último momento de que tinham lembrança: Sarah arriada no carro, inalando veneno; Victor levantado em direção ao gelo, prestes a se tornar uma experiência médica.

– Como cheguei aqui? – perguntou Sarah.

– Eu a carreguei – disse Dhor.

– O que faremos agora? – indagou Victor.

– Existe um plano.

– Qual é?

– Isso eu ainda não sei.

– Como pode haver um plano, se você não sabe qual é?

Dhor esfregou a testa várias vezes. Encolheu-se.

– Você está legal? – perguntou Sarah.

– Dor.

– Não estou entendendo. Por que nós?

– O destino de vocês é importante.

– Mais do que o do resto do mundo?

– Não mais.

– Como você nos encontrou?

– Ouvei suas vozes.

– Pare! – exclamou Victor, levantando as mãos. – Pare com isso. Já chega. Vozes? Destino? Você é um sujeito que faz consertos numa relojoaria.

Dhor balançou a cabeça:

– Neste momento, não é prudente julgar com os olhos.

Victor desviou o rosto, tentando, como sempre, resolver as coisas sozinho, quando os outros eram incompetentes. Dhor ergueu o queixo. Abriu a boca. Suas cordas vocais transformaram-se nas de um menino francês de nove anos.

– *Faça ser ontem.*

Victor virou-se, reconhecendo o próprio som. Em seguida, a voz transformou-se em sua versão adulta mais grave:

– *Outra vida.*

Dhor virou-se para Sarah:

– *Faça-o parar* – disse, soando igualzinho a ela.

Sarah e Victor o fitaram, num silêncio perplexo. Como era possível que esse homem conhecesse seus pensamentos mais íntimos?

– Antes que eu viesse a vocês – disse Dhor –, vocês vieram a mim.

Sarah estudou o rosto dele:

– Você não conserta relógios de verdade, não é?

– Eu os prefiro quebrados.

– Por quê? – quis saber Victor.

Dhor olhou para o grão de areia entre seus dedos:

– Porque sou o pecador que os criou.



FUTURO



Nos tempos mais felizes de Dhor na Terra, um dia seu filho lhe fez uma pergunta incomum:

– Com quem eu vou me casar?

Dhor sorriu e disse que não sabia.

– Mas você disse que as pedras podem lhe contar o que vai acontecer.

– As pedras podem me contar muitas coisas – confirmou Dhor. – Podem me contar quando virá o sol, quando ele vai se pôr, quantas noites faltam até a lua ficar tão cheia quanto o seu rosto redondo.

Apertou as bochechas do filho. O menino riu, depois desviou o olhar e disse:

– Mas essas coisas são difíceis.

– Difíceis?

– O sol e a lua. Estão muito longe. Só quero saber com quem vou me casar. Se você sabe contar as coisas difíceis, por que não pode me contar esta?

Dhor sorriu consigo mesmo. O filho estava lhe fazendo o mesmo tipo de perguntas que ele fizera quando menino. E Dhor se lembrava da própria frustração quando não conseguia obter uma resposta.

– Por que você quer saber?

– Bem – disse o garoto –, se as pedras disserem que eu vou me casar com a Iltani, eu fico contente.

Dhor meneou a cabeça. Iltani era a filha bonita e tímida de um tijoleiro. Podia mesmo vir a ser uma noiva encantadora.

– E se as pedras disserem que você vai se casar com a Gildesh?

O filho fez uma careta, como Dhor esperava que faria.

– A Gildesh é muito grande e muito barulhenta! – protestou o menino. – Se as pedras contassem que eu vou casar com ela, eu fugiria agora mesmo!

Dhor riu e despenteou o cabelo do filho. O menino apanhou uma das pedras e a atirou longe, gritando:

– A Gildesh não!

Dhor ficou vendo a pedra voar por cima do quintal.

Agora, Dhor olhou para Sarah, relembrando esse momento.

Pensou no que teria acontecido com a pequena Gildesh – teria sido rejeitada pelos homens como essa mocinha, Sarah? Pensou na pedra do filho, voando pelo quintal, na ideia pueril de que era possível jogar fora o futuro, caso não se gostasse dele – e, de repente, soube o que precisava fazer.

Segurou a ampulheta, olhou para dentro e, como suspeitara, viu que a areia de cima permanecia em cima, e a de baixo continuava embaixo. Não escoava nada entre as duas partes. O tempo não estava fluindo.

Dhor apertou a tampa superior e novamente a removeu do relógio secular.

– O que está fazendo? – quis saber Victor.

– O que recebi ordens de fazer.

Dhor derramou no chão do depósito a areia da estrutura superior – do que ainda estava por acontecer – e ela caiu sem parar, mais areia do que parecia possível sair de uma centena de ampulhetas, quem diria de uma só. Em seguida, ele deitou a ampulheta de lado, e ela cresceu até ficar do tamanho de um túnel gigantesco, para cujo centro a trilha de areia conduzia, tremeluzindo como a luz da lua quando cintila no mar.

Tirando os sapatos, Dhor pisou na areia. Fez sinal para Sarah e Victor.

– Venham – disse.

Olhou para seus braços. Pela primeira vez em seis mil anos, estava transpirando.

Certa ocasião, Einstein postulou que, se a pessoa viajasse a uma velocidade enorme, o tempo desaceleraria em relação ao mundo que ela deixasse para trás.

Assim, pelo menos teoricamente, seria possível ver o futuro sem envelhecer com ele.

Sarah tinha estudado isso nas aulas de física. Victor também, décadas antes. Agora, no espaço cristalizado de uma única respiração, eles estavam sendo solicitados a testar a teoria, a avançar enquanto o mundo permanecia parado, a andar pela areia e entrar numa gigantesca ampulheta, a pedido de um sujeito magro, de cabelos escuros e suéter preto de gola alta, que, até onde eles sabiam, trabalhava numa relojoaria.

– Você vai? – perguntou Sarah, voltando-se para Victor.

– Não estou engolindo nada disso – respondeu ele. – Eu tinha documentos. Contratos. Alguém está sabotando meus planos de propósito.

Sarah engoliu em seco. Por alguma razão, queria mesmo que o velhote a acompanhasse, nem que fosse para não ir sozinha. Ele parecia ser o amigo mais importante que ela poderia ter.

– Por favor – pediu, baixinho.

Victor desviou os olhos. Toda a sua lógica lhe dizia não. Ele não conhecia essa jovem. E o sujeito da relojoaria podia ser qualquer um, qualquer charlatão, qualquer trapaceiro embromador. Mas o jeito de ela falar. *Por favor*. Por mais tolo que parecesse, era o som mais puro que ele tinha ouvido em meses. Poucas pessoas jamais chegavam perto o bastante de Victor para lhe pedir coisas num tom pessoal.

Ele correu os olhos pelas instalações do centro de criônica. Tudo que o esperava ali era um panorama congelado, intocável. Olhou para Sarah.

É quando estamos mais sozinhos que abraçamos a solidão alheia.

Victor segurou a mão dela.

Tudo escureceu.

No início, foi como galgar uma ponte invisível.

Avançaram por um vazio profundo e sem luz, sem enxergar nada além das pegadas que deixavam na areia e que desaparecia às suas costas, brilhando em tom dourado antes de sumir.

Sarah apertou a mão de Victor.

– Tudo bem com você? – perguntou ele.

A jovem fez que sim, mas apertou a mão dele com mais força ao começarem a descer. Estava trêmula, como se um destino terrível a esperasse. Sarah não era como ele, pensou Victor. Ele estava ansioso por ver como se desenrolaria sua segunda vida. Mas algo terrível tinha acontecido com essa garota. Por mais inteligente que parecesse, em seu íntimo ela era frágil.

Desceram para um nevoeiro. Quando ele se dissipou, estavam num armazém, com alimentos e bebidas empilhados nas prateleiras.

– O que é isso? – Victor perguntou a Dhor. – Onde estamos?

Dhor não respondeu. Mas Sarah reconheceu prontamente o lugar. Era o local de seu encontro fatídico com Ethan. “*Estou no depósito do meu tio, se vc quiser aparecer.*” Ela tinha repassado aquela noite inúmeras vezes – os beijos, a bebida, o modo como terminara. E, de repente, lá estava ele de novo, o rapaz dos seus sonhos, com as conhecidas calças jeans e o agasalho com capuz, caminhando em direção a eles. Sarah prendeu a respiração. Mas Ethan passou sem olhar.

– Ele não pode nos ver? – indagou Victor.

– Não estamos no tempo dele – retrucou Dhor. – Esses são os dias do futuro.

– Do futuro?

– Sim.

Victor notou a expressão de Sarah.

– É esse o sujeito? – perguntou.

Ela confirmou com a cabeça. Sentiu as pontadas da dor de amor, só por voltar a vê-lo. Se era esse o futuro, isso queria dizer que ela tinha morrido? E, se tinha, Ethan se arrependia do que fizera? Ele estava sozinho. Tamborilava no celular. Talvez estivesse pensando nela. Talvez fosse por isso que tinha ido ao armazém. Talvez chorasse a ausência dela, olhando para sua foto, como tantas vezes Sarah tinha olhado para a dele. Começou a se deslocar em direção ao rapaz, que nesse momento sorriu, levantou um polegar e exclamou “Ah!”. Um som de bipe indicou que estava jogando videogame.

Uma batida súbita chamou a atenção dele. Ethan abriu a porta do depósito e deixou entrar uma garota mais ou menos da idade de Sarah, cabelo arrumado, mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Sarah notou a maquiagem carregada.

– E aí?

Sarah encolheu-se. *Aquelas palavras.*

Escutou a conversa dos dois. Ouviu a garota dizer que era injusto o modo como as pessoas atribuíam a culpa a ele.

– Eu sei, não é? – disse Ethan. – Eu não fiz nada. A culpa foi *dela*. Está tudo fora de controle.

A garota tirou o casaco e perguntou se podia comer alguma coisa das prateleiras. Ethan pegou duas caixas de biscoitos e uma garrafa de vodca.

– Birita sempre dá certo – comentou.

Sarah sentiu uma fraqueza repentina, como se tivesse levado um pontapé nos joelhos. Seu último pensamento, ao mergulhar na morte, tinha sido que Ethan se arrependeria, que sua tortura íntima se igualaria à dela, de algum modo. Mas ferirmos a nós mesmos para infligir dor aos outros é só mais um modo de gritarmos pedindo amor. E esse grito – Sarah percebeu nesse momento, ao ver Ethan pegar dois copos descartáveis – fora tão pouco ouvido quanto os sentimentos que ela um dia tinha declarado nutrir por ele num estacionamento.

A morte dela fora tão insignificante quanto sua vida.

Sarah olhou para Dhor com ar suplicante:

– Por que me trouxe aqui? – perguntou.

As paredes pareceram derreter e o cenário mudou. Agora estavam no abrigo em que Sarah trabalhava aos sábados. Havia homens sem-teto fazendo fila para o café da manhã.

Uma mulher mais velha servia conchas de mingau de aveia. Um homem de boné azul deu um passo à frente.

– Onde está a Sarah? – perguntou.

– Ela não veio hoje – disse a mulher.

– A Sarah põe uma porção extra de banana.

– Está bem. Tome mais banana.

– Gosto daquela garota. Ela é calada, mas eu gosto dela.

– Faz umas duas semanas que não temos notícias dela.

– Espero que ela esteja bem.

– Eu também.

– Vou rezar por ela.

Sarah pestanejou. Não achava que alguém ali soubesse seu nome. Com certeza não achava que sentiriam sua falta, se não estivesse por lá. *Gosto daquela garota. Ela é calada, mas eu gosto dela.*

Observou o homem sentar-se ao lado de outros sem-teto. Apesar da situação terrível, eles iam tocando a vida, levando-a da melhor maneira possível. Sarah se perguntou como podia ter ignorado isso, todos os sábados, enquanto se deslumbrava tanto com um garoto. O homem que gostava de banana pensava mais nela do que Ethan.

A vergonha cresceu em seu peito.

Ela se virou para Dhor.

Engoliu em seco.

– Onde está minha mãe? – murmurou.

Mais uma vez, a cena mudou. Era dia e havia neve amontoadada junto ao meio-fio.

Sarah, Dhor e Victor encontravam-se no estacionamento de uma revendedora de automóveis. Um vendedor saiu do escritório, usando uma parca de inverno e segurando uma prancheta. Passou direto por eles e se aproximou do banco do carona de uma caminhonete cinza.

Lorraine estava sentada lá dentro.

– Isso aqui está um gelo – comentou o homem pela janela, sua respiração condensando em fumaça. – Tem certeza de que não quer entrar?

Lorraine balançou a cabeça e assinou depressa os papéis. Sarah se aproximou dela, com cuidado.

– Mamãe? – murmurou.

O vendedor levou a papelada. Lorraine o viu afastar-se. Espremeu os lábios com força, enquanto as lágrimas lhe rolavam pelas faces. Sarah lembrou-se de todas as vezes em que tinha chorado exatamente assim, nos braços da mãe, por causa de implicâncias na escola, por causa do divórcio. Por mais biruta que fosse às vezes, a mãe sempre tivera tempo para ela, sempre acariciara seu cabelo e lhe dissera que ia ficar tudo bem.

Agora, Sarah não tinha como fazer o mesmo.

Viu outro homem aproximar-se do carro, colocando papéis dobrados num envelope. Era seu tio Mark, da Carolina do Norte. Ele se sentou no banco do motorista.

– Bem, está resolvido – disse. – Lamento você ter tido que vir aqui, mas eles não aceitariam o carro se você não assinasse.

Lorraine soltou um suspiro miúdo:

– Nunca mais quero ver aquele carro.

– É – disse Mark.

Observaram em silêncio enquanto o vendedor conduzia o Ford azul para os fundos do estacionamento.

– Vamos embora – sugeriu Mark.

– Espere.

Lorraine manteve os olhos cravados no carro, até ele fazer uma curva e desaparecer. E então desabou, aos soluços.

– Eu devia ter estado lá, Mark.

– A culpa não é sua...

– Eu sou *mãe* dela!

– Não é culpa sua.

– Por que ela faria uma coisa daquelas? *Por que eu não percebi?*

Sem jeito, ele tentou abraçá-la no banco da frente, os casacos pesados roçando um no outro.

Sarah segurou os cotovelos. Sentiu-se corroída por dentro. Ficara tão obcecada com a ideia de fugir do seu sofrimento, que não tinha pensado no sofrimento que poderia infligir. Viu a mãe apertar o envelope junto ao peito, agarrada ao recibo referente a um carro que a filha usara para se matar, por ser esta a última coisa que tinha dessa filha.

Dhor colocou-se diante de Sarah. Repetiu baixinho a pergunta feita por Lorraine:

– Por quê?

Por quê?

Por que tirar a própria vida? Por que morrer numa garagem? Por que causar essa dor a qualquer pessoa a quem amasse?

Sarah queria explicar tudo: a humilhação da rejeição de Ethan, o sentimento de vergonha causado pelos amigos dele, o choque de ver seus segredos expostos numa tela de computador, com o futuro tão completamente estilhaçado diante dela, que morrer com os pulmões cheios de veneno parecera um alívio.

Teve vontade de culpá-lo, de culpar toda a sua porcaria de vida. Mas a visão de Ethan, a visão de sua mãe, a visão do mundo que viria depois do mundo que ela tinha conhecido, de algum modo tudo isso a levou ao fundo do poço, ao fim do autoengano, e a verdade a envolveu como um casulo. Tudo o que ela disse foi:

– Eu era muito *sozinha*.

E o Pai do Tempo retrucou:

– Você nunca esteve só.

Com isso, pôs a mão sobre os olhos de Sarah.

O que ela viu, de repente, foi uma caverna, e um homem barbudo com o rosto entre as mãos, fechando os olhos com força.

– É você? – murmurou ela.

– Longe daquela a quem amo.

– Por quanto tempo?

– Tanto quanto o próprio tempo.

Ela o viu aproximar-se da parede da caverna e entalhar um símbolo. Três linhas onduladas.

– O que é isso?

– O cabelo dela.

– Por que o está desenhando?

– Para me lembrar.

– Ela morreu?

– Eu também queria perecer.

– Você a amava muito?

– Teria dado minha vida por ela.

– Teria tirado sua vida?

– Não, minha criança. Não cabe a nós fazer isso.

Dhor percebeu, ao pronunciar essas palavras, que talvez tivesse sido mantido vivo durante tantos milênios apenas para esse momento. Viver sem amor era algo de que ele entendia mais do que qualquer alma na face da Terra. Quanto mais Sarah falava em solidão, mais clara se tornava a razão de ele estar ali.

– Fui uma completa idiota – lamentou ela.

– O amor não nos torna idiotas.

– Ele não retribuiu o meu amor.

– Isso também não faz ninguém ser idiota.

– Só me diga... – a voz dela embargou-se. – Quando para de doer?

– Às vezes, nunca.

Sarah viu Dhor barbudo, sozinho na caverna.

– Como você sobreviveu? – perguntou. – Todo aquele tempo, sem ter a sua mulher com você?

– Ela sempre esteve comigo.

Dhor tirou a mão dos olhos de Sarah. Viram a caminhonete afastar-se pela rua cheia de neve.

– Você tinha muitos outros anos – comentou ele.

– Eu não os queria.

– Mas eles a queriam. Tempo não é coisa que se devolva. O momento imediatamente seguinte pode ser a resposta a suas orações. Negar isso é negar a parte mais importante do futuro.

– Que é o quê?

– A esperança.

A vergonha assomou dentro dela, e de novo Sarah chorou. Sentiu mais saudade da mãe do que nunca.

– Eu sinto muito – disse, arquejante, com as lágrimas a lhe inundarem as faces. – É que parecia ser... o fim.

– Os fins são para ontem, não para amanhã.

Dhor acenou com uma das mãos e a rua se desfêz em areia. Os céus adquiriram um tom azul-escuro, quase negro, cravejados de inúmeras estrelas.

– Há mais coisas para você fazer nesta vida, Sarah Lemon.

– Jura? – murmurou ela.

– Quer ver?

Ela pensou um instante, balançou a cabeça.

– Ainda não.

E Dhor soube que ela começava a se curar.

Durante esse tempo todo, Victor observava.

Agora entendia a frágil postura da menina, seus ombros trêmulos, a voz hesitante. Ela tentara se matar por causa de um garoto (que parecia um vagabundo, pensou Victor, mas, enfim, seu julgamento não era imparcial; estava começando a gostar dessa Sarah). E finalmente a garota tinha se dado conta do que Victor poderia lhe ter dito muito antes: nenhum amor merece esse transtorno. Victor duvidava que Grace acabasse com a própria vida por causa dele, apesar do que ele pudesse ter feito. E por mais que a amasse, no fundo ele estava buscando um jeito de viver além da morte, mesmo que a mulher não o acompanhasse.

O que ainda não conseguia decifrar era como estavam sendo formadas essas alucinações e quem era, na verdade, esse sujeito da relojoaria. Atrás do balcão da loja, parecera sólido, saudável, quase indestrutível, mas agora parecia pálido, transpirava, e sua tosse estava piorando. Victor, ao contrário, nunca se sentira melhor – razão pela qual tinha certeza de que tudo isso era um produto imaginário de seu cérebro confuso. Ninguém acordava sadio, pura e simplesmente, e saía flutuando pelo tempo.

Observou Dhor, que estava curvado sobre a areia, passando os dedos por ela, e que por fim olhou para Victor:

- Também tenho uma coisa para lhe mostrar.
- Minha história é diferente – retrucou o milionário.
- Venha.
- Você sabe que eu tenho um plano, não é?

Dhor levantou-se sem dizer palavra, enxugou o suor da testa e fitou a própria mão, como se estivesse confuso. Retomou a caminhada lenta pela trilha, que se inclinava para cima como uma encosta de morro. Victor virou-

se para Sarah, que continuava às voltas com a perplexidade de ver sua vida revelada. Agora era ele quem queria companhia.

–Você vem? – perguntou-lhe.

A moça foi atrás dele. Começaram a subir.

Dessa vez, quando a névoa se dissipou, estavam novamente no depósito do centro de criônica.

Os imensos cilindros de fibra de vidro erguiam-se como monumentos. Um deles era ligeiramente menor e mais novo do que os outros.

– O que estamos vendo? – indagou Victor. – Isso é o futuro?

Antes que Dhor pudesse responder, a porta se abriu e Jed entrou. Foi seguido por Grace, que usava um casaco marrom de inverno. Ela se movia com cautela, olhando em volta a cada passo.

– Essa é a sua mulher? – murmurou Sarah.

Victor engoliu em seco. Sabia que Grace tomaria conhecimento do seu plano. Nunca tinha imaginado que ele a veria descobrindo tudo.

Viu Jed apontar para o cilindro menor. Viu Grace levar as duas mãos à boca. Não soube dizer se ela estava rezando ou escondendo sua repulsa.

– Ele está neste negócio? – perguntou ela.

– Ele insistiu em ter um só dele. – Jed coçou a orelha. – Sinto muito. Eu não fazia ideia de que ele não tinha lhe contado.

Grace estendeu os braços, sem saber se devia aproximar-se do cilindro ou se afastar dele.

– Pode-se ver do lado de dentro?

– Receio que não.

– Mas o corpo dele está ali dentro?

– O paciente.

– O quê?

– Nós dizemos “paciente”, não “corpo”.

– O quê?

– Perdoe-me. Sei que isso deve ser difícil.

Ficaram juntos num silêncio constrangedor, em meio ao zumbido baixo da corrente elétrica. Por fim, Jed pigarreou e disse:

– Bem... vou deixá-la sozinha. Fique à vontade para se sentar.

Apontou para o sofá mostarda. Victor balançou a cabeça, como se quisesse detê-lo. De repente, sentiu-se embaraçado, não só pela manipulação de sua morte, mas pelo sofá caquético que estava sendo oferecido à sua mulher.

Grace não se sentou.

Agradeceu a Jed e o viu afastar-se. Depois, aproximou-se lentamente do cilindro e deixou os dedos deslizarem pela superfície de fibra de vidro.

Seu lábio inferior pendeu. Grace soltou a respiração com tanta força, que os ombros arriaram e ela pareceu diminuir uns cinco centímetros.

– Grace, está tudo bem – disse Victor, num impulso. – É...

Ela esmurrou o cilindro com o punho.

Tornou a socá-lo.

Depois, lascou-lhe um chute tão forte que quase caiu para trás.

Quando se recompôs, fungou levemente e se dirigiu para a saída, passando pelo sofá mostarda sem dar sequer uma olhadela de relance.

A porta fechou-se. O silêncio pareceu dirigir-se pessoalmente a Victor. Dhor e Sarah o olharam, mas ele desviou o rosto, sentindo-se exposto. Na corrida para enganar a morte, tinha confiado mais nos cientistas do que na própria mulher. Negara a ela uma intimidade final. Não lhe deixara nem ao menos um corpo para sepultar. Como ela viveria seu luto, agora? Victor duvidou que algum dia Grace voltasse àquele lugar.

Olhou para Sarah, que baixou a cabeça, meio sem jeito.

Virou-se para Dhor.

– Apenas me mostre se funcionou – disse, num resmungo.

Abarrotado. Incrivelmente apinhado.

Foi essa a primeira impressão que Victor teve do futuro. Eles tinham seguido a areia pelo vidro gigantesco e descido do vazio para outro nevoeiro que se dissipou, revelando imensos arranha-céus, grudados uns nos outros, quarteirão após quarteirão, no que Victor presumiu ser uma grande metrópole dali a séculos. Quase não havia vegetação, e as cores eram poucas, resumindo-se praticamente aos azuis e cinzentos do aço. O céu era pontilhado por pequenas aeronaves inusitadas, e o próprio ar dava uma sensação diferente. Era mais denso, mais sujo e também frio, embora as pessoas não estivessem vestidas para essa temperatura. Seus rostos eram diferentes dos da época de Victor, as cores do cabelo assemelhavam-se a um sortimento de caixa de pintura, e as cabeças pareciam maiores. Era difícil diferenciar homens de mulheres.

Ele não viu nenhum velho.

– Isso ainda é a Terra? – perguntou Sarah.

Dhor confirmou com a cabeça.

– Então, eu consegui? – questionou Victor. – Estou vivo?

Dhor tornou a acenar com a cabeça. Os três estavam no meio de uma imensa praça urbana, com dezenas de milhares de pessoas andando apressadas à sua volta, baixando a cabeça para aparelhos ou falando com óculos escuros que flutuavam diante de seus olhos.

– Esse futuro é daqui a quanto tempo? – perguntou Sarah.

Victor inspecionou o ambiente:

– Se eu tivesse que dar um palpite, diria algumas centenas de anos.

Chegou quase a sorrir.

Como julgava a vida pelo sucesso e pelo fracasso, Victor acreditou ter vencido.

Tinha evitado a morte e ressurgido no futuro.

– E onde estou eu nisso tudo? – quis saber.

Dhor apontou, e a paisagem mudou. Agora estavam dentro de um imenso salão aberto, iluminado pelas laterais, todo em prata e branco, com tetos altíssimos e telas flutuando no ar.

Victor aparecia em todas.

– Que diabo está acontecendo? – perguntou.

As telas exibiam momentos de sua vida. Ele se viu na casa dos trinta anos, trocando apertos de mão numa sala de reuniões, na casa dos cinquenta, fazendo um discurso importante em Londres, e na faixa dos oitenta, no consultório médico com Grace, olhando para tomografias. Grupos de pessoas estudavam as telas, como se aquilo fosse uma exposição. Será que ele se tornara uma lenda no futuro? Um milagre da medicina? Quem sabe? Talvez fosse o dono daquele prédio.

Mas, de onde estavam tirando aquelas imagens? Esses momentos nunca tinham sido filmados. Ele viu uma cena de poucas semanas antes, quando olhava pela janela do escritório para um homem sentado em cima de um arranha-céu.

– Era você, não era? – perguntou a Dhor.

– Sim.

– Por que estava olhando para mim?

– Eu me perguntava por que você queria viver mais de uma vida.

– Por que não haveria de querer?

– Não é uma dádiva.

– E como você sabe?

Dhor enxugou a testa.

– Porque eu vivi.

Antes que Victor pudesse responder, houve uma comoção na galeria, agora totalmente repleta de espectadores.

Sentados em cadeiras flutuantes ou apinhados junto às paredes, eles reagiam de forma ruidosa ao que viam.

Nas telas, havia imagens da infância de Victor na França: Victor balançando no colo dos pais, Victor alimentado pela avó com uma colher de sopa, Victor chorando no enterro do pai e chorando ao lado da mãe. *Faça ser ontem*. A multidão soltou uma exclamação audível quando ele disse isso.

– Por que estão assistindo à minha vida? – perguntou. – Onde estou durante essa coisa toda?

Dhor apontou para um grande tubo de vidro num canto do local.

– O que é aquilo? – indagou Victor.

– Olhe e veja – disse Dhor.

Victor se aproximou com passos hesitantes, abrindo caminho pela aglomeração, como um fantasma. Chegou à frente e debruçou-se sobre o vidro.

Foi tomado por uma onda de horror.

No interior do tubo estava uma versão rosada e murcha do seu corpo, os músculos atrofiados, a pele manchada como se tivesse sofrido queimaduras, a cabeça ligada a fios em múltiplos pontos, os fios correndo para numerosas máquinas. Ele tinha os olhos abertos e os lábios entreabertos, com uma expressão de dor.

– Não é possível. – A voz de Victor se elevou. – Eu devia ter sido reanimado. Tinha documentos. Paguei um dinheirão!

Lembrou-se da advertência dos advogados: *Não há como garantir proteção contra tudo*. Teria ele cometido a tolice de ignorar esse aviso, na pressa de encontrar uma resposta?

– O que aconteceu? Quem é o responsável por isso?

As pessoas continuavam a se mover através dele, espiando o corpo nu como se olha para um aquário.

Victor virou-se para Dhor:

- Eu tinha documentos! Arquivos!
- Agora eles se foram – retrucou Dhor.
- Contratei pessoas para me protegerem.
- Também se foram.
- E a minha fortuna?
- Foi tomada.
- Havia leis!
- Há novas leis.

Victor arriou os ombros. Era realmente nisso que se transformara seu plano grandioso? Traição? Uma exibição futurista de anomalias?

- O que todos estão fazendo?
- Assistindo às suas lembranças.
- Para quê?
- Para se lembrarem de como é sentir.

Victor prostrou-se de joelhos.

Estava muito acostumado a ter razão em seus julgamentos. Teria sido poupado dos pequenos erros da vida, apenas para cometer o maior de todos no fim?

Estudou os rostos que assistiam a sua história. Pareciam jovens, em geral bonitos, mas vazios.

– Todos nessa época podem viver mais do que tínhamos imaginado – explicou Dhor. – Preenchem todos os minutos de vigília com atividades, mas são vazios. Para eles, você é um artefato. E suas lembranças são raras. Você os faz lembrar de um mundo mais simples, mais satisfatório. Um mundo que eles já não conhecem.

Victor nunca pensaria em si dessa maneira. Simples? Satisfatório? Ele não era sempre o apressado, o insaciável? Mas o mundo sedento de tempo só

fizera acelerar desde o seu congelamento, e ele percebeu que, em relação a esse futuro, Dhor tinha razão. Todas as imagens das telas demonstravam emoção. Suas lágrimas de menino quando a sacola de alimentos fora roubada. Os sorrisos tímidos ao conhecer Grace no elevador da companhia. Seu olhar saudoso ao ir embora, na última noite de sua vida.

Assistiu a essa cena, ele na cama, ela de traje de noite, saindo para o baile de gala.

Voltarei o mais rápido que puder.

Eu estarei...

O quê, meu bem?

Aqui. Estarei aqui.

Viu-a desaparecer no corredor, confiando que tornaria a ver o marido. Ele podia mesmo ter sido tão cruel assim? De repente, sentiu a mais intensa saudade de Grace. Pela primeira vez em sua vida adulta, quis voltar atrás.

As telas mostraram Victor vendo Grace sair. A multidão ficou de pé. A imagem passou para o interior do tubo de vidro, e uma lágrima rolou pela face do corpo aprisionado de Victor.

Ele sentiu outra descer por seu próprio rosto.

Dhor estendeu a mão e pegou a lágrima na ponta do dedo.

– Compreende agora? – perguntou. – Com o tempo infinito, nada é especial. Sem perda nem sacrifício, não podemos apreciar o que temos.

Examinou a lágrima. Pensou de novo na caverna. E soube enfim por que fora escolhido para essa viagem. Ele vivera uma eternidade. Victor queria uma eternidade. Dhor precisara de todos esses séculos para compreender aquela última coisa que o ancião lhe dissera, e que partilhou com Victor nesse momento:

– Há uma razão para Deus limitar nossos dias.

– Qual?

– É para tornar cada um deles precioso.

Só então o Pai do Tempo contou sua história.

Com a voz ficando áspera e a tosse, mais intensa, ele falou com Victor e Sarah sobre o mundo em que tinha nascido. Falou da vareta de sol que inventara, do relógio de água feito de tigelas, de sua mulher, Alli, de seus três filhos e do ancião vindo do céu, que o visitara quando menino e que o aprisionara quando adulto.

A maior parte da história soou implausível para seus dois ouvintes, embora, quando Dhor falou da subida na torre de Nim, Sarah tenha murmurado “Babel”, e Victor tenha resmungado “Isso é só um mito”.

Ao chegar à parte referente a seu período na caverna, Dhor pôs a mão sobre os olhos de Victor e o deixou ver os séculos de confinamento solitário, a solidão torturada de um mundo desprovido do que lhe era precioso – mulher, filhos, amigos, um lar. Uma segunda vida? Décima? Milésima? Que importância tinha? Não era a dele.

– Eu vivi – disse Dhor –, mas não estava vivo.

Victor assistiu às tentativas de fuga de Dhor, a seus murros nas paredes de pedra calcária, a seus esforços de rastejar para dentro da poça reluzente. E ouviu a cacofonia dos pedidos de tempo.

– O que são todas essas vozes? – perguntou.

– Infelicidade – respondeu Dhor.

Ele explicou que, depois que começamos a contar as horas, perdemos a capacidade de ficar satisfeitos.

Houve sempre uma busca por mais minutos, mais horas, um progresso mais rápido para realizar mais coisas a cada dia. A simples alegria de viver entre as alvoradas se perdeu.

– Tudo o que o ser humano faz hoje para ser eficiente, para preencher as horas – disse Dhor. – Isso não satisfaz. Só o deixa mais ávido de fazer mais. O ser humano quer ser dono da sua existência. Mas ninguém é dono do tempo.

Tirou a mão dos olhos de Victor.

– Quando se mede a vida, não se está vivendo – acrescentou. – Eu sei. – Baixou os olhos. – Fui o primeiro a fazer isso.

Agora seu rosto mostrava-se ainda mais pálido. O cabelo estava molhado de suor.

– Quantos anos você tem? – murmurou Victor.

Dhor balançou a cabeça. O primeiro homem a contar os dias não fazia ideia de quantos tinha acumulado.

Aspirou fundo o ar, numa inalação dolorida.

E desabou.

Os pulmões de Dhor lutaram por ar. Seus olhos reviraram. Ele fora atingido por uma antiga peste.

Durante seis mil anos, tinha sido imune ao passar dos momentos: o planeta envelhecera, e ele nunca usara uma respiração. Mas essa equação tinha mudado. Ele tinha feito o mundo parar. E quando o mundo não avançou mais, o Pai do Tempo continuou em frente. Sua pele manchou-se depressa. Seu declínio começou a alcançá-lo.

– O que está acontecendo com ele? – perguntou Sarah.

– Não sei – disse Victor.

Em volta deles, o futuro ia esmaecendo – os espectadores, o salão, o tubo que continha sua carcaça mortal, tudo derretendo como uma fotografia numa fogueira. A ampulheta encolheu para seu tamanho normal, e a areia novamente se acumulou na estrutura superior.

– Temos que ajudá-lo – disse Sarah.

– Como? Você viu o que ele passou. Como podemos ajudá-lo?

Você viu o que ele passou.

– Espere – pediu Sarah. Levantou o braço esquerdo de Dhor. – Pegue o outro – disse a Victor.

Cobriram os próprios olhos com as mãos dele. E ambos viram o mesmo momento: Dhor debruçado sobre sua mulher, cujo rosto transpirava, com a pele manchada de vermelho como estava a dele agora. Viram quando ele a beijou, misturando suas lágrimas às dela.

Vou fazer cessar o seu sofrimento, vou fazer parar tudo.

– Ah, meu Deus – murmurou Sarah. – Ela teve a mesma doença.

Viram Dhor correr para a torre de Nim. Viram sua subida desesperada. Viram o que outras pessoas da época atual tinham descartado como um mito impossível: a destruição da construção mais alta já erigida pelos homens.

E o único homem que Deus permitiu sobreviver.

Mas quando viram Dhor ser levado para a caverna, quando o viram ser saudado por um ancião de manto longo que perguntou *É o poder que buscas?*, Victor e Sarah soltaram as mãos dele ao mesmo tempo.

Entreolharam-se.

– Você também viu? – Victor perguntou.

Sarah fez que sim:

– Temos que levá-lo de volta.

Em sua vida normal, eles jamais se encontrariam.

Sarah Lemon e Victor Delamonte vinham de dois mundos diferentes, uma do ensino médio e de comida de lanchonete, outro de salas de reuniões e toalhas de mesa de linho branco.

Mas os destinos se ligam de modos que não compreendemos. E, naquele momento, com o universo parado, apenas esses dois podiam mudar o destino do homem que tentara modificar o deles. Sarah segurou a ampulheta, enquanto Victor retirava o fundo. Fizeram o que tinham visto Dhor fazer: derramaram a areia – desta vez, a da estrutura inferior, a areia do passado – e a espalharam, tal como ele tinha espalhado o futuro.

Feito isso, seguraram Dhor por baixo dos joelhos e dos ombros.

– Se isso funcionar, o que vai acontecer conosco? – perguntou Sarah.

– Não sei – disse Victor.

E não sabia mesmo. Dhor os retirara do mundo. Sem ele, não havia como saber para onde suas almas seriam levadas.

– Vamos ficar juntos, certo? – quis saber Sarah.

– Haja o que houver – garantiu Victor.

Levantaram o Pai do Tempo, pisaram na trilha e começaram a avançar.

Não houve testemunhas do que veio a seguir, e não há como saber quanto tempo levou.

Mas Victor e Sarah trilharam as areias do tempo passado, suas pegadas antes reluzentes deslocando-se do chão em direção aos seus pés.

Ao descerem, as brumas se dissiparam. Havia céus estrelados. Por fim, em meio a flocos de neve suspensos no ar, trânsito paralisado e pessoas imobilizadas na celebração de um novo ano, uma adolescente e um senhor idoso pararam diante de um toldo no número 143 da rua Orchard.

Aguardaram.

Uma porta se abriu.

E um rosto de aparência familiar, o do proprietário, agora trajando o manto branco que tinha usado na caverna, disse em voz suave:

– Tragam-no para cá.

Eles entraram na relojoaria e depositaram o corpo no chão.

- Quem é ele? – perguntou Victor ao ancião.
- Ele se chama Dhor.
- Foi mandado aqui por nossa causa?
- E por causa dele mesmo.
- Ele está morrendo?
- Sim.
- Nós estamos morrendo?
- Sim.

O ancião viu o medo no rosto de ambos. Sua expressão abrandou-se:

- Todos os que nascem sempre estão morrendo.

Victor olhou para Dhor, que mal conservava a consciência, e percebeu que estava enganado sobre quem ele era. Mas estivera errado sobre inúmeras coisas, até sobre o relógio de algibeira que Dhor escolhera, não por seu valor como antiguidade, mas pela lembrança que lhe trazia a pintura de uma família – pai, mãe e filho – na esperança de que Victor se desse conta do sentimento que o ligava a Grace, antes que fosse tarde demais.

- Por que ele foi castigado? – perguntou Victor.
 - Ele nunca foi castigado.
 - E a caverna? Todos aqueles anos?
 - Aquilo foi uma bênção.
 - Uma bênção?
 - Sim. Ele aprendeu a apreciar a vida que tinha levado.
 - Só que passou muito tempo – retrucou Sarah.
- O ancião tirou um anel do gargalo da ampulheta.
- Quanto é muito tempo? – perguntou.

Pôs o anel no dedo de Dhor. Um único grão de areia escapou de sua mão.

– O que vai acontecer com ele? – quis saber Sarah.

– Ele terminará sua história. Tal como vocês.

Dhor estava imóvel, de olhos fechados. As mãos caídas no chão, flácidas.

– É tarde demais? – murmurou Sarah.

O ancião pegou a ampulheta vazia e virou-a de cabeça para baixo. Segurou o grão de areia acima dela.

– Nunca é tarde demais nem cedo demais – respondeu.

E soltou o grão.

Não percebemos o som que o mundo faz – a menos, é claro, que ele pare. Então, quando começa, soa como uma orquestra.

Ondas quebrando. Vento que açoita. Chuva que cai. Pássaros chilreando. Em todo o universo, o tempo recomeçou a fluir e a natureza cantou.

Dhor sentiu a cabeça girar e o corpo cair. Acordou no chão, tossindo. Um sol alto e forte pendia no céu.

No mesmo instante, ele soube.

Estava em casa.

Fez força para se levantar. À sua frente estava a torre de Nim, com o topo nas nuvens. A trilha sob seus pés o levaria até lá.

Ele respirou fundo e virou na direção oposta. Tendo a oportunidade de fazer na vida o que ninguém jamais fizera, não relutou. Mudou a história de seus passos.

Voltou correndo para ela.

Em meio a ondas de calor e acessos de tosse sufocante, seguiu em frente, movido pelo desespero. Ainda que o esforço viesse a apressar sua morte, não diminuiria o ritmo. Uma frase lhe veio à lembrança – *o tempo voa* –, e ele a recitou repetidas vezes, para que isso o impulsionasse pelas montanhas até as planícies serranas. Só quando as pedras lhe pareceram conhecidas, só ao ver a cabana de junco, diminuiu o passo, como faz o homem que se aproxima daquilo que deseja, sem saber ao certo se poderá ser tudo o que tinha esperado. Será que se atreveria a olhar? Para tudo aquilo com que tinha sonhado? Tudo que o havia sustentado por uma eternidade?

Seu peito arfava. Ele estava encharcado de suor.

– Alli? – chamou.

Contornou a cabana.

Ela estava deitada sobre um cobertor.

– Meu amor – murmurou Alli.

A voz era a que ele sempre tinha recordado, e nenhuma dos bilhões de vozes que ouvira naquela caverna jamais se igualara à doçura desta, ou ao que ela o fazia sentir.

– Estou aqui – disse Dhor, ajoelhando-se.

Ela viu seu rosto:

– Você está doente.

– Não mais do que você.

– Aonde foi?

Ele tentou responder, mas já não conseguia discernir seus pensamentos. As imagens iam esmaecendo. Um homem idoso? Uma garota? Dhor tinha voltado ao próprio caminho, e a lembrança de sua vida eterna ia se desfazendo.

– Tentei parar o seu sofrimento – respondeu ele.

– Não podemos parar o que é escolhido pelos céus.

Ela deu um leve sorriso e pediu:

– Fique comigo.

– Para sempre.

Dhor tocou em seu cabelo. Ela virou a cabeça, sussurrando:

– Olhe.

Diante deles, o céu fora pintado com um deslumbrante pôr do sol, laranja, violeta e vermelho-cereja. Dhor deitou-se ao lado de Alli. A respiração arfante dos dois se sobrepunha. Houve uma época em que ele teria contado essas inspirações e expirações, mas nessa hora apenas ouviu, absorvendo o som. Olhou para tudo. Assimilou tudo. Sua mão pendeu, e ele se viu desenhando uma forma na areia, larga em cima, estreita no centro, larga embaixo. O que seria?

Soprou uma rajada de vento, e a areia ao redor do seu desenho espalhou-se. Ele entrelaçou os dedos nos da mulher, e o Pai do Tempo reacendeu uma ligação que só tivera com ela. Rendeu-se a essa sensação e sentiu as gotas finais da vida de ambos se tocarem, como água numa caverna, o teto encontrando o piso, o Céu encontrando a Terra.

Quando seus olhos se fecharam, abriu-se um par diferente de olhos, e os dois se elevaram do chão como uma alma compartilhada, subindo, subindo, sol e lua num mesmo céu.



EPÍLOGO



Sarah Lemon foi levada às pressas para o hospital.

Passou a noite lá. Seus pulmões ficaram limpos, a cabeça parou de latejar, e ela se lembrou da sorte que tivera por seu celular ter tocado, o toque alto de uma melodia de guitarra heavy metal – programado por Ethan – que indicava sua mãe ligando para lhe desejar um feliz Ano-Novo.

O barulho assustou Sarah o bastante para ela se dar conta do que estava acontecendo, e a adolescente apertou o botão que abria a garagem, puxou a maçaneta da porta do carro e caiu para fora. Rastejou pelo piso de concreto, tossindo violentamente, até chegar ao ar livre. Um vizinho a viu esparramada na neve e chamou a polícia.

Ela foi admitida no pronto-socorro quando o relógio batia as doze badaladas, e as pessoas ao longo de todo o litoral gritavam comemorando.

Na maca ao lado de Sarah havia um homem, chamado Victor Delamonte.

Fora admitido minutos antes, sofrendo de câncer e insuficiência renal. Ao que parecia, tinha deixado de fazer diálise, embora o homem que o internara houvesse dito apenas que ele estava reclamando de dores abdominais.

O que nunca se revelou foi como Victor tinha alterado seus planos para o fim da vida. Ao ser levantado para a imersão no gelo, seus olhos se abriram e ele viu Roger. Victor o tinha instruído, na conversa cochichada um pouco antes, naquela noite, que, se por alguma razão, qualquer razão, ele mudasse de ideia sobre a decisão tomada, indicaria isso enunciando uma única palavra, e Roger abortaria o plano.

Está entendendo? Sem hesitação, se isso acontecer?

Entendi.

E aconteceu. Uma palavra foi dita. Ao ouvi-la, Roger gritou:

– Parem agora mesmo!

Forçou o médico e o legista a recuarem, e chamou prontamente uma ambulância. Cumpriu as ordens do patrão, como sempre fizera, porque tinha ouvido uma palavra, e a palavra fora absolutamente clara:

– Grace.

Esta é uma história sobre o significado do tempo,

e ela começou num passado remoto, mas terminou há muitos anos, num salão de baile repleto, onde uma respeitada pesquisadora médica é aplaudida por uma multidão. Ela atribui o mérito a seus colegas. Fala em “trabalho de equipe”. Mas o homem que a apresenta expressa a opinião mundial de que a Dra. Sarah Lemon descobriu a cura da doença mais temida de nossa época. Isso salvará milhões de pessoas, e a vida jamais será a mesma.

Ela inclina a cabeça. Acena de leve com a mão. Agradece aos professores e companheiros de pesquisa, e apresenta a mãe, Lorraine, que está de pé, segurando a bolsa dela, e sorri. Sarah também observa que isso nunca teria sido possível se não fosse um benfeitor chamado Victor Delamonte, que, na época em que ela era candidata a várias faculdades, fez uma generosa doação de todo o valor necessário para custear seus estudos nas melhores universidades – graduação, especialização na área da medicina que desejasse, qualquer curso, até onde ela pudesse avançar –, por meio de seu testamento, documento que sofreu alterações drásticas pouco antes de ele morrer, vítima justamente da doença para a qual agora Sarah tinha descoberto a cura. Ele só sobrevivera por três meses, depois da noite em que estiveram juntos no pronto-socorro. Mas a mulher dele, Grace, disse que aqueles foram os meses mais preciosos de seu casamento.

– Muito obrigada a todos vocês – conclui Sarah.

A multidão fica de pé, ovacionando.

Enquanto isso, nessa mesma hora, numa via de paralelepípedos da baixa Manhattan, um novo inquilino está de mudança para o número 143 da rua Orchard. Uma turma de operários vai derrubando paredes, de acordo com as plantas.

– Opa! – exclama um deles.

– O que foi? – pergunta outro.

Lanternas são acendidas num espaço cavernoso, escondido abaixo do nível do piso. Nas paredes há entalhes, todas as formas e símbolos imagináveis. Num canto, vê-se uma ampulheta que contém um único grão de areia.

E, enquanto esse instrumento de vidro é levantado por operários curiosos, em algum lugar muito distante – um lugar indescritível nas páginas de um livro – um homem chamado Dhor e uma mulher chamada Alli correm descalços, subindo uma encosta de montanha, atirando pedras e rindo com seus filhos, e o tempo nunca lhes passa pela cabeça.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus. Não faço nada sem a graça d’Ele.

Alguns livros são mais difíceis que outros. Obrigado a todos que demonstraram paciência com este e acreditaram na ideia desde o começo. Minha família, meus irmãos, meus cunhados e meus amigos queridos.

Um obrigado especial a Rosey e Chad, que redefiniram a palavra “amigo”; eles preencheram os dias inclementes com um apoio interminável. Jamais os esquecerei. Um profundo obrigado também a Ali, Rosey, Rick e Tricia, que deram a este livro sua aparência inicial e me incentivaram, dizendo que o Pai do Tempo tinha uma história a contar.

Um infinito obrigado a Kerri, que não apenas leu e editou o texto, como evitou todas as perturbações, permitindo que a história respirasse e encontrasse seu lugar no mundo. E a Mendel, que é um preguiçoso, mas chegou ao escritório e foi a salvação da pátria.

Agradeço a David por um quarto de século confiando em mim, e a Antonella, Susan, Allie, David L. e o restante da Team Black Inc. por serem o que sempre são, um bote salva-vidas no oceano. Obrigado a Ellen, Elisabeth, Samantha, Kristin, Jill e toda a patota da Hyperion, e à Sally Anne pela publicidade. E um profundo agradecimento a meu editor, Will Schwalbe, que disse sim quando pedimos e me fez feliz.

Uma nota especial de agradecimento ao Instituto de Criônica do condado de Clinton, em Michigan, e aos membros da equipe, que compartilharam informações livremente para este romance. Embora Victor aprenda uma lição nestas páginas, não há intenção alguma de julgar a ciência da criônica ou as escolhas dos que a exercem e de seus pacientes. Afinal, esta é uma ficção.

Como em tudo, obrigado a minha mãe, meu pai, Cara, Peter e toda a minha extensa família.

Por fim, só existe uma Alli na minha vida, e tudo que Dhor via na dele eu vejo na minha, todos os dias. Obrigado, Janine.

E quanto a meus fiéis leitores, os que apanharam este livro sem nem perguntar sobre que era, vocês são a espinha dorsal do meu trabalho e os olhos que tenho em mente quando digito minhas frases. Possa eu continuar a lhes proporcionar uma fração da esperança e da inspiração que vocês me proporcionam.

Mitch Albom
Detroit, Michigan
Maio de 2012

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DO AUTOR



As cinco pessoas que você encontra no céu

Eddie é um veterano de guerra de cabelos grisalhos, prisioneiro de uma vida inexpressiva de mecânico de brinquedos em um parque de diversões à beira-mar.

Assim como o parque passou por transformações ao longo dos anos - do Trem Fantasma ao Toboágua -, a vida de Eddie também mudou, de uma juventude otimista a uma velhice amargurada. Seus dias são feitos de uma monótona rotina de trabalho, solidão e arrependimento.

Até que no dia do seu aniversário de 83 anos, Eddie morre num acidente trágico, tentando salvar uma menina de um carro que despenca da torre. Em seu suspiro final, ele sente duas mãozinhas nas suas - e nada mais. Acorda já na outra vida, onde aprende que o céu não é um Jardim das Delícias, mas um lugar onde nossa vida na Terra nos é explicada por cinco pessoas que dela tomaram parte.

Entes queridos, conhecidos ou estranhos, cada um desses personagens está, de alguma forma, ligado a acontecimentos que a influenciaram para sempre.

Uma a uma, as cinco pessoas vão esclarecendo as conexões ocultas da vida de Eddie. À medida que a história evolui para a sua surpreendente conclusão, Eddie busca desesperadamente a redenção no último ato de sua vida, cujo resultado ele ainda desconhece: terá sido um sucesso heroico ou um retumbante fracasso?

A resposta, surgida da mais improvável das fontes, é, tanto quanto o próprio céu, um vislumbre de inspiração divina.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios,

Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo;

A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e

Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br